

**A GEOGRAFIA DA ESPERANÇA
UM ROMANCE DOS PIONEIROS DE
BLUMENAU**

CHRISTINA ELISA BAUMGARTEN

HB EDITORA LTDA

Obra:

A Geografia da Esperança – Um romance dos pioneiros de Blumenau

Autora: Christina Elisa F. Baumgarten

Escritora, memorialista e biógrafa com 35 obras escritas, a maior parte delas já publicadas.

Editora: Hermann Baumgarten Editora Ltda. (HB Editora)

Obra publicada em primeira edição no ano de 2002, em edição parceira entre a Hermann Baumgarten Editora Ltda (HB Editora) e a Fundação Cultural de Blumenau, na gestão do Prefeito Décio Nery de Lima.

Tiragem da primeira edição: 15.000 exemplares (esgotada)

Segunda edição:

Revisada por Jairo Martins

Publicada em formato virtual para download via mídias sociais

Dedicatória:

“Este livro é dedicados a todos os pioneiros que, ao longa da nossa história, tiveram a coragem de trocar o conforto e a segurança de sua terra natal pela incerteza de novos e desconhecidos mundos, praticando assim uma geografia baseada muito mais na esperança do que na lógica.”

Prefácio

Percorrer cada linha desta consistente obra de Christina Baumgarten é um delicioso reencontro com nossas origens blumenauenses. Num estilo impregnado pela paixão por esta terra e pela sua gente, ela nos proporciona o resgate da saga dos colonizadores alemães, não com o distanciamento de quem aborda simples fatos históricos, mas revelando com vivacidade e imaginação tormentos e sonhos da trajetória dos pioneiros que para cá vieram, em 1850, sob a tutela do Dr. Hermann Otto Bruno Blumenau.

Personagens do passado, que, para a maioria de nós, normalmente restringem-se a nomes tornados impessoais pelo tempo, nesse seu **A Geografia da Esperança** readquirem dimensão humana, através de sentimentos, atos e palavras. Com talento maduro de uma boa romancista, a autora concebeu um trabalho literário que surpreende e emociona. A verdade histórica serviu de inspiração para esta reconstituição de episódios muitas vezes brutais, outras vezes irreverentes, protagonizados pelos imigrantes que ousaram desbravar esta região tropical então selvagem, deixando para trás uma Alemanha civilizada, porém assolada por grave crise social.

Christina Baumgarten não elaborou apenas um belo texto, que há de ficar registrado para sempre na memória cultural de Blumenau, seu esforço de criadora e de persistente pesquisadora assume proporções de um importante legado para nossa população e para todos aqueles que tiverem oportunidade de peregrinar por estas páginas. Devo admitir que o povo de Blumenau está recebendo um presente de inestimável valor para a compreensão da sua própria identidade.

Em **Espírito de uma Época**, biografia em homenagem ao bisavô, Hermann Baumgarten, ela já nos havia propiciado um prazeroso relato sobre a personalidade central, precursor do jornalismo em Blumenau. Não bastasse, aquele seu livro de estreia reconstituiu todas as facetas de um ciclo em que Blumenau recém iniciava a formação da sua sociedade.

Sinto-me afortunado por ter tido uma parcela – pequena, devo dizer – de uma cumplicidade na concepção desta outra obra. Mais do que qualquer estímulo ou apoio por nós destinado para sua concretização, é extremamente gratificante agora assumir a condição de leitor e viajar no tempo e na vida conduzido pelas palavras desta valorosa escritora.

Sua obra remete a questões ainda hoje inquietantes e insolúveis para consolidação de um mundo de justiça e dignidade para todos. Deixar o país de origem em busca de melhores dias nas longínquas florestas do Sul da América, sem dúvidas, representou uma decisão corajosa dos homens e mulheres que aqui se instalaram. Tal alternativa só se justifica pela falta de perspectivas de sobrevivência para eles na própria pátria germânica.

A imigração sob a qual floresceu nossa cidade e tantas outras do Brasil foi uma busca desesperada por inclusão social para milhares de cidadãos europeus. O orgulho que hoje sentimos por tudo o que Blumenau significa em desenvolvimento econômico, em atenção à criança e ao adolescente, em evolução da educação e da saúde e em avanços comunitários está eternamente enraizado na experiência de sacrifícios e de determinação dos nossos antepassados.

Impossível descartar nossas modernas conquistas da herança de persistência dos primeiros blumenauenses. A cada razão para nosso progresso temos por obrigação render um tributo àqueles que nos deram a maior lição da nossa história – acreditar na própria força e união!

Só isto é capaz de fazer-nos vencer os obstáculos para efetivar uma conjuntura mais justa e fraterna que ainda se colocam em nosso caminho.

A visão romanceada da nossa gênese colonial aqui apresentada por Christina Baumgarten é um elemento a mais para o fortalecimento de nossas convicções e valores mais puros. Sua profunda investigação sobre aqueles primórdios, associada a uma inquestionável capacidade ficcional, resultou numa obra originalíssima e primordial em qualquer situação.

O empenho desta jornalista e escritora na garimpagem destes remotos acontecimentos, numa tarefa quase arqueológica para permitir a ressurreição das rotinas e aflições dos precursores da cidade, merece nosso ilimitado reconhecimento. Parabenizá-la torna-se uma manifestação pouco

significativa, considerando que esta bela obra se sobrepõe a todos os pressupostos das convenções sociais. Nosso entusiasmo aumenta na perspectiva de que logo ela nos brinde com novas incursões literárias, sempre plantadas sobre nossas mais caras e autênticas tradições. Para nós, degustar, absorvendo frase por frase deste livro, é a melhor maneira de aplaudir a escritora.

Décio Lima
Prefeito Municipal de Blumenau

Condado de Brunswick
Abril de 1850

Os campos de centeio ondulavam ao vento, num movimento sedoso e harmônico que lembrava um mar avermelhado em dia de sol e placidez. Um som farfalhante, melodioso e calmante espalhava-se por ali, bem como um odor agreste que indicava a maturidade da planta, pronta para a colheita. Enquanto caminhava para lá, onde teria mais um árduo dia de trabalho, Paul Kellner pensava na injustiça de sua condição. Um dos filhos mais jovens de uma família de doze irmãos, restava-lhe, agora que o pai morrera, a modesta e nada atraente possibilidade de lavrar as terras de Theodor, seu irmão mais velho, herdeiro absoluto de tudo. Suas irmãs já estavam todas casadas, umas bem e outras nem tanto, e também poderia, caso quisesse, trabalhar com seu cunhado Mathias Weisser, do Condado de Klein-Endersdorf. Mas sabia perfeitamente que as condições seriam as mesmas, senão piores, do que aquelas enfrentadas aqui em Brunswick, onde vivia com a família. Embora já estivesse morando no celeiro por exigência do irmão herdeiro, que desejava mais espaço para seus filhos, contava ainda com a proteção de sua mãe, que sempre lhe reservava um prato especial de comida ou um agasalho mais quente para o rigor do inverno que, para quem dormia no celeiro, tornava-se ainda mais inclemente. Também gostava muito da companhia do seu jovem irmão Adolph, de apenas 17 anos, de quem tinha uma imensa pena, pois sabia que teria um destino similar ao seu. Paul não via perspectiva de vida, de crescimento, de nada... Que moça se casaria com um homem sem terra, fadado a trabalhar quase como um escravo para seu irmão? Seu desânimo refletia-se nos seus passos vagarosos, que o levavam mecanicamente para o campo dourado onde o centeio vicejava e ondulava ao vento, indiferente ao desespero do jovem rapaz. Pela estrada poeirenta, carregando as ferramentas do trabalho às costas, Paul era o retrato da desesperança. Embora tivesse apenas 23 anos, sentia-se velho e parecia-lhe carregar o peso do mundo nas costas. A iminente chegada do verão europeu punha cores e matizes nos campos, dando-lhes vida e um toque alegre, mas, tão logo o inverno voltasse, seriam novamente aqueles infundáveis meses de um frio intenso, tiritando no celeiro e se aquecendo perto dos animais para não morrer de frio. O trabalho, então, tornar-se-ia um pesadelo, com as mãos rasgando-se no gelo inclemente que recobria o mundo todo como um manto indevassável. Sem que percebesse, estes pensamentos faziam com que seus ombros caíssem e sua postura era, mesmo para quem visse de longe, a de um derrotado. Imerso em seus lúgubres pensamentos, Paul não percebeu a aproximação de seu jovem amigo Reinhold Gaertner. Este se achegou ao jovem e disse, batendo-lhe amistosamente nas costas:

- Amigo Paul, pareces um velho com esta cara de enterro... Por acaso viste uma bruxa a caminho dos campos? – E com esta pergunta abriu um imenso sorriso, abraçando o desconsolado rapaz.

- Ah! Reinhold, que motivo eu teria para sorrir e estar feliz? O verão chega e passa, e antes que eu perceba já é inverno outra vez e logo terei que enfrentar novamente seus rigores, o trabalho é duro e não termina nunca, meu irmão não me vê com simpatia, antes como um rival... Não sei o que esperar da vida!

- Meu amigo, mas que desespero é esse? A vida é cheia de oportunidades para um jovem feito tu, que tens força e vigor!

- Mas acontece que um homem sem terra não é nada! E as terras do meu pai estão irremediavelmente perdidas para mim, herdou-as meu irmão mais velho, como manda a maldita lei... Que moça vai querer casar com um homem sem terra, sem nada?!?

Reinhold olhou penalizado para seu amigo Paul e, colocando o braço sobre seus ombros, disse-lhe à guisa de consolação:

- Tenho certeza de que alguma solução vai surgir para ti, meu amigo! Eu mesmo não estou em muito melhor situação do que tu. Também nós, meus irmãos e eu, teremos que nos haver com as terras de papai quando ele se for... Isto sem falar que já está havendo escassez lá em casa, pois a família está ficando cada vez maior, com o casamento de Marie e de Johanna, e o nascimento de seus filhos!

- Pois é isto, meu amigo Reinhold! Não quero te contagiar com minha desesperança, mas que saída resta para nós, filhos mais jovens das famílias alemãs? Nossos irmãos mais velhos herdaram a terra, e se repartirem conosco, logo ficarão eles na rua da amargura... Eu até entendo que eles têm que pensar em suas próprias famílias, mas que não é justo, não é! E que outras chances poderíamos ter se a nossa nação está tão empobrecida, e não se aprumou mais desde a “Grande Fome” de 1815, quando foi devastada pelas tropas de Napoleão! As reflexões pessimistas de Paul caíram como um chumbo sobre os ombros de Reinhold, deixando taciturno quem era normalmente tão alegre.

Os amigos despediram-se numa curva do caminho, levando cada qual a sua preocupação para mais um dia de árduo trabalho nos campos de centeio e trigo maduros que reclamavam mãos fortes e habilidosas a colher os grãos dourados, que em breve iriam virar alimento.

Dois dias depois, enquanto Paul se erguia para aliviar a intensa dor que a posição necessária à colheita causava em suas costas, avistou seu amigo Reinhold correndo para ele como um louco, enquanto abanava seu chapéu de palha surrado.

- Paul, Paul, vem cá depressa! Tenho algo maravilhoso para te contar!

- Mas, que foi homem de Deus? Pareces um desvairado correndo desta maneira pelos campos! Descansa um pouquinho, senão pode te dar uma síncope...

Reinhold, no entanto, não teve paciência para esperar o fôlego voltar. Com a voz entrecortada pela respiração acelerada, começou a falar de maneira atrapalhada:

- Paul, nem imaginas o que aconteceu! Meu tio Bruno, irmão de minha mãe, chegou de viagem e... Adivinha! Ele tem a solução para o nosso problema! Ele vai fundar uma colônia para imigrantes alemães lá na América do Sul, num país chamado Brasil, e nós podemos ir junto com ele! É terra garantida, meu amigo, e terra da boa! Meu tio disse que aquele lugar é um verdadeiro paraíso... Não tem inverno, as terras são férteis, a natureza exuberante, um verdadeiro presente dos céus e...

- Calma, pelo amor de Deus. Estás me pondo nervoso! Explica direito isto tudo!

- Eu não vou explicar nada! Quem vai te explicar tudo é meu tio, ele está reunindo hoje à noite na taberna de Herr Bernhardt, interessados em emigrar. Só vim te avisar para estares lá, pontualmente às sete da noite, e saberás de todos os detalhes, está bem?

Com um abraço rápido e excitado, Reinhold saiu correndo pelos campos enquanto um estupefato Paul ficava olhando para o infinito. Uma chama de esperança começava a brotar em seu coração. Era ainda uma chama pequenina, quase inexistente, mas substituíam a aridez que havia morado ali durante os últimos meses.

A noite custou a chegar e Paul, de tão ansioso, acabou indo direto do trabalho para a taberna de Herr Bernhardt, esperar o horário da reunião diante de uma caneca de boa cerveja escura que o homem produzia ali mesmo. Cometeu até a imprudência de pedir um prato de carne de porco assada, fria, que veio servida com uma generosa porção de chucrute perfumado com *Kümmel* (cominho) e uma boa colherada de *Rettich* (raiz forte).

Logo começaram a chegar outros homens, a maior parte vestidos de maneira simples, demonstrando que retornavam de seus ofícios diários, homens do campo que voltavam de sua cansativa lida.

O vozerio tornou-se mais forte à medida que as canecas de cerveja se esvaziavam e as almas davam vazão à necessidade de expansão tão natural naqueles homens rudes e trabalhadores.

Quando a porta se abriu e Hermann Bruno Otto Blumenau entrou, fez-se um expectante silêncio, e todos os pares de olhos brilhantes cravaram-se no homem que representava, naquele momento, um laivo de esperança em suas vidas áridas e difíceis. Ao seu lado, estava o jovem sobrinho Reinhold, que sorria para todos com ar de fingida importância.

Blumenau era um homem imponente, não havia como negar. Seu corpo magro e elegante estava decentemente trajado com um terno preto e o colete de lã demonstrava sua suscetibilidade ao friozinho que ainda fazia ao cair da tarde. Respeitáveis suíças e um cabelo brilhoso, algo rebelde, completavam o quadro exótico que todos faziam dele, por vir e falar de terras tão distantes. Os olhares variavam, entre alguns esperançosos e a maioria desconfiados. Mas quando ele cumprimentou todos e começou a falar, houve tal ardor em suas palavras que a maior parte da resistência inicial caiu por terra. Suas palavras eram tão veementes, sua voz tinha tal entonação ao falar do paraíso que havia conhecido, que todos ficaram pelo menos balançados com sua

experiência. Blumenau expôs a sua ideia de forma sucinta e objetiva, a colônia que desejava iniciar naquele local que, dizia ele, só podia ser especialmente abençoado por Deus. Depois foi respondendo as perguntas que iam pipocando na sala cheia de homens que procuravam disfarçar a sua juvenil e natural curiosidade. A maior parte dos presentes eram homens jovens, ainda com a vida por fazer, mas havia também alguns mais velhos, em cujas barbas respeitáveis já despontavam fios brancos.

- Quem desejar, pode fazer a sua inscrição aqui com meu sobrinho Reinhold. Eu estarei fora nas próximas semanas, fazendo palestras em diversos outros condados e ducados, a fim de arregimentar mais voluntários. Pretendo enviar o primeiro navio de colonos com um grupo de pelo menos uns cem participantes até o mês que vem sem falta, a fim de fazer crescer com rapidez o nosso pequeno paraíso!

Sem pestanejar, Paul aproximou-se da mesa onde Reinhold, todo orgulhoso, acabava de escrever o seu nome no topo da página branca e imaculada.

- Pode pôr o meu nome aí também, meu amigo! Nesta, nós vamos juntos!

Logo em seguida a Paul estava postado Franz Sallenthien, que era mais ou menos da idade deles. Embora fosse também lavrador, tinha um porte imponente e parecia um próspero comerciante, com suas roupas apumadas e bem limpas. Fora um dos únicos presentes a ir até a sua casa, para trocar de roupa e comparecer limpo à reunião. É que sua irmã mais velha nutria por ele um sentimento muito forte e cumulava-o de atenções especiais.

Franz pediu que Reinhold escrevesse o nome dele logo abaixo dos deles e saiu do salão discutindo com seu irmão mais velho, que estava junto e não tinha gostado nada da ideia.

- Parece que és louco, meu irmão! Ir para um lugar nos confins do mundo, com uma pessoa desconhecida... Imagina só a viagem, para começar! De que horrores e perigos não será feita! Não posso entender como acreditas nas balelas e promessas deste homem... Parece que perdeste o juízo, homem! Pensa só no desgosto que darás a Gretchen, nossa irmã...

- Até parece que a vida aqui está muito boa, irmão! Então não sabes como está difícil a cada ano... Lá pelo menos eu tenho a esperança, coisa que aqui eu já perdi! E quanto a Gretchen, quero criar um pequeno paraíso e levá-la para lá também, em menos tempo do que todos esperam!

Suas vozes se perderam na escuridão, deixando mudos e ensimesmados aqueles que ali permaneciam presas de dúvidas e angústias íntimas. Naquela noite, apenas aqueles três homens inscreveram-se para a temerária aventura de Hermann Bruno Otto Blumenau, que se aproximou do sobrinho e de Paul, batendo-lhes amistosamente nos ombros dizendo:

- Vocês tomaram a decisão certa, meus jovens! Verão que a sorte lhes sorrirá e não se arrependerão desta atitude! Em breve seremos um verdadeiro exército de homens e mulheres prontos para o desafio do mundo novo.

Quantas decepções esperavam o bravo Blumenau já naquele início de empreitada! Com muita dificuldade arregimentou umas cinquenta pessoas dispostas a desafiar o desconhecido, isto depois de visitar inúmeros condados, ducados, principados e cidades livres como Hannover, Hamburg, as regiões da Prússia, Saxônia e muitas outras, sempre falando para assembleias algo descrentes, arregimentadas entre os colonos locais, entre os quais grassava o descontentamento. Blumenau acreditava fielmente numa vida melhor para aquela gente sofrida, que já não tinha grandes chances em seu país de origem, e queria acreditar numa vida melhor longe dali. Os últimos invernos tinham sido rigorosos, as colheitas deixado a desejar e muitas famílias passavam fome. O sistema de distribuição de riquezas, ainda baseado no modelo medieval que relutava em cair, é que causava este estado de coisas, que a tantos desagradava.

Mas naquela longínqua noite, só o que havia no coração de Reinhold, Paul e Franz, os três jovens agricultores alemães, era uma grande e iluminada esperança de uma vida melhor. Para eles, a sorte estava lançada!

Cidade de Hettstedt
Abril de 1850

O solar dos Friedenreich era uma construção sólida de alvenaria estrategicamente localizada no meio de um denso arvoredo. As paredes estavam quase que praticamente tomadas por uma hera de um verde intenso, que cobria boa parte da construção, deixando apenas as janelas a salvo daquela invasão verde. Os reposteiros imponentes deixavam antever um ambiente sóbrio, porém de extrema limpeza e organização. Era uma mansão que estivera na mesma família por muitas gerações, e fora passando de pai para filho como mandava a tradição germânica. Com a ruína, os herdeiros resolveram alugar a morada e a família Friedenreich sentira-se muito feliz em passar a morar lá, na pequena e centenária cidade de Hettstedt, para onde resolveram se mudar depois da formatura de Wilhelm, como cirurgião, em Berlim.

Na sólida porta de carvalho que encimava a entrada de uma escada de dois lados, destacava-se uma aldrava de metal brilhante, que ressoava pelo parque que circundava a casa, sempre que acionada. Naquele momento, um grupo de circunspectos cavalheiros estava reunido na sala de visitas do solar, enquanto uma empregada silenciosa acendia as velas e lamparinas para fazer frente à escuridão que já ia descendo sobre o local.

Os galhos dos velhos carvalhos lançavam sombras fantasmagóricas sobre o solar, que estava imerso no silêncio daquele entardecer. Lá dentro do salão, no entanto, nada estava em silêncio. A assembleia composta por uns vinte homens, todos de aspecto sério e compenetrado, estava agitada e quase todos falavam e gesticulavam ao mesmo tempo. Uma voz enérgica e soberana sobrepujou a algaravia que estava se formando e exigiu em altos brados:

- Senhores, de nada adianta polemizarmos e nos inflamarmos tanto!

Estamos todos de acordo num ponto: não podemos concordar com esta lei bárbara imposta por este governo corrupto que se aproveita das consequências da Revolução para tirar as terras de quem bem entende. Não podemos nos calar, devemos protestar oficialmente contra esse estado de coisas e exigir as terras de volta aos seus legítimos proprietários!

O pleito suscitou novos apartes enérgicos de muitos dos presentes, mas por fim foi aprovado por falta de outra medida que pudesse resolver o problema. Embora relutantes, Karl e Peter Danker começaram a lavar o documento, manejando a pena e as tintas que Friedenreich trouxera até a mesa. Uma rodada da quente e escura cerveja produzida na casa pelas habilidosas mãos de Minna, esposa de Friedenreich, estava sendo servida enquanto a discussão seguia acalorada.

Neste momento ressoaram com força as batidas da aldrava na imensa porta de carvalho da entrada. Alguns instantes depois, a empregada surgiu seguida de um oficial e cinco gendarmes da força de polícia de Hettstedt, todos de rosto duro e passos firmes que ressoavam no chão lustroso da casa. O oficial virou-se para os presentes e perguntou:

- Quem é Carl Wilhelm Friedenreich, dono desta casa?

Imediatamente, Wilhelm identificou-se com um passo à frente, dizendo:

- Sou eu, senhores, em que posso ajudá-los?

O seu perfil imponente destacou-se logo no meio dos estupefatos presentes, que não conseguiam atinar como os policiais haviam tomado conhecimento da reunião naquela hora e exatamente naquele local. Percebia-se, pelos semblantes dos presentes, que muitos começavam já a se acovardar de terem comparecido à reunião convocada pelo valente Friedenreich, ele que nem tinha terras ameaçadas ou tomadas pelo governo. Quando Friedenreich deu alguns passos à frente, sua natural elegância destacou-se. Era alto, encorpado sem ser gordo, e seus cabelos, de um castanho vivo e algo arruivado, destacavam os olhos de imenso azul, que impunham pelo olhar a força de um caráter ímpar.

O oficial foi logo dizendo, saboreando um pouco de surpresa que iria causar:

- Pois o senhor considere-se preso, acusado de alta traição contra o governo, e todos que aqui estão presentes serão também detidos para averiguações.

E sem esperar mais nada, fez um sinal imperioso para os gendarmes, que logo rodearam Friedenreich, conduzindo-o para a porta de saída. Minna veio correndo, mas bastou um olhar

imperioso do marido para que ela ficasse imóvel, apenas observando a cena com os olhos gelados de pavor e um frio atravessando-lhe os ossos. Com um olhar, que ela já aprendera a conhecer naqueles poucos anos de convivência, entendeu o que ele queria que ela fizesse e mentalmente já se punha a tomar providências enquanto assistia inerte, à prisão do adorado marido.

Assim que o cortejo das carruagens partiu, Minna chamou a empregada, deu uma série de recomendações, colocou uma capa de veludo preto sobre o simples vestido de trabalho que estava usando em casa e que mal disfarçava o seu estado adiantado de gravidez e, cobrindo a cabeça com o capuz, partiu na carruagem da família em desabalada carreira.

Ao chegar à pequena cidade, a carruagem que conduzia Minna desviou-se para a direita numa poeirenta viela, até chegar a uma imponente mansão do século passado, que ostentava, já na fachada, a opulência de seus proprietários. Ela entrou sem mais delongas e foi logo recebida por um cavaleiro de aspecto sóbrio, uma das maiores personalidades do local e amigo dileto de Friedenreich. Contou tudo o que acontecera de maneira algo atropelada, revelando seu nervosismo e apreensão. A esposa de Herr Hartentall, que chegara à sala logo depois que Minna fora recebida pelo seu marido, interrompeu sua exposição entrecortada e foi dizendo:

- Rupert, vamos acalmar Minna, pelo amor de Deus! Olha o estado dela, pode até perder o bebê se continuar assim... Fique calma, vamos providenciar um chá e logo poderás explicar tudo com mais calma.

Depois de uma chávena de chá e algumas inspirações profundas, Minna pôs o amigo da família a par do ocorrido e perguntou-lhe, com ar perdido e assustado:

- Herr Hantentall, o que eu posso fazer? Uma simples mulher sozinha, com pouco dinheiro, no meu estado... Como eu vou ajudar meu marido?

- Não se preocupe, para tudo se dá um jeito... Só na morte não se dá jeito, minha cara! Vá para casa e fique tranquila, que amanhã cedo eu mesmo vou me inteirar da situação e depois sigo para sua casa, para lhe dar notícias e ver o que podemos fazer em prol da liberdade do meu amigo Wilhelm.

Choque e desespero passavam pela cabeça de Minna. Embora jovem, já enfrentava muitas situações difíceis em sua vida, pois o pai enviudara jovem e ela, como filha mais velha, assumira involuntariamente o comando da casa. Mesmo assim, nada a preparara para uma situação como aquela. Eles eram um jovem casal, casados há apenas três anos, e estavam começando a vida ali em Hettstedt, cheios de esperança e sonhos. Ela já se acostumara a ver a cidadezinha como o seu novo lar, e planejava viver lá por muitos anos, quem sabe até o fim da vida, criar os filhos, construir um lar, ajudar nas obras da igreja... Enfim, eram tantos planos, simples, mas operosos e agora parecia que tudo estava a ruir como um pesadelo que se abatera, escuro, negro e inesperado, sobre a sua vida. Enquanto alisava o volumoso ventre que revelava uma gravidez quase a termo, pensava na pequenina Clara, sua primogênita e que estava agora com quase dois anos. Estaria assustada em casa, só com a empregada, pensando no que estaria ocorrendo?

Enquanto estes sombrios pensamentos lhe ocorriam, a carruagem passou pelo prédio da administração municipal e a silhueta lúgubre da cadeia pública refletiu-se por alguns instantes sobre ela. Minna não se conteve e, em silêncio, derramou lágrimas de dor e apreensão.

Enquanto isso, lá dentro, Wilhelm já tinha sido conduzido a uma cela fétida, escura e fria e, sem maiores explicações, jogado no catre que fazia as vezes de cama.

Só com seus pensamentos, esquadrinhava a mente procurando uma saída para a sua situação. Sabia que sua atitude havia sido temerária e agora o governo tinha provas fartas para acusá-lo de traição, mas a sua revolta maior era com a injustiça da situação.

- Não é possível que esses ratos desrespeitem a justiça a este ponto. Eles estão se aproveitando da situação caótica de pós-revolução para benefício próprio, e eu não posso me calar... São tantas pessoas prejudicadas e arruinadas por causa disso... E seus pensamentos voaram para seus pacientes, na maioria pessoas simples que viviam da terra e que tinham tido suas propriedades confiscadas sem maiores explicações, de um dia para o outro. Havia ficado na miséria com toda a família, e sentiam-se verdadeiramente desesperançosos e sem rumo. Wilhelm não podia se calar, e desde que soubera destes fatos, tinha iniciado uma verdadeira cruzada para reverter a situação, embora ele pessoalmente não tivesse sido afetado pelas medidas. Mas seu senso de justiça era

profundamente arraigado por uma educação reta e justa que recebera de sua família, tradicional da cidade de Damme, na província de Brandenburg.

- Eu sei que perturbei os planos nefastos de alguns corruptos que queriam se aproveitar da situação, locupletando-se com estas medidas injustas... Só não sei como me safar desta enrascada... Minna, no entanto, saberá recorrer às pessoas certas para me ajudar – pensou, cheio de esperança, lembrando seu influente amigo Hartentall. Friedenreich era muito benquisto e respeitado na cidadezinha e conquistara muitos fiéis amigos com sua probidade e solicitude em atender a todos, a qualquer hora, pudessem eles ou não pagar pelos seus serviços médicos. Enquanto a noite caía completamente em Hettstedt, os corações estavam apertados dentro do peito, pensando na insegurança do futuro que os esperava.

Naquela noite, Herr Hartentall fugiu da sua tradicional rotina e foi até o salão paroquial, no qual se realizaria uma estranha e diferente reunião. Um tal de doutor Blumenau, originário da cidade de Hasselfelde, no condado de Brunswick, vinha falar sobre a emigração para um país exótico nos confins da América, e esta parecia ser a solução para o problema de seu grande amigo Wilhelm Friedenreich. Sem algo assim drástico, ele com certeza amargaria pelo menos uns dez anos na prisão da cidade e estaria com a vida acabada. E o que dizer da jovem e bela Minna, com seus olhos azuis da cor do céu de outono, tão **bela** e apaixonada pelo marido, que lhe implorara com tanta paixão para ajudá-lo. Isto sem falar nas duas crianças, uma em tão tenra idade e a outra ainda nem nascida, e já condenadas ao opróbrio público e sem futuro. Não, definitivamente ele tinha que ajudar seu amigo. Esta ideia da emigração parecia ser a solução para todo o caso.

Naquela noite, no salão paroquial da pequena cidade de Hettstedt, a cena da visita de Hermann Bruno Otto Blumenau repetiu-se, como vinha acontecendo em tantas outras cidades, vilas e lugarejos. Ele falava e logo seu ardor e o brilho especial de seus olhos a todos contaminava. Embora também narrasse dificuldades e agruras da terra selvagem, decantava com tanto entusiasmo sua beleza e colorido exótico que todos esqueciam o lado negativo, fixando sua imaginação na beleza incomparável das paisagens descritas.

Ao final da reunião, Herr Hartentall aproximou-se de Blumenau e, puxando-o para o lado, confidenciou:

- Tenho uma família interessada em aderir à vossa empreitada, mas é preciso que saiba de algo muito importante. O homem em questão, médico cirurgião dos melhores, pai de família exemplar e cidadão livre de qualquer mancha, está preso na cadeia local...

Blumenau olhou assustado para seu interlocutor, deixando transparecer, nos olhos, um pedido mudo de mais explicações. Hartentall não se fez de rogado e, logo, contou-lhe toda a história de Friedenreich.

Ao final da narrativa, Blumenau ficou alguns segundos em silêncio, olhando intensamente nos olhos de seu interlocutor. Depois de alguns segundos, olhou para o alto, como se visualizasse um mundo que ninguém mais via e disse, em alto e bom som:

- Este homem me serve! De que utilidade será um médico cirurgião em minha colônia, podendo aliviar dores e curar males! O que ele fez ou deixou de fazer não é da minha conta, mas, se é como dizes, ele é muito mais vítima do que malfeitor. E se é assim como me contas, que bem maior do que a liberdade poderíamos dar a este homem? Em minha colônia ele poderá ser realmente livre e viver de conformidade com seus ideais mais puros!

- Apenas acho que seria de bom alvitre evitar a divulgação de sua real profissão nos papéis que serão encaminhados à emigração, para impedir que detectem a sua intenção de fugir para este tal de Brasil. Coloque apenas que é veterinário, assim despistamos os agentes do governo que, de outra forma, poderiam perceber a nossa intenção de dar-lhe fuga e, desta forma, abortar nosso plano.

- De acordo. Nos papéis que vou encaminhar mencionarei que é um veterinário e sua família que seguirão para o Brasil juntamente com meus outros colonos emigrantes. Mas como pretendes dar-lhe fuga, achas que conseguirás êxito nesta empreitada?

- Tenho certeza que sim! Friedenreich é pessoa muito estimada na comunidade, fez muitos amigos ao longo dos últimos tempos e há muitas pessoas influentes que não concordam com sua prisão. Quanto a isto, não se preocupe, já tenho tudo arranjado!

Depois das providências práticas e da inscrição de mais alguns nomes, diligentemente anotados por Reinhold, que acompanhava o tio para ajudá-lo na tarefa de arregimentar homens para a sua colônia no inexplorado sul do Brasil, o salão ficou vazio e quieto, como vazio e quieto estava o coração daquele médico alemão mantido injustamente na prisão e o de sua esposa que, no recesso do lar, amargava horas de desespero e ansiedade. Justamente naqueles dias entrara em trabalho de parto e, agora, a pequena Alma fazia parte da família Friedenreich.

Também para eles a sorte estava lançada.

Cidade de Hamburgo
Maio de 1850

Embora fosse verão na Europa, um vento frio e cortante gelava até os ossos do pequeno grupo de viajantes que aguardavam para embarcar num brigue que estava de partida. Hermann Bruno Otto Blumenau conversava com seu sobrinho e demonstrava pelo seu tom de voz que estava muito ansioso:

- Reinhold, tens certeza de que podes cuidar de tudo mesmo? Olha, são uns cinquenta homens que tenho inscritos para viajar contigo, e a reserva já está feita na Cia. Christian Mathias Schroeder & Co. Eles vão embarcar vocês num veleiro que faz transporte de açúcar e café da América. Já escrevi a todos aqueles que se dispuseram a partir para a nossa colônia, e estou esperando a resposta afirmativa de todos. Tu podes mesmo cuidar de tudo e chegar com eles sãos e salvos?

O tom ansioso da pergunta expressava toda a angústia e preocupação do colonizador, e o peso de sua responsabilidade. Blumenau estava de partida para o Brasil, seguia antes de seus colonos para preparar-lhes a chegada. Como tinha fechado uma sociedade com Ferdinand Hackhardt, um comerciante que vivia no Desterro, capital da província para onde todos estavam indo, sentia-se relativamente tranquilo, pois o mesmo ficara cuidando das primeiras providências necessárias. Quando conversava com as pessoas ali na sua terra, tentando demonstrar a importância de seu empreendimento exótico, sempre os tranquilizava, dizendo:

- Enquanto estamos conversando, meu sócio Hackhardt está cuidando das instalações iniciais necessárias ao estabelecimento da colônia. Quando chegarmos lá, já teremos uma serraria em pleno funcionamento, os primeiros ranchos e casas, barracões para a recepção dos primeiros moradores, enfim, todo o básico para nos instalarmos.

Por pouco Blumenau não deixou para viajar com seus primeiros cinquenta colonos, tão confiante estava nas providências de seu associado que lá ficara, depois de terem conhecido juntos aquele pedaço esquecido de paraíso e terem assinado a compra das terras.

Mas, enfim, resolvera viajar com antecedência e agora despedia-se, não sem grande ansiedade, do filho de sua dileta irmã Emilie e que ficara encarregado tanto das providências finais quanto de viajar com seus colonos. Embarcou no veleiro com um peso no coração, como se algo lhe dissesse para ir e não ir ao mesmo tempo.

Naquela noite, Reinhold encontrou-se num hotel, cujo dono era um amigo da mesma cidade de Brunswick, com Julius Richter, um geômetra e agrimensurador que tinha se comprometido a seguir com eles para o Brasil. Sua adesão era da maior importância para seu tio, pois o mesmo estava capacitado a medir e demarcar os primeiros lotes da colônia, serviço indispensável para o bom andamento das coisas. Os dois estavam sentados a uma mesa do bar que o hotel tinha de frente para a rua e que servia, além dos hóspedes, os transeuntes que entravam em busca de uma caneca de cerveja fresca ou de um bom vinho do Reno. Conversavam livremente sobre o assunto, combinando detalhes da viagem e planejando os primeiros tempos na nova terra, enquanto brindavam com mais uma caneca de cerveja. Um homem atarracado, cujas roupas demonstravam ser de um trabalhador voltando para casa depois de um dia de intensa labuta, comprovada pelas muitas farpas de madeira presas em seu casaco, prestava uma atenção enorme ao que falavam, não perdendo uma só de suas palavras. Depois de alguma relutância, aproximou-se da mesa e disse:

- Boa tarde, senhores! Permitem que eu me apresente? Meu nome é Friedrich Riemer, sou natural da Prússia, mas resido em Hamburgo há alguns anos, trabalhando como marceneiro. Não pude deixar de ouvir a sua conversa e fiquei sobremaneira interessado. Como é mesmo esta história de emigrar para a América?

A conversa generalizou-se e Reinhold, como sempre que alguém lhe dava corda, falou longa e entusiasmadamente sobre o empreendimento de seu tio Bruno, pois havia sido contagiado pelo seu entusiasmo e amor, e acreditava tanto quanto ele que a colônia seria um sucesso. Otimista incorrigível, Reinhold não divisava os obstáculos e tudo lhe parecia perfeitamente encaixado. Sua única preocupação era os cinquenta inscritos, pois não acreditava que todos cumpririam sua palavra.

Por isso, alguém interessado para ele era algo da maior importância e concentrou-se em explicar, da melhor maneira, todo o empreendimento.

- Mas como é que sabes de tudo isto? – admirou-se Riemer. – Já estiveste lá?

Reinhold riu e respondeu, explicando que, ao longo das últimas semanas, havia viajado com seu tio por muitos lugares, procurando arregimentar colonos, e havia praticamente decorado o discurso do tio.

- Então tudo isto é, para ti, uma suposição? Não tens medo de te decepcionar?

- Nunca! Tenho certeza de que, se meu tio assim falou, é porque assim é. Dizes isto, pois não conheces meu tio, um homem de honra que jamais enganaria alguém...

- Não estou querendo dizer isto, mas a verdade é que estás assumindo o sonho de outra pessoa e andando no escuro, não é mesmo?

- E não é isto que todos nós estamos fazendo? – interferiu Julius Richter, explicando também ao novo amigo como conhecera Blumenau e havia entrado em seu sonho, embora fosse para ele um total desconhecido.

- Eu já ouvi falar muito sobre emigração, inclusive participei de uma reunião feita aqui em Hamburgo, há alguns meses, quando estavam arregimentando pessoas para emigrar para a América do Norte, mas embora a ideia me pareça atraente, não senti tanta confiança quanto a que percebi na conversa de vocês hoje à noite – explicou o marceneiro.

A conversa prosseguiu entre muitos goles de cerveja, e quando se aproximava a hora de fechar o bar, de súbito Riemer levantou-se e disse:

- Gaertner, pode colocar meu nome e da minha mulher Gertrudes nesta lista! Nós vamos com vocês para o Brasil!

- Mas que boa notícia! Meu tio há de ficar muito feliz em ter um bom marceneiro na colônia, e para ti não vai faltar serviço, com todo mundo construindo e mobiliando casas.

- Mas o meu sonho é outro! Sempre quis poder seguir a profissão de um tio meu, que é charuteiro. Quem sabe nestas novas terras não consigo realizar meu sonho?

Os três homens se despediram entre acenos e promessas de se reverem em breve e Reinhold foi dormir com uma agradável sensação de vitória no coração. Conseguira, sozinho! Havia convencido alguém da maior importância a seguir com eles para a nova colônia e se sentia orgulhoso de seu feito. Naquela mesma noite escreveu para o seu tio, contando toda a conversa e a adesão do marceneiro e sua família. Com muita sorte, quem sabe a carta não chegaria antes dele à colônia e seu tio poderia estar prevenido quanto à ida de Friedrich Riemer?

No dia seguinte, Reinhold foi até o porto, à sede da empresa de navegação de Christian Mathias Schroder, para acertar detalhes da iminente partida. Muito solícito, o próprio dono levou-o até o cais, para lhe mostrar o navio no qual partiriam. A fragata de três velas pairava imponente junto à amurada do porto, ondulando mansamente com o movimento das águas, enquanto reluzia ao sol daquela esplendorosa manhã. Herr Schroder parecia muito orgulhoso dela, e foi logo dizendo:

- Ela veio dos estaleiros de Lubeck, onde foi construída como um brigue, com dois mastros. Agora acabou de ser totalmente reformada, passando então à categoria de barca. Como podes ver, seu casco foi aumentado e recebeu este terceiro mastro, ligeiramente mais baixo. Fizemos isto porque o comércio com as Américas está se intensificando cada vez mais e, desta forma, podemos levar carga e passageiros!

- Emma & Louise, que nome interessante! – comentou Gaertner.

- Ah! Isto foi uma homenagem que eu quis fazer a minha mãe e minha tia, respectivamente Emma e Louise. Ficou um bonito nome, não é mesmo?

Concordando, Gaertner perguntou se podia visitar o seu interior, mas recebeu uma polida negativa do imponente senador.

- Sinto muito, meu jovem, mas hoje é dia de limpeza e o capitão Viereck é muito rígido, portanto, nada de visitas!

Reinhold não gostou da negativa, mas assim, vista de fora no meio daquele mar de mastros e velas tremulando ao vento, a fragata parecia muito confiável, e Reinhold considerou cumprida sua tarefa.

Seguiu para Brunswick, a fim de ultimar os preparativos e voltar em algumas semanas, já acompanhado de seus amigos Paul e Franz.

Cidade de Hamburgo
Junho de 1850

Reinhold, Paul e Franz olharam-se indignados e, sem titubear, buscaram nos bolsos das calças algumas moedas, pagando aos carregadores que haviam trazido suas malas. Se tivessem perguntado antes, jamais teriam pago a fortuna que lhes havia sido cobrada, mas agora era tarde. O serviço estava feito e havia que pagar, sem maiores reclamações. Hamburgo estava cheia de carregadores por todos os cantos, mas eles já conheciam direitinho os inexperientes, e destes arrancavam uns bons tostões, que lhes valiam o dia.

- Quando formos para o porto, a fim de embarcar no navio, combinaremos antes para que não nos explorem mais! – indignou-se Paul, registrando mentalmente a experiência.

Eles embarcariam dali a quatro dias, e Reinhold tinha um sem-número de coisas para fazer, além de recepcionar os viajantes que chegariam de diversas partes de Alemanha a fim de viajar com eles. Esta, aliás, era sua maior preocupação. Dos cinquenta nomes registrados, ele tinha recebido apenas umas doze confirmações por carta. Reinhold sabia que seu tio esperava receber pelo menos aqueles cinquenta inscritos, e sentia-se pessoalmente responsável por isto. No entanto, sua intuição lhe dizia que muitos deles realmente não viriam, e isto lhe tirava o sono e a animação motivada pela excitação da próxima viagem.

Naquela noite, estava em seu quarto, revisando os papéis, quando ouviu baterem levemente à porta. Assim que atendeu viu-se diante de um jovem magrelo e hesitante que, com certo medo, foi-lhe dizendo:

- Herr Gaertner, venho da parte das famílias Schiff, Mandels, Schweg... Enquanto o jovem ia citando os nomes, Reinhold já nada escutava. Sua vista escurecera e seus ouvidos fecharam-se, pois acabava de ter a confirmação de seus temores: seus emigrantes estavam desertando em cima da hora, e ele não teria mais aqueles cinquenta integrantes que seu tio aguardava do outro lado do mundo!

Só tornou a escutar quando o rapazinho terminava a sua fala, já vermelho como um camarão:

-... Eles então mandam pedir desculpas, mas estão indo para a América do Norte, onde lhes foram oferecidas melhores condições!

- Mas isto é uma tolice! Diga a eles que se lembrem do Doutor Blumenau quando estiverem decepcionados e amargurados lá na sua América do Norte!

E assim dizendo, bateu a porta de forma descortês na cara do garoto. Jogou-se sobre a cama pensando no que fazer para evitar a decepção que isto causaria ao tio. Mas não haveria jeito, o mal já estava feito, e havia que seguir em frente com os remanescentes, se é que os havia. A família de Wilhelm Friedenreich viria com certeza, mas só chegaria à noite anterior ao dia do embarque, devido à fuga dele. Além de seus amigos, que já estavam lá, Reinhold tinha certeza de que Friedrich Riemer, o marceneiro e Julius Richter, o agrimensor, também não falhariam com sua palavra. Quanto aos outros, era esperar para ver!

Na noite de 04 de junho, anterior à partida, todos se reuniram no bar do hotelzinho onde estavam hospedados. Nervoso, Reinhold procedeu a contagem. Lá estavam, além dele e seus amigos Paul Kellner e Franz Sallenthien, o marceneiro Friedrich Riemer, que mantivera sua palavra, embora deixasse a esposa em Hamburgo. A mágoa transparecia em seus olhos e, embora ele não tivesse dito nada, deixava perceber por seus gestos que carregava uma grande dor. Parecia que ela não quisera acompanhá-lo, traíndo seu sonho de liberdade. O que o havia feito mesmo assim manter sua palavra era uma incógnita que o tempo se encarregaria de desvendar.

Lá estava também o agrimensor e geômetra Julius Richter. Alegre e animado como um passarinho a pular de galho em galho, ele passava pelos grupinhos de pessoas, contando graçolas e animando a todos com sua alegria. Era alto e garboso e seus cabelos de um louro claríssimo formavam um tufo rebelde no topo da cabeça, dando-lhe um ar galhofeiro.

Sozinho num canto, bebendo uma caneca de cerveja preta e olhando para o nada, estava Daniel Pfaffendorf, que atraía o olhar das poucas mulheres presentes ao local pela sua beleza. Seu rosto lembrava uma pintura renascentista, tamanha a perfeição dos traços nos quais o ponto alto era um imenso par de olhos verdes, sempre tristes e perdidos no horizonte. Embora estivesse registrado como lavrador, em nada parecia com um homem do campo e lembrava mais um personagem saído das páginas de um romance. Ficou quieto durante toda a reunião, nada perguntando e nem questionando.

Em pé, próximo do balcão, estavam dois jovens fortes como touros: eram Friedrich Geier e Erich Hoffmann, ambos jovens na casa dos 27 anos, solteiros e artesãos. Enquanto Friedrich era carpinteiro, seu amigo Erich era funileiro e ambos eram de Osterfeld, embora estivessem morando em diferentes cidades. Eles estavam cheios de perguntas e de dúvidas, e pareciam querer desistir a qualquer momento. Reinhold respondeu com toda a paciência a todas as suas perguntas, embora para muitas questões nem ele tivesse uma resposta sensata. No entanto, usando sua imaginação, bom senso e o seu imbatível otimismo, acabou resolvendo pelo menos as dúvidas daquele instante. Sentados no canto mais protegido do grande salão estavam os Kohlmann. Andreas Kohlmann tinha 52 anos e uma calva pronunciada, que denunciava os anos e as dificuldades vividas. Sua esposa Johanne era uns dez anos mais nova, e parecia pouco afetada, como se tudo aquilo não passasse de uma brincadeira. Perto dela sentavam-se suas filhas adolescentes Marie e Christine, que não paravam de lançar olhares para o jovem Daniel Pfaffendorf, que parecia nem vê-las. Marie era muito loura, como sua mãe, e andava pela casa dos 20 anos. Muito esguia, o vestido verde de lã escocesa que usava acentuava-lhe as belas curvas e o porte garboso. Já sua irmã Christine, que tinha 17 anos, ainda apresentava aquela redondez típica das crianças bem alimentadas e criadas ao sol. Seu rosto era rechonchudo e as faces, rosadas como maçãs recém-colhidas no pomar atrás de casa. Tinha um sorriso iluminado, que preenchia todo o seu rosto de maneira absoluta e especial. Junto deles sentava-se, empertigado, o jovem Andreas Boettcher, que parecia desconfortável na roupa elegante que vestia. A rusticidade de suas mãos denunciava o trabalho pesado que devia realizar, o que traía a aparência afetada que parecia copiar da Sra. Johanne. Um olhar mais atento denunciava também a imensa semelhança entre eles, a ponto de poder se afirmar que eram mãe e filho. Mas isto não constava nos registros oficiais, onde ele aparecia apenas como amigo da família, tendo inclusive outro sobrenome. O que faria uma família como aquela viajar para o outro lado do mundo, rumo ao desconhecido? Andréas Kohlmann era ferreiro na cidade de Hettstedt, e fora cooptado para a empreitada na mesma noite em que o Dr. Blumenau aceitara Wilhelm Friedenreich e sua família. Estes eram, aliás, os únicos a não estarem à reunião, mas já haviam chegado e estavam no quarto, recolhidos, por medida de segurança. Contando com os quatro integrantes da família Friedenreich, somavam 17 pessoas... Apenas dezessete pessoas que no dia seguinte se lançariam na maior aventura de suas vidas, voltando as costas para tudo o que conheciam e possuíam, levando na parca bagagem apenas sonhos e esperanças de uma vida melhor. Cada qual tinha suas ilusões e necessidades. Alguns queriam simplesmente esquecer o passado, abandonar as convenções de uma sociedade demasiadamente formal e julgadora, outros queriam construir uma nova história, alterar e mudar para sempre o traçado de suas vidas! Em comum, além do sonho e da coragem, tinham a imensa saudade que já sentiam apertar o peito... Saudade de todos os referenciais de vida que ali ficavam, sob o sol e o gelo europeus que, em breve, seriam apenas uma doída lembrança em suas mentes.

Naquela noite poucos dormiram, presas de expectativas e ansiedade. Reinhold, Paul e Franz conversaram até a madrugada e foram insones para o porto, encarregados que estavam de transportar a bagagem de todos. Os primeiros raios do sol encontraram-nos aos gritos, coordenando a subida dos grandes baús de madeira e couro que continham toda a vida dos emigrantes. Reinhold apresentou-se ao capitão Johann Jurgen Viereck, senhor pleno e total da fragata Emma & Louise, e que, com incomparável garbo e porte, assistia ao carregamento das bagagens tendo ao lado seu primeiro piloto Sr. Ewers.

- Seus passageiros não vão chegar atrasados, Sr. Gaertner? Eu nunca atraso as minhas partidas nem em um minuto! – sua voz tinha um tom imperioso e de indiscutível mando, e Reinhold apressou-se em dizer que todos já estavam a caminho, devendo chegar em breve.

De fato, com pouca demora, começaram a chegar os coches que traziam os viajantes. A família Kohlmann foi a primeira a chegar, e as mulheres, tanto a mãe quanto suas filhas, estavam impecavelmente trajadas como se fossem para um chá, o que não deixou de causar um certo murmúrio entre os tripulantes do Emma & Louise, que manejavam o cordame e velame para que tudo estivesse pronto em breve. As jovens subiram ao navio e olharam em volta, estupefatas. Era nítido que tinham feito outra imagem do navio no qual iriam viajar, e o Emma & Louise as estava decepcionando.

A fragata, como era tradicional, viajava uma vez por ano, zarpando no trimestre abril/maio ou junho ou julho e retornando ao porto de origem em setembro/outubro. Era construída fundamentalmente para o transporte de cargas, e muitas caixas acumulavam-se no convés, atravancando a passagem e as comodidades oferecidas aos passageiros eram mínimas. O porão, um imenso salão escuro e sujo, vazio, era o destino deles e suas bagagens, que lá já estavam atiradas. Não havia beliches, nem divisões, e assim que viu aquilo Marie começou a chorar, escondendo o rosto no regaço de sua mãe, que, no entanto, parecia mais apavorada do que ela.

Julius Richter, que havia chegado há pouco, olhou em volta e saiu-se com uma frase que acabou fazendo todos rirem, quebrando a sensação desagradável daquele momento:

- *Kommt man uber ein Hund, kommt man auch uber ein Schwanz!* (Quem consegue passar pelo cachorro, também passa pela cauda!).

Os demais passageiros foram entrando e se acomodando como era possível, em meio a caixas e fardos diversos, procurando cada qual um canto para se instalar.

Quase na hora da partida, um coche todo preto, fechado, com cortinados da mesma cor, chegou ao porto e dele saltaram, enfim os Friedereich. Wilhelm trazia no colo a pequena filha de apenas dois anos, e dela só se via a massa de cachos louros que saía de um chapéu azul como o céu de Hamburgo começava a ostentar àquela hora. Minna, a esposa, vinha logo atrás, com o bebê no colo bem apertado contra seu peito, como se tivesse medo de perdê-lo a qualquer momento. Ao entrarem no navio, trocaram um fervoroso olhar apaixonado, e um sorriso insinuou-se na face maltratada do médico. Era, enfim, a liberdade, depois de meses de cadeia e tantas injúrias sofridas.

Enfim, estavam todos a bordo e a voz do contramestre soou forte, ordenando a partida. Vagarosamente, o Emma & Louise foi se afastando do cais, deixando um rastro de espuma à sua popa, enquanto o pequeno grupo se inclinava sobre a amurada, guardando na retina a última imagem da terra natal. Os olhos de Johanne, Christine e Marie estavam marejados de lágrimas e elas olhavam para o porto de Hamburgo como quem olha para sua última salvação. No entanto, a passagem dos gaios azuis, que acompanhavam a partida do navio, logo as distraiu e afastou a tristeza de seus semblantes ainda um pouco infantis.

Encostado à amurada, Wilhelm Friedenreich, de olhos fechados, orava agradecendo a Deus por aquela nova chance de vida que estava recebendo. Abraçado a sua esposa, viu Hamburgo desaparecer no horizonte sem sentir nenhuma dor. Ansiava por um mundo novo, por mais liberdade e paz interior, coisa que a velha e depauperada Alemanha não lhe oferecia mais.

Paul Kelner e Fanz Sallenthien jogavam pequenas côdeas de pão na esperança de divisarem peixinhos, mas logo um dos tripulantes apareceu e disse-lhes que isto era proibido.

- Aqui não se desperdiça nada! Vocês ainda vão lamentar estas migalhas de pão que jogaram fora!

Mal sabiam eles que, numa viagem quase sem escalas como a que estavam fazendo, muito em breve a comida passaria a ser um artigo dos mais raros e luxuosos.

O Emma & Louise manobrou na saída do porto e enfunou garbosamente as suas velas, iniciando a entrada no mar azul. No topo do mastro maior tremulava a bandeira do armador, Christian Mathias Schroder & Cia e sobre a vela latina estava içada a bandeira da Cidade Livre e Hanseática de Hamburgo, que era o “*Heimathafen*”, ou “Porto de Origem” do navio. Um vento marinho, carregado de odores, invadiu o convés, fazendo com que muitos dos passageiros se recolhessem ao seu interior, notadamente as mulheres.

Lá no grande salão as mulheres descobriram uma pilha de colchões infectos e perceberam que teriam que dormir naquilo, não havendo outra opção a não ser o chão duro e sujo. Logo uma pequena revolta instalou-se no local, e Reinhold foi chamado para esclarecer as coisas e acalmar os ânimos.

- Senhoras, eu não posso fazer nada! É apenas isto que o navio nos oferece. Se eu tivesse sabido antes, teria providenciado algo melhor, mas para mim esta também é a primeira viagem transoceânica...

- Não seja por isso, tenho umas redes para vender! – disse um dos tripulantes, um moreno de nacionalidade e idade indefinidas que vinha atrás de Reinhold.

Redes? Vender? As dúvidas assaltavam a todos. Em primeiro lugar, eles não tinham a menor ideia do que era uma rede e muito menos achavam cabível que ali, dentro do navio, houvesse algo à venda. Mas era isto mesmo. Os tripulantes espertos, que já conheciam a ignorância e despreparo dos viajantes, compravam redes em portos onde elas estavam à venda por uma bagatela, e depois as vendiam a preços bem mais altos para os despreparados imigrantes alemães que se espalhavam pelo mundo.

Independente da exploração, a família Kohlmann comprou redes para as meninas e para D. Johanne, e também Wilhelm Friedenreich adquiriu uma rede para que Minna pudesse embalar a pequena Alma, de apenas dois meses.

O próximo escândalo protagonizado pelos viajantes aconteceu na primeira refeição. Ovos cozidos acompanhados de um arroz seco e acinzentado e alguns pepinos em salmoura já algo fermentados, esta foi a refeição servida pelo pessoal do navio. A maior parte franziu o nariz com ar de nojo, mas na falta de opção, acabaram engolindo a contragosto a porção magra e mal arranjada que lhes foi servida.

- Esta viagem não vai ser fácil, principalmente para ti e as crianças, mas mesmo assim eu acho que vale a pena buscarmos a liberdade – falava Wilhelm, encostado à amurada do navio onde fumava seu cachimbo, enquanto Minna encostava-se nele a proteger-se do vento frio que soprava, olhando para o horizonte com ar pensativo.

- Não vou sentir falta de nossa cidade e nossa casa, Wilhelm. Vamos construir um mundo novo lá na América e tudo vai dar certo!

Daniel Pfaffendorf aproximou-se deles e pediu fogo a Wilhelm, pois queria ele também acender seu cachimbo. Surpreendentemente começou a conversar, coisa que ainda não fizera com ninguém ali no navio.

- Eu acho que a terra nova vai trazer boas oportunidades para todos nós. Eu, particularmente, estou fugindo de um casamento arranjado pela minha família e espero poder constituir minha própria família, do jeito que eu acho certo! – e ao dizer isto, olhou com inesperada ternura para a pequena Clara, que brincava sentada no chão, aos pés dos pais. Agachou-se e começou a brincar com ela, dando vida e vozes engraçadas aos seus bonecos e fazendo-a rir de forma espontânea e gostosa. Suas risadas ecoaram no convés do navio, espalhando como que um ar de alegria entre os emigrantes que, algo sombrios, na sua maior parte miravam o oceano sonhando com a terra distante. Desde aquele dia Daniel ficou muito amigo de Clara, e passava horas brincando com a garota, ou até embalando o bebê dos Friedenreich. Com sua atitude serena, conquistou o coração do casal e a sua amizade sincera.

Johanne passava muito mal e enjoava quase diariamente, o que a obrigava a ficar deitada a maior parte do tempo. Suas filhas e o jovem Andréas revezavam-se junto dela, mas o marido permanecia quase que o tempo todo na amurada do navio, observando a natureza, o trabalho dos tripulantes e a movimentação do navio. Acabou conversando muito com Wilhelm, ele também um aficionado do ar livre, mormente depois da temporada que passara na asfíxiante cadeia de Hettstedt.

- Sabes, Friedenreich, temos mais coisas em comum do que imaginas. Também eu estou fugindo de uma verdadeira prisão em que vivia, só que estavas do lado de dentro e eu, do lado de fora! É que a Johanne era viúva quando a conheci, e me apaixonei perdidamente por ela. Inicialmente fiquei com muita pena de sua situação e de sua fragilidade, sozinha e com três filhos para criar – Andréas, Marie e Christine são filhos do seu primeiro marido – mas aos poucos fui me apaixonando de tal

forma que não conseguia mais viver sem ela. Assumi suas filhas e fugimos para a cidade de Hettstedt, mas nunca conseguimos viver em paz. Quando Andréas, seu filho mais velho veio morar conosco, pois seus avós não mais o aceitaram em casa por causa da nossa atitude, tudo piorou sensivelmente. A nossa sociedade tem muita pressa em julgar as pessoas, como se tudo se encaixasse perfeitamente entre o certo e o errado...

- Ah! Eu te entendo perfeitamente, amigo Kohlmann. Também eu me sentia asfixiado pelo padrão social da nossa cidade e, por que não dizer, de todo o nosso país. Felizmente surgiu esta nova oportunidade...

- Quando este tal de Doutor Blumenau apareceu falando em América, mundo novo, colônia, eu nem pestanejei e pensei: aí está a minha, ou melhor, a nossa chance de libertação!

Assim, mais um mistério se esclarecia e podia-se entender por que aquela família estava indo para o novo mundo. Fora Wilhelm, fugido da prisão e Andréas Kohlmann, que fugia da condenação social, apenas as pessoas mais jovens e normalmente solteiras faziam aquela viagem e se arriscavam no mundo novo.

Sutilmente o clima foi mudando, e as roupas dos alemães deixaram de ser adequadas ao calor que ia se instalando. As que mais passavam dificuldades eram as mulheres, com seus pesados vestidos de lã e brocados, além dos indispensáveis chapéus de abas largas que protegiam seus finos rostos, de pele tão branca, do sol que se fazia cada vez mais inclemente. Os mantimentos haviam escasseado e até a água estava racionada ao extremo. Mesmo a pouca água que era servida tinha um gosto desagradável, algo salgada, pois já não estava em boas condições. A maior parte dos passageiros estava sofrendo de sede atroz, as gengivas sangravam e estavam todos pálidos e com os intestinos desarranjados. A salvação parcial para os devastadores enjoos que quase todos sentiam era o vinagre de framboesas que Friedenreich, sábio nas artes da saúde humana, trouxera. Misturado com um pó efervescente que ele possuía, resultava em imediato alívio, que, no entanto era temporário. Enquanto estavam sem enjoo, os passageiros aproveitavam para ingerir arenques salgados que eram praticamente a única fonte decente de alimentação que ainda restava no navio.

No dia 21 de agosto de 1850, o Emma & Louise avistou pela primeira vez o Porto de Santos, no Brasil. O calor foi como um soco na cara dos imigrantes. Pegajoso, úmido de maresia, o clima parecia grudar em seus rostos e braços, causando uma sensação absolutamente nova para todos eles. A brisa vinha cheia de aromas diferentes, e o intenso colorido que avistaram na costa, encheu seus olhos e seus corações de esperança. Até agora, tudo conferia com o que dissera o doutor colonizador. Um clima ameno, um país colorido e muitas novidades. Aguardaram ansiosos pelas manobras de atracação, ansiosos para colocar os pés em terra firme, depois de 72 dias de uma viagem que os obrigara a muitos sacrifícios.

Reinhold tratou logo de ir desiludindo os mais animados:

- Ainda temos mais um bom trecho de viagem, tanto por mar quanto por terra. Este país tem dimensões continentais e estamos longe de nosso objetivo!

Nem assim o ânimo dos viajantes arrefeceu. Só o fato de dormir aquela noite em terra firme, possivelmente numa cama decente, dava-lhes mais animação do que mil promessas.

Quando o navio atracou, porém, o capitão avisou que no dia seguinte, de madrugada, zarpariam novamente e não valia a pena dormirem fora do navio, sob pena de perderem a viagem. Embora ansiosos para dormir em qualquer lugar mais decente, tiveram que concordar e mal puderam pisar em terra firme, comprando algumas exóticas frutas e caminhando pela praia sob a brisa fresca daquela tarde. Ao cair da noite estavam todos de volta ao navio, e dormiram cheios de esperança e ansiedade por tudo o que tinham visto. Pessoas de pele negra, caminhando e falando livremente pelas ruas, mulheres semidespidas carregando tabuleiros com doces deliciosos, que desmanchavam na boca como o mais fino néctar dos deuses, e que eles chamavam de cocada. Enormes coqueiros verdes de onde caíam frutos que continham um líquido saboroso, que acalmara seus estômagos maltratados... Enfim, um sem-número de novas coisas, todas tão belas e inesperadas... Seus corações mais uma vez cheios de esperança!

Desterro – Capital da Província de Santa Catarina
Agosto de 1850

- Esta é Desterro, capital da província de Santa Catarina, nosso destino! – apontou Reinhold, como se já tivesse alguma vez visto aquele panorama inesperado e tão diferente que se descortinava diante deles. Batida por um sol meridiano, a sonolenta ilha destacava-se como uma pedra bruta no oceano de um azul intenso, a qual ondas de um caprichoso rendilhado branco vinham beijar. No meio daquela paisagem tão diferente, duas coisas chamavam a atenção dos europeus: o verde intenso que se estendia até onde a vista alcançava, pontilhado aqui e ali com cores tão fortes que pareciam saídas da palheta de um pintor e um cheiro acre, forte, único e inconfundível, que depois vieram a saber que era de peixe fresco. Os gritos dos pescadores que manejavam suas redes, os negros que descarregavam os navios nos cais, quase nus, com os torsos brilhando de suor, a garatuja de línguas faladas ao mesmo tempo por uma miríade de pessoas de nacionalidades e aspectos tão diferentes, tudo isto compunha um mosaico de incríveis cores e novas informações que os deixou atordoados. Desembarcaram e com imenso prazer sentiram a terra firme, definitivamente, sob os seus pés cansados. O calor torturava especialmente Johanne, Marie e Christine e também Minna e a pequena Clara, que se agarrava a Daniel como se ele fosse a sua tábua de salvação. Depois de alguns instantes parados sob o sol inclemente daquele dia 27 de agosto, todos começaram a transpirar de uma maneira totalmente nova para eles. A vontade que tinham, principalmente as mulheres, era de arrancar suas roupas pesadas, chapéus, meias e demais acessórios que utilizavam e pular na água que parecia tão convidativa. Alguns moleques negrinhos pulavam e brincavam às margens d'água, próximos deles, levantando espirros de água que pareciam uma bênção para seus corpos em brasa. Mas tiveram que se conformar com aquela visão inspiradora e continuar dentro de seus trajes tão europeus. O imediato avisou que havia desembarços alfandegários a tratar, e que era melhor irem para um hotel, pois sua bagagem ficaria retida mais alguns momentos e depois seria enviada para lá. Tendo previsto que isto deveria acontecer, o Doutor Blumenau fizera uma reserva no Hotel de Herr Wendhusen, um hoteleiro alemão que viera dar com os seus costados naquela terra e por lá ficara, encantado com seu clima e fartura. Ele funcionava como uma espécie de posto avançado para os alemães que vinham colonizar o Brasil. Naqueles ermos onde o alemão não era falado por ninguém, parecia um verdadeiro alívio conversar no idioma pátrio, sentados numa sala fresca e escurecida por uma oportuna persiana. Herr Wendhusen foi especialmente hospitaleiro com aquele grupo, pois admirava o Doutor Blumenau e a sua persistência em estabelecer uma colônia às margens do Rio Itajaí Grande, como era conhecido o grande rio que cortava e fertilizava as selvagens terras do vale que se aprofundava no coração do estado.

Depois de algumas horas, Reinhold saía em demanda das bagagens que não tinham chegado, causando apreensão nos viajantes. Afinal, o pouco que lhes restava estava naqueles baús e caixas de madeira e couro que haviam cruzado com eles o oceano. Passado algum tempo, voltou um pouco desanimado e deu a notícia:

- Senhores, desembarços alfandegários nos prenderão aqui no Desterro por uns dois dias; só então nossa bagagem será liberada.

- Mas como isto é possível, será que eles não sabem que estamos viajando há mais de dois meses e que estamos cansados, desesperados para chegar ao nosso destino? – perguntava, indignado, o jovem Erich.

- Por quem nos tomas, Hoffmann, para achares que eles vão mudar sua rotina devido às nossas necessidades? Devemos ter mais senso de realidade se queremos sobreviver e nos sair bem neste novo mundo! – era a sensatez de Friedenreich mais uma vez vindo em socorro do assustado Reinhold.

- Novo mundo ou fim do mundo? – ainda retrucou o jovem com voz ácida.

Friedrich Riemer, que continuara sozinho e quieto a viagem inteira, respondeu-lhe então:

- Tenho certeza de que vieste de livre e espontânea vontade, não é mesmo? Por mais que tenhamos deixado nossa pátria distante, ninguém de nós foi obrigado a vir, antes tomou uma iniciativa pessoal, e agora devemos todos ter consciência de nossa obrigação!

Inúmeros olhares de aprovação foram dirigidos a Riemer, que se limitou a baixar a cabeça, voltando a concentrar-se na leitura do “*Kallender*” (almanaque de variedades) que havia trazido consigo da Alemanha. Especialmente Gaertner olhou-o com gratidão, pois já por diversas vezes Erich Hoffmann havia criado polêmicas com as quais ele tinha muita dificuldade de lidar.

Passados dois dias e depois do desembarço de suas bagagens, contrataram mateiros experientes com burros de carga e, em lombo de animais e em rústicas carroças, fizeram a cansativa viagem que os levaria ao seu destino. Pelo caminho, a flora e a fauna exuberantes iam encantando os europeus, que nunca tinham estado em contato com tanta diversidade e colorido. As picadas pelo mato corriam entre árvores e folhagens, entremeadas de flores exóticas e perfumadas, e não raro ouviam sons dos mais diversos animais. Por vezes divisavam em meio à densa ramagem das árvores, pássaros de colorido único, diferentes de todas as espécies que conheciam na Europa e que agora pareciam tão acanhadas e sem graça. As araras de colorido estonteante pousavam em galhos próximos, com cachos de pequenas bagas no bico, fazendo estardalhaço e causando risos entre eles. Bandos de caturritas barulhentas passavam rápido, como se estivessem a caminho de um importante compromisso, e toda sorte de pequenos animais podiam ser vistos com um pouco de cuidado. Ao cabo de dois dias de jornada, chegaram à Vila do Santíssimo Sacramento, onde o Major Agostinho Alves Ramos, já muito afeiçoado ao Doutor Blumenau e um entusiasta de seu projeto, esperava-os. A acolhida foi calorosa e, pela primeira vez, dormiram numa cama realmente decente desde que haviam saído de Hamburgo. O Major mandara construir um barracão para receber os imigrantes e dotara-o do mínimo indispensável para o seu conforto. À noite, ao pé da fogueira, fizeram uma refeição deliciosa, travando pela primeira vez contato com alimentos tipicamente tropicais. Além de pacas e inhambus caçados naquele dia e assados na brasa, foram servidos apim cozido e caldo de feijão, que todos adoraram. Até o tristonho Riemer começou a cantar, embalado pelo calor da fogueira, o bom alimento e alguns tragos de cachaça de cana-de-açúcar, que foi uma das primeiras coisas que o Major lhes ofereceu.

Com aquele calor típico da aguardente lhes descendo pelo estômago, conseguiram pela primeira vez esquecer as agruras e dificuldades da viagem de navio e aproveitaram a beleza e fertilidade da terra que os recebia.

No dia seguinte, ao nascer do sol, partiram de balsa para a colônia onde o Doutor Blumenau os esperava. Pelo caminho, seus olhos passeavam pela paisagem de sonho como se não quisessem acreditar. A junção da mata fértil, virgem, exuberante, com o céu de um azul tão extraordinário que parecia uma pintura, era complementada pela beleza pacífica do rio cujo curso subiam, e que se sucedia em remansos luminosos, refletindo como se fosse um espelho a floresta que se derramava sobre ele. Da balsa divisavam as copas imensas das árvores, onde as miríades de tons verdes criavam uma verdadeira sinfonia complementada pelo colorido das orquídeas e dos inúmeros pássaros. A balsa subia o rio mansamente, e só se ouviam gritos e pios dos mais diferentes animais, senhores absolutos da floresta que eles iam margeando. Por vezes um urro ecoava no fundo da mata, arrepiando os pelos de todos, mas nada se via. Escondidos e protegidos pela mãe natureza, onças, jaguares e pumas reclamavam contra aquela invasão ao seu paraíso particular. Em alguns momentos ouviam sons diferentes e estranhos, mas nada se movia ou acusava presença na mata indevassável. Aromas de flores, de água e de mato fresco chegavam aos seus narizes, e um silêncio fervoroso tomara conta da balsa que singrava silenciosamente o Itajaí Grande. Depois de algum tempo de viagem, começaram a perceber algumas casas esparsas, propriedades rurais já estabelecidas, e animais domésticos pastando sossegadamente à beira do rio. Interpelaram o condutor da barca que, muito falante, estava esperando uma oportunidade para começar a contar seus “causos” e só estava em silêncio, pois não lhe haviam dado chance. Dali para frente Manuel, que se orgulhava de falar um alemão canhestro e mal arrumado, aprendido com o Doutor Blumenau, pois este achava importante o homem que conduziria os seus imigrantes falar um pouco e entender a língua pátria, desembestou a falar, contando que ali já havia diversos colonos estabelecidos, e alguns belgas tinham tentado fundar uma colônia, mas “estavam dando com os burros n’água”... Depois pareceu perceber que tinha cometido uma gafe e tentou remediar:

- *Inda bem que com ocêis num vai acontecê nada disso, né? O Doutô é rico e bom, e com ele vai dá tudo certo!*

Em seguida passaram por uma bela propriedade e o Manuel comentou:

- *Aqui mora “Seo Peda Vagni” (Peter Wagner). Ele é o colono mais antigo daqui, e é lá da terra d’ocês. Ele vai indo muito bão, já tem de um tudo dentro de casa, e tem uma filharada... Tem muita moça bunita pra casá c’ocês!* Completou a frase com um sorriso desdentado e seguiu remando, ou melhor dizendo, manobrando a balsa com uma enorme vara de bambu.

Lá pelo meio da tarde, quando o sol fazia desenhos dourados na superfície do rio e criava uma manta de ouro líquido sobre ele, o barqueiro Manuel apontou para frente e disse com voz entusiasmada:

- *Olha só, gente, ôceis tão chegando em casa... É lá que fica a colônia do doutô!*

Colônia Blumenau
02 de setembro de 1850

Todos olharam para a frente, presas da maior expectativa. Como seria a colônia com a qual tanto haviam sonhado nos últimos meses? Era ali que haviam depositado todos os seus sonhos e esperanças, seus planos para uma vida melhor, mais próspera... Embora o sol daquele final de tarde ofuscasse uma boa parte da visão, a primeira coisa que puderam ver foi a mata. Virgem, indevassada, impenetrável e verde, como uma barreira que quisesse impedir a sua entrada e o seu desbravamento. Um vento suave soprava, e trouxe com ele sons e aromas da floresta misteriosa, causando um arrepio de admiração e medo em todos. Mas onde estava a sede da colônia? Não havia praticamente nada, a não ser algumas árvores derrubadas, em meio a uma enorme confusão de galhos e troncos caídos nesta clareira improvisada, mas se podia ver dali um barracão tosco e semidescoberto. No chão, inúmeras palhas de palmito que haviam sido a sua cobertura original revelavam que alguma coisa, ou alguém havia desfeito todo o trabalho que os homens haviam tido para cobri-lo. Naquele momento havia três homens lá em cima empreendendo um inaudito esforço para cobri-lo novamente antes da noite.

E bem na beirada do rio, com um sorriso contagiante e os braços estendidos em sinal de boas vindas, estava um irreconhecível Doutor Blumenau. No lugar da elegância britânica que ostentara quando fizera as reuniões na Alemanha, estava agora em mangas de camisa rústicas e arregaçadas, onde se viam vestígios de fuligem da queimada de galhos. Suas calças também tinham vestígios de sujeira, e estavam metidas dentro de um rústico par de botas que quase desapareciam no meio do barro. Mas ele continuava sorrindo, e seu gesto conciliador era como água em meio ao deserto escaldante. Assim que a balsa atracou com um soco, no lugar que ele indicava gesticulando com veemência, pulou dentro da balsa e, cumprimentando a todos de maneira calorosa, foi logo dizendo: - *Wilkommen, willkommen!* (Bem-vindos, bem-vindos!). Sejam bem-vindos, meus amigos patrícios! Hoje é um dia especial, pois a nossa colônia recebe seus primeiros moradores. Vocês são os fundadores desta que ainda será a mais próspera colônia deste maravilhoso sul do Brasil. Mas venham, sintam a terra firme sob seus pés, o que estão esperando?

Enquanto falava, ia dando as mãos a todos que estavam sobre a balsa, abraçando calorosamente os homens e cumprimentando formalmente as mulheres e moças, além de fazer um agrado na cabeça das crianças. Se deu falta da cinquenta pessoas que esperava, não demonstrou absolutamente nada, como se aquela fosse a quantidade combinada. Os imigrantes ainda estavam estupefatos com o que viam, ou melhor, como o que não viam... Não havia nada! Só mato e, quase à beira d'água, uma incrível confusão de árvores caídas, galhos semiqueimados e montes de lenha. Os trabalhadores foram chegando perto vagarosamente, desconfiados daquela gente branca e descarnada, e a primeira coisa que os alemães estranharam foi a presença de negros. Três negros fortões, com os torsos molhados pelo suor, o que demonstrava estarem trabalhando duro ali. Era algo realmente diferente do que esperavam.

O Doutor foi logo apresentando e explicando:

- Estes homens me foram cedidos pelo Major Agostinho, lá da Vila Santíssimo Sacramento, que vocês conheceram. Eles estão me ajudando a construir as suas acomodações!

O assustado grupo foi pisando na terra e lançando temerosos olhares em volta. Nada do que viam correspondia ao que tinham imaginado nos longos meses de espera na Alemanha e durante a exaustiva viagem de navio. Tinham imaginado de um tudo, mas nada daquilo que encontraram... Mata virgem, fechada, assustadora, a mais absoluta selvageria, nenhuma condição de vida civilizada!

Um desânimo foi tomando conta de todos, e toda a beleza natural que os cercava eclipsou-se, dando lugar a um quadro devastador. Sentiam-se sem saída. Tinham abandonado tudo em seu país de origem, para lá não haveria volta... E agora?

Um desespero foi avassalando aquelas pessoas pobres e cansadas, até que Reinhold, percebendo o ânimo dos companheiros, foi dizendo, para descontrair:

- Minha gente, chegamos! Nem parecia possível, depois de tantas dificuldades, mas aqui estamos. E assim falando, começou a descarregar as caixas, malas e baús que constituíam a bagagem de todos. O Doutor e seus empregados imediatamente começaram a ajudar e, ao fim de alguns minutos, tudo estava no chão da colônia, por entre o pó e a erva rasteira que cobria o improvisado porto. Subindo uma pequena elevação, o assustado grupo divisou o que seria o seu lar: a floresta virgem, mas rasgada em pequenos locais onde haviam sido abertas clareiras e os esforços deles demonstravam a intenção de erguer algumas construções. Pilhas e pilhas de palmas de palmito seco repousavam placidamente ao lado de montes de lenhas e troncos, toscamente abatidos, das poucas árvores que o grupo conseguira colocar abaixo. Naquele final de tarde, a floresta emitia sons algo assustadores e, entre cipós e a densa ramaria, murmúrios demonstravam a intensa vida que havia ali. Insensíveis à presença humana, engraçados macacos pulavam de galho em galho, provocando a admiração e o riso incontido das crianças.

No centro deste quadro caótico, via-se a mais rústica e tosca construção que os alemães já tinham visto, um rancho mal-acabado, feito de toras de palmito mal cortadas e unidas com barro, cuja depauperada cobertura era feita com malfadadas palhas semissecas de palmito. Janelas e aberturas haviam sido consideradas supérfluas, e nem foram cogitadas. Não parecia muito convidativo por fora, nem o era por dentro. Comprido e estreito, dividido em muitos compartimentos, guardava uma triste semelhança com um estábulo onde se separam os bodes das cabras com cria.

Não havia porta, e o local de entrada estava indicado por uma larga abertura na parede, que fazia as vezes de ventilação. O chão era de terra batida que não havia sido planada. Para piorar o quadro, lá dentro, placidamente instalados, estavam a única parelha de bois que a colônia possuía, bem como algumas cabras para o leite e umas poucas galinhas que ciscavam o chão com a maior sem cerimônia. Os animais haviam também deixado excrementos frescos no chão, o que espalhava um odor desagradável em todo o deprimente local. Enormes buracos na cobertura do teto demonstravam que algum animal havia se divertido à custa do trabalho alheio, e logo depois o Doutor lhes contou, entre risadas, que os macacos já haviam desfeito a cobertura do telhado três vezes, parecendo se divertir muito com o esforço e raiva que causavam aos homens com esta atitude.

Ao perceberem que este local era a “Casa da Recepção”, como o Doutor a chamara pomposamente, e que lá teriam que ficar acomodados, desabaram. Johanne e suas filhas, Marie e Christine, começaram a chorar amargamente, enquanto o marido olhava desamparado para elas. Para piorar, o bebê dos Friedenreich, que tão bem se comportara durante todas as agruras da viagem, também começou a chorar convulsivamente, enquanto a mãe fazia esforços desesperados para acalmá-lo. Piorando este quadro desalentador, o calor fazia escorrer o suor por seus corpos desacostumados e um verdadeiro enxame de pequenos insetos mordedores vinha atormentando-os desde a chegada, completando o absoluto desconforto que sentiam.

Erich Hoffmann virou-se para o colonizador e agressivamente lhe disse:

- O senhor não está esperando que a gente durma neste chiqueiro, está, Doutor? Onde estão as maravilhas que nos prometeu na Alemanha? Onde está o paraíso que decantou com todas as letras enquanto nos falava de promessas de riqueza e liberdade? Eu aqui só vejo sujeira, imundice e degradação...

- É isto mesmo! – atalhou Friedrich Geier, que desde o começo em tudo concordava com o amigo, e já tinha questionado muitos aspectos da empreitada durante a viagem. – Ande, Doutor, queremos uma explicação...

Blumenau estava estupefato. Nem tudo saíra conforme seu planejamento e muitos problemas haviam surgido. Para além da trabalhadeira com a estúpida burocracia do governo brasileiro, seu sócio revelara-se um verdadeiro crápula e, além de nada construir durante o tempo em que lá ficara, limitando-se a reclamar e encher-se de cachaça, abandonara o empreendimento no mesmo dia em que ele chegara, voltando na balsa que o trouxera. Uma cheia do Itajaí Grande havia destruído o pouco que eles tinham conseguido fazer e os macacos buliam divertidamente com seu trabalho, como se fosse uma grande brincadeira... Também ele tinha tido vontade de abandonar tudo, em alguns momentos mais difíceis, mas a sua fé era maior e continuava acreditando que ali havia um

paraíso a ser construído com esforço e boa vontade. Mas para isto a compreensão dos seus colonos era indispensável. Sem eles, nada poderia ser feito!

- Meus amigos, é claro que eu não lhes menti! Olhem a sua volta! Vejam quanta beleza, a natureza aqui é uma festa perpétua... Como que para corroborar suas palavras, algumas garças levantaram voo naquele momento, passando imponentes sobre as cabeças deles. Blumenau apontou-as e disse:

- Veja que abundância de bichos há nesta selva. Aqui não nos faltará alimentação, com tantos frutos que a terra oferece, bastando para isto pegá-los. Há tanta fartura que nem sei...

Erich interrompeu-o, dizendo:

- Sim, mas o que o senhor está me dizendo não me convence! A realidade é que vamos ter que morar neste chiqueiro e caçar se não quisermos morrer de fome!

- Chega, Hoffmann! –quem interrompia era Wilhelm Friedenreich, que o olhava com ar de tão severa repreensão que o fez calar-se na hora. – Cala um pouco a tua boca e, em silêncio, olha a tua volta. Vê que céu, que rio, que natureza esplendorosa esta que nos cerca. Sente o cheiro da liberdade que está a nossa volta... Se soubesses o que significa perder, mesmo que por pouco tempo, esta liberdade, saberias que o Doutor Blumenau nos diz é verdade: aqui há tudo para se construir um paraíso. Se querias soluções prontas, devias ter ficado na Alemanha.

Minna encostou-se ao marido e disse, com voz suave e baixa:

- Concordo com meu marido! Se saímos de lá para tentar algo de novo, devemos encarar o que vier como um dádiva de Deus e criar a realidade que queremos para nós! Não vamos brigar agora, que acabamos de chegar. Vamos trabalhar enquanto é dia, e tornar este local mais habitável!

Enquanto fazia menção de começar a trabalhar e sinalizava para que as outras mulheres a seguissem, Erich Hoffmann ainda tentou polemizar:

- Mas estamos entregues a mais absoluta miséria! – virando-se para todos, em busca de apoio: - Não vão me dizer que vocês também não vieram em busca de riquezas...

Blumenau olhou firme em seus olhos e respondeu, enquanto fazia um gesto amplo:

- A riqueza que lhes prometi está aqui! Quer uma riqueza maior do que a terra? Pois olhe a sua volta... Quanta amplidão! Derrubada a floresta, restarão os campos a serem cultivados, e a riqueza virá. E tudo o que vês a tua volta é nosso, toda esta terra que, bem trabalhada, saberá oferecer bons frutos!

Um murmúrio geral de aprovação calou de vez as reclamações dos animosos jovens e cada qual procurou algo de útil para fazer.

Os trabalhadores vinham chegando com as bagagens e as mulheres começaram varrer o chão com galhos de árvores amarrados e acomodar as coisas nos cantos que iam escolhendo, aleatoriamente.

O Doutor Blumenau saiu caminhando com Reinhold, seu sobrinho, e perguntou em tom de voz confidencial:

- O que houve sobrinho? Esperava pelo menos 50 pessoas e me vem este grupinho de...

- Dezesete, tio Bruno! E não sabes com que dificuldades. Fiquei com medo de que nem estes viessem mais... Agentes encarregados de arregimentar emigrantes para a América do Norte fazem promessas mirabolantes e acabam arrastando todos aqueles que se dispõem a partir. Foram eles que carregaram nossos colonos!

- Malditos sejam! Carregam nossos patrícios com promessas falsas, e depois que lá chegam, não têm mais como voltar ou sair... Coitados!

- Mas não se preocupe, tio! Estes que vieram são ótimos, só nos sobrou o melhor! Trouxe o agrimensor Julius Richter e há a família Friedenreich que já demonstrou sobejamente o seu valor. Também veio comigo um rapaz que não conhecias, eu travei relações com ele em Hamburgo. Coitado, está muito triste, pois a mulher não quis acompanhá-lo, mas vai ser muito útil. É marceneiro, honesto e trabalhador de primeira, não é de reclamar e tem muitos sonhos que serão bons para a colônia!

- Que tipo de sonho sobrinho?

- Ah! Ele sonha em ser charuteiro, como seu tio. Já pensaste que bom uma fabriqueta de charutos aqui? Podemos até exportar para a nossa pátria o excedente da nossa produção...

- Que bom que já estás sonhando com o nosso futuro, Reinhold! É assim que construiremos nossa colônia, do sonho de cada um!

Enquanto conversavam animadamente, falando também sobre a família e as novidades da Alemanha, a noite foi caindo mansamente sobre a colônia, trazendo com ela seus mistérios e perfumes. No barracão que serviria de moradia para os novos habitantes daquela colônia, a azáfama era enorme. As mulheres varriam, arrumavam e ajeitavam da melhor maneira possível, tentando tornar habitável o local. Os animais foram acomodados num canto isolado – mas só até amanhã, quando quero um curral externo para eles, dizia Minna – e cada família ou pessoa tomou conta de um pequeno espaço. Era o seu novo mundo que começava ali, naquele ermo perdido, mas nunca esquecido por Deus.

Os trabalhadores do Doutor tinham cortado uns vinte palmitos frescos e agora eles estavam sendo fervidos num enorme tacho de cobre, sobre a imensa fogueira feita no pátio da rústica construção. Ao lado, espetos com carne de paca tostavam, espalhando seu convidativo aroma em volta, provocando os estômagos maltratados dos viajantes. Mais de setenta dias comendo a comida intragável do navio havia feito seus estragos, e todos estavam com problemas de digestão, uns mais e outros menos. Johanne Kohlmann mal se alimentava e tinha emagrecido sensivelmente durante a viagem, ostentando agora um rosto chupado e abatido.

Os homens haviam se espalhado por ali, dando umas voltas de reconhecimento pelo local. O jovem Daniel Pfaffendorf ficara por longos momentos olhando fascinado para a imensa e plácida superfície do rio e depois perguntou ao Manuel, barqueiro que os trouxera naquela tarde:

- Vocês costumam tomar banho de rio? A água parece tão convidativa...

- *Tu ta doido rapais! Estas águas são muito traiçoeiras, é melhor não se arriscá. O doutô inté que toma banho de veis em quando, mas eu pessoalmente acho uma locura!*

Paul e Franz, depois de uma breve volta de reconhecimento, dispuseram-se a ajudar as mulheres, carregando caixas para os seus lugares e um pouco de lenha para fazer uma pequena fogueira no centro do barracão, a fim de espantar os muitos insetos que por ali voejavam.

Julius, alegre e sempre prestativo, resolveu tirar um pouco de leite de cabra, a fim de auxiliar Minna com seu bebê, que ainda chorava muito, devido às múltiplas mordidas dos pequenos insetos. Sua pele frágil e finíssima havia sido um banquete para os vorazes “borrachudos” que infestavam o local.

Depois que as crianças estavam acomodadas em suas camas improvisadas, os adultos reuniram-se em torno da fogueira e saborearam aquela original refeição, ouvindo histórias divertidas e mirabolantes sobre os primeiros tempos do Doutor Blumenau ali na colônia. Em breve foram dormir, exaustos por mais um dia de extenuante viagem, e a quietude caiu sobre a colônia. O céu aveludado, onde brilhavam miríades de estrelas luminosas, velou pelo sono daqueles pioneiros, escrevendo uma importante página da história sempre venturosa da fábula do espírito humano.

Os dias seguintes foram de muita azáfama e trabalho, por conta da divisão e distribuição de terras e a real instalação dos seus moradores. Em plena mata virgem foram surgindo choupanas feitas com pouca solidez, a partir de seis estacas enterradas no solo com paredes constituídas de ripas de palmitos amarradas com cipó nas travessas, uma ou duas aberturas com janelas cobertas de folhas de palmeiras à guisa de cobertura e um solo de barro bem socado e alisado. As famílias Kohlmann e Friedenreich, que contavam com mulheres entre suas integrantes, logo ostentavam nas choupanas uma ordem e asseio invejáveis, e não raro, bambus ocos serviam de vaso para as coloridas florzinhas colhidas no mato. Já os homens solteiros viviam em meio à desesperada bagunça e uma não muito recomendável sujeira. O calor tornava-se a cada dia mais forte, e era praticamente insuportável para aqueles corpos acostumados com os rigores da neve. A lembrança daquele manto branco que cobria o seu país durante uma boa parte do ano, e trazia tanto sofrimento, vinha agora como uma bênção e esquecidas ficavam todas as agruras do inverno europeu. Só lembravam a delícia de escorregar na neve, aquecer-se junto ao fogo hospitaleiro e saborear iguarias típicas do inverno.

Mesmo assim, e apesar da pele queimada do sol e picada de insetos, as roças foram surgindo no lugar da mata, e a cada dia mais alguns gigantes da selva iam tombando. Canelas, Cedros, Imbuías, Camboatás, Jacarandás, Louros, Aroeiras, enfim, um sem-número de espécies iam caindo para dar lugar ao progresso da colônia.

Nas terras recém-conquistadas iam surgindo plantações de milho, feijão, mandioca, cana-de-açúcar e hortaliças em geral. As bananeiras, que nasciam espontaneamente, eram logo cultivadas e reproduzidas, pois os alemães adoravam aquelas frutas tão adocicadas, com as quais logo começaram a fazer cucas e outros doces, principalmente um creme escuro que servia para suavizar o gosto forte do pão de milho, única mistura conhecida ali. Eles estranharam, sobretudo o pão, acostumados que estavam ao trigo e ao centeio.

Julius Richter trabalhava todos os dias até o anoitecer, incansavelmente, demarcando as novas terras que iam sendo distribuídas. Mas ele mesmo não se interessava por um lote e sempre dizia que, acabado o serviço, procuraria emprego em outro lugar. Tentara exaustivamente namorar a jovem Christine Kohlmann, mas dela só recebera indiferença e até mesmo um certo desprezo.

Enfim acabou se engraçando com uma caboclinha que às vezes subia o rio com a balsa, junto com os mantimentos e sementes enviadas pelo Major Agostinho, que continuava servindo e protegendo a iniciativa do caro Doutor Blumenau. Alzira, a cabocla de olhos negros e rebeldes cabelos sobre as costas, de há muito vinha lançando olhares sedutores sobre Julius, mas ele a tinha ignorado no começo. Para um alemão, toda aquela licenciosidade expressa no olhar matreiro, os cabelos soltos e rebeldes e os dentes algo ruins, demonstrando falta de cuidados pessoais, eram defeitos incontornáveis. Mas com o passar do tempo as convenções também foram deixando de ter importância e Julius passou a ver em Alzira encantos que antes não divisava. Agora aguardava com ansiedade a passagem da balsa e lançava um olhar comprido lá de cima do barranco onde, transpirando ao sol e em mangas de camisa, trabalhava medindo as terras que iam sendo distribuídas aos colonos. Quando parecia que ela estava junto na balsa que singrava o Itajaí Grande, corria até a ribanceira e abanava com um lenço branco para ela, que retribuía toda faceira. Ao cair da tarde, quando chegava à vila, Alzira já estava esperando por ele, toda arrumada e recendendo ao perfume das orquídeas que colocava nos cabelos negros como azeviche. Saíam então a caminhar pelas picadas poeirentas que cortavam a colônia e logo se embrenhavam nos matos, a fim de namorar mais à vontade. Julius ficava louco com a jovem, pois ela deixava que ele percorresse com as mãos as suas curvas seestrosas e apalpassem seus seios duros e empinados. Beijavam-se sôfrega e perdidamente, e não demorou para que rolassem no chão, amando-se como dois bichos da floresta. Um belo dia, Alzira deixou de aparecer, e Julius ficou quase louco. Depois de algumas semanas, pediu ao barqueiro Manuel, que viera trazer mantimentos:

- Ô, Manuel, amanhã, quando desceres o rio, eu posso ir contigo?

Acostumado à boa vontade e alegria do barqueiro, estranhou seu olhar evasivo e uma resposta resmungada, que ele não conseguiu entender. Correu atrás do Manuel e, segurando-o pelo braço, interpelou:

- O que houve amigo? Algum problema que eu possa te ajudar a resolver?

- *Ocê qué descê pra ver a Arzira, né? Num adianta ir, seu doto, qui ela virou alma do outro mundo...* E dizendo isto, virou-se, deixando atrás de si um Julius atônito. Embora tivesse passado a tarde em desespero, tentando negar a informação que tinha recebido, ao cair da noite teve a confirmação. Depois de algumas cachaças, Manuel soltou a língua e contou a desgraça. Alzira tinha descoberto que estava grávida; com medo da reação severa de seu pai, e sem esperança de ser aceita no meio dos alemães tão cheios de preconceito, jogara-se no rio e morrera afogada.

Julius nunca mais foi o mesmo depois daquela desgraça toda. Culpava-se por não ter levado mais a sério aquela caboclinha que havia lhe dado tanto amor de forma incondicional, sem exigir nada em troca. Lembrava-se dos passeios e namoros ao entardecer, do seu cheiro de flor entrando-lhe por todos os poros, e seu corpo fremia de saudade, desespero e culpa.

Caminhando pela beira do rio, olhava tentadoramente para suas águas escuras e convidativas, pensando em juntar-se a sua Alzira na morte, já que não o fizera em vida, quando sentiu uma mão em suas costas. Virando-se, deu com Daniel, que foi logo dizendo:

- Nem penses nisto, meu amigo. Não adianta outra morte para resolver o que já não tem remédio. Consola-te e parte para outros pensamentos, pois Alzira já está no céu!

Daquele dia em diante, ficaram bons amigos e passaram a morar juntos. Enquanto Daniel lavrava a terra o dia todo, plantando roças e cultivando belos legumes, Julius ia medindo a colônia que surgia a cada dia das mãos infatigáveis daqueles bravos alemães. Quando chegava a casa, ao anoitecer, invariavelmente encontrava uma bela panela de feijões frescos cozinhando e espalhando um aroma embriagador, além de pães quentinhos secando no peitoril da rústica janela. É que Daniel, além de muito prendado, era também grande amigo da família Friedenreich, e ganhava muitos quitutes caprichosamente elaborados pelas delicadas mãos de Minna. Clara, a pequena Clara de apenas dois anos, era apaixonada por ele e sempre dizia:

- Daniel, tu vais esperar por mim, para casarmos quando eu crescer, não é mesmo?

- Claro, *kleines bienchen* (pequena abelhinha). Pode deixar que eu espero, pois nenhuma garota daqui é tão linda quanto tu!

Daniel cortava lenha, abastecia a caixa interna que servia ao grande fogão que ficava no centro da rústica choupana e tratava dos animais para D. Minna, depois de cuidar dos seus afazeres, pois Wilhelm estava sempre às voltas com o Doutor Blumenau, cuidando de papéis e relatórios, ou então atendendo pessoas doentes que o procuravam e acabavam pagando seus serviços com porcos, galinhas e hortaliças. Assim Daniel supria a presença masculina indispensável naquelas propriedades rurais incipientes. Ajudava também a cuidar da pequena Alma, o bebê de apenas alguns meses que somente agora, e graças aos cuidados amorosos de sua mãe, recuperava-se da árdua viagem que haviam empreendido. Era lindo ver a ternura que nutria pela garotinha, a qual tratava como se fosse um irmão mais velho e muito amoroso. Em troca disto tudo, nunca ia para casa de mãos vazias. Minna fazia questão de repartir os alimentos que preparava com ele, e na casa dos dois jovens jamais faltava uma boa comida, um pão fresco e alguns doces simples.

Sempre que Daniel estava na casa de D. Minna, a jovem Christine Kohlmann dava um jeito de aparecer por lá com seus longos cabelos louros soltos, brilhando ao sol. Pedia com voz melíflua e cheia de segundas intenções para que a pequena Clara trançasse seus cabelos, pois não estava dando conta. Ela sabia da admiração que a menina tinha por suas longas madeixas e do amor que unia o jovem Daniel à menina, então deduzia que, assim agindo, aproximava-se mais dele. Daniel, no entanto, nada demonstrava e parecia inteiramente imune aos seus encantos, preferindo sair e ocupar-se de outras tarefas enquanto ela estava lá. Christine então ia embora fervendo de raiva e indignação, sentindo-se humilhada pela arrogância do jovem rapaz.

Certa manhã, quando voltava furiosa para casa, depois de ser solenemente ignorada por Daniel, de súbito estacou diante de um enorme e assustador réptil, uma temível jararaca contra as quais os colonos já haviam sido alertados. Era tremendamente peçonhenta e uma picada sua era morte certa. Christine não sabia o que fazer e o medonho réptil demonstrava claramente sua animosidade, enrolada e sibilando agressivamente em sua direção. Christine gritou por socorro e ficou parada, sem mover um músculo. Daniel veio correndo e numa fração de segundo, com extrema agilidade liquidou a cobra. Christine, esquecendo toda a sua educação, atirou-se nos braços do rapaz enquanto chorava convulsivamente e dizia:

- Eu quero ir embora, quero voltar para Hettstedt, minha cidade! Isto aqui é um inferno...

Seus soluços foram diminuindo até que se acalmou, só então percebendo que estava nos braços de Daniel. Então, sem saber direito como agir, fingiu um desmaio, o que obrigou Daniel a levá-la nos braços até sua casa, onde a mãe e a irmã fizeram um grande alvoroço ao vê-lo chegar. Daniel explicou em poucas palavras o que havia acontecido e retirou-se, lacônico como entrara. Christine ficou frustrada, pois mais uma vez seus estratagemas não haviam dado certo.

Naquela noite o episódio foi contado e repassado em seus detalhes por toda a família reunida em volta da mesa. Desde que haviam chegado à colônia, os Kohlmann estavam se sentindo, afinal, uma verdadeira e única família. Embora não fosse ligado à lida no campo, pois era ferreiro de profissão, Kohlmann e seu enteado, que também se chamava Andréas, estavam dando conta de instalar pelo menos algumas roças básicas, e agora os alimentos que vinham à mesa já eram de lavra própria, o que muito os orgulhava.

Kohlmann já havia conhecido Peter Wagner, o mais antigo pioneiro daquela região, e travara com ele grande amizade. Admirava a fibra do velho colono e tudo o que ele realizara, construindo uma das mais belas propriedades de todo o vale.

- Um dia ainda quero ter uma propriedade como ele! – dizia com convicção no olhar, enquanto Johanna, para bulir com ele, completava com ar de troça:

- Espero que também não pretendas ter tantos filhos quantos ele já tem!- o pioneiro tinha uma verdadeira escadinha de filhos, nascendo-lhe quase um por ano, embora sua mulher fosse adoentada e fraca.

Ouviram bater palmas lá fora, e Marie levantou-se da mesa, onde estavam sentados saboreando um caldo grosso de feijão cozido com um belo pedaço de toucinho e fatias grossas de pão de milho. Assim que chegou ao exterior da rude choupana viu que quem chamava era Friedrich Riemer, o marceneiro de Hamburgo que vivia sozinho. Convidou-o para entrar em casa e logo foi incorporado à modesta refeição da família.

Esta era uma das primeiras lições que os alemães aprendiam naquele fim de mundo: a solidariedade. Sem ela não conseguiriam sobreviver e era com rapidez que aprendiam a dividir o pouco que tinham uns com os outros.

Depois do jantar, Riemer e Kohlmann foram para o quintal, fumar seus cachimbos, enquanto as mulheres lavavam a rústica louça de estanho e limpavam a improvisada cozinha. Com uma bacia, traziam água de uma fonte que havia próxima à casa e, desta forma, faziam a limpeza de tudo, utilizando a mesma água para várias tarefas, até que estivesse completamente suja. Depois lavavam o rosto em uma pequena bacia que ficara reservada, e assim estavam prontas para dormir. Enquanto isso, os dois homens conversavam envoltos pela noite perfumada e cheia de sons.

- Sabes, Kohlmann, estou aqui, pois quero te contar minha história. Todos sabem que deixei a minha família em Hamburgo, mas o que vocês não sabem é em que circunstâncias isso aconteceu. É que minha mulher, Gertrudes, era a filha mais nova de uma numerosa família, e nasceu quando minha sogra já era bem velha. Logo depois do nascimento de Gertrudes ela ficou viúva, e assim sendo, depositou toda a sua vida sobre os ombros desta filha. Quando conheci Gertrudes, ela era totalmente dominada pela mãe. Acho até que a única atitude de desafio que ela teve em toda a sua vida foi casar-se comigo. Logo após o casamento fomos morar com minha sogra, e aí o meu inferno começou. Ela sempre me odiou, via-me como um rival, e não perdia uma oportunidade de me agredir. Gertrudes sofria, mas não tinha coragem de desafiá-la. Quantas vezes conversávamos em nosso quarto, e ela me prometia que iria conversar com a mãe, para que a situação melhorasse... Mas nunca teve coragem, a mãe tinha um domínio doentio sobre ela! Então percebi que a nossa única chance era sair de lá, construir a nossa vida sozinhos em outro lugar, que fosse bem longe e onde ela não pudesse nos achar. Imagine que ela não permitia que Gertrudes engravidasse e fazia com que ela, nas raras vezes em que... Tu sabes, encontros de marido e mulher... Fazia com que ela usasse cataplasmas de mostarda para não ter perigo de pegar criança! Então eu convidei Gertrudes para partirmos em busca deste sonho... Uma vida nova, numa nova terra, longe daquela megera. E ela concordou comigo, pois sabia que de outra forma iria me perder. Fizemos todos os planos em segredo, e estava tudo certo. Eu já estava sonhando com muitas crianças à minha volta, me chamando de “*papa*” e se pendurando em minhas barbas, quando dois dias antes de nossa partida cheguei a casa e encontrei Gertrudes chorando, com o rosto todo marcado das pancadas que havia recebido da mãe. Aquilo foi demais para mim! Parti para cima da velha, disposto a dizer-lhe tudo o que ela merecia ouvir, mas Gertrudes não deixou. Ponderou que a mãe tinha razão, que ela estava errada em ter combinado a partida comigo em segredo, e que era melhor eu partir para nunca mais voltar, pois ela não queria mais me ver. De nada adiantaram todos os meus apelos, meus pedidos e juras de amor. Quis até desistir da viagem por ela, mas nada mudava a sua decisão. Queria ficar com a mãe e renegava o nosso casamento de maneira total e definitiva. Passei aquela noite insone, pensando no que fazer para demovê-la desta decisão, mas logo não logrei sucesso em nenhuma de minhas tentativas. No dia seguinte, enquanto eu trabalhava, as duas partiram não sei para que lugar e só encontrei, ao chegar em casa, as portas trancadas e minhas malas em frente à porta. Nenhuma palavra, nem um bilhete de despedida, nada! Fiquei tão desesperado que arranquei uma boa parte

dos meus cabelos, mas de nada adiantou. Então me hospedei no hotel onde nos encontramos, e o resto, todos vocês sabem.

Kohlmann olhava com admiração e pena para o pobre amigo. Quanto havia sofrido calado, durante os últimos meses, sem nunca comentar o caso com ninguém. Naquela viagem, em determinado momento todos haviam reclamado contra algo, só Riemer sempre ficara quieto, aceitando calmamente os problemas. E, no entanto, carregava toda esta dor no coração...

- Amigo, lamento muito que tenhas passado por tudo isto. Conta com a gente para tudo aquilo que precisares e estiver ao nosso alcance...

- Pois é, Kohlmann, eu te contei tudo isto, pois acho que podes me compreender quando eu digo que desejo reconstruir a minha vida. E eu gostaria de te pedir permissão para cortejar a tua filha Marie. Desde a viagem ela me chamou a atenção, pois é bela como uma pintura e eu acho que poderia reconstruir a minha vida ao lado dela.

- Infelizmente, não sei se vai ser possível, Riemer. Embora eu saiba que és um bom homem, jamais vais poder casar e isto eu acho que a Johanne não vai aceitar nunca para nenhuma de suas filhas. Como já deves saber, nós não somos legitimamente casados, pois eu abandonei minha primeira mulher para ficar com Johanne, que era viúva e tinha estes três filhos. Ela sofreu muito com a condenação da sociedade, e foi por causa deste desgosto todo que acabamos entrando nesta aventura, para que aqui ela encontrasse a aceitação que tanto deseja. Por isto, duvido que concorde com esta situação irregular para uma de suas filhas, e justamente Marie, que é a mais velha e conseqüentemente deverá ser a primeira a se casar. Ela sonha com um belo casamento para sua filha, em vê-la vestida de noiva, toda de branco, na igreja... Acho que nenhuma das duas abrirá mão deste sonho, em todo o caso posso falar da questão aqui em casa, oportunamente...

- Não, prefiro que fique entre nós. Se achas que elas não vão concordar, é melhor nem contar esta história para mais ninguém; quanto menos gente souber, melhor.

Riemer olhou para o céu escuro e estrelado e suspirou fundo, amargando mais esta decepção. Kohlmann sentiu uma profunda pena dele, mas nada podia fazer... Conhecia sua família.

Riemer então disse, apontando o céu:

- Kohlmann, estás vendo aquelas estrelas que formam uma cruz, ali e ali? O Doutor Blumenau me mostrou um dia destes e me ensinou que este é o Cruzeiro do Sul, uma formação que orienta os navegantes desde tempos imemoriais. É lindo, não?

Riemer falava como se a conversa anterior nunca tivesse acontecido, e eles nunca mais tocaram naquele assunto, mas Kohlmann passou a nutrir pelo amigo um carinho especial, e ficou torcendo para que ele pudesse achar uma moça tão decente quanto sua filha e refazer a vida.

- Será que este vinho de laranjas vai ficar bom? – Minna perguntava, ansiosa, pois a sua parte na festa comunitária de Natal da colônia era de suma importância, sem ela não haveria o tradicional brinde de boas festas. Wilhelm abraçou-a com força, dizendo:

- Não há nada que faça e que não fique bom, Liebchen (queridinha). Tuas mãos são mágicas... E por falar em mãos mágicas, preciso que dê uma aparada na minha barba, não quero fazer feio em nosso primeiro Natal!

Clara corria em volta dos pais, graciosa em suas roupas festivas que Minna ajeitara com tanto carinho. Enquanto ela aparava sua barba com delicadeza, Wilhelm olhava em volta, para a sua propriedade, pensando:

- É incrível o que aqui construímos... Da mata virgem recuperamos este pedaço de terra, e que terra! Fértil, com uma boa e gorda camada de húmus, com toda esta chuva e calor, aqui só pode nascer tudo o que se planta!

Estendendo os olhos, divisou as roças de feijão, milho, mandioca, batatas e verduras, além dos diversos pés de laranja, limão, bananeiras, mamoeiros com seus cachos de belos frutos amarelos. Só não plantava cana-de-açúcar, pois não tinha interesse em instalar um engenho, como muitos outros colonos, que já faziam planos para comprar os equipamentos a fim de refinar a cana e produzir melado, açúcar e cachaça. Wilhelm dedicava-se menos a terra e muito mais a auxiliar o Dr. Blumenau e a boa gente dali, com seus conhecimentos de medicina e cirurgia. Já salvara alguns desavisados que haviam sido picados por aranhas e outros animais agressivos. Sua enorme frustração era não conseguir resolver o problema das picadas de cobra. As jararacas, como eram chamadas, abundavam por ali e eram extremamente peçonhentas. Nenhuma de suas poções caseiras dava resultado, e alguns homens já haviam morrido. Graças ao bom Deus, nenhum dos dezessete companheiros que haviam chegado há quatro meses àquela colônia havia perecido, mas dos trabalhadores enviados pelo Major Agostinho, dois já tinham morrido, excluindo alguns que o Major enviara para serem tratados por ele, sem que lograsse êxito.

- Preciso mandar pedir algum antídoto na capital do império. Não é possível que não haja nenhum medicamento eficaz contra essas desgraçadas!

- Minna, sabes que estou sempre em contato com a boa e simples gente daqui, estes brasileirozinhos e caboclos da Vila Santíssimo Sacramento, não é mesmo? Pois quero te contar a maior: eles não conseguem dizer meu nome, e criaram uma versão “aportuguesada” para eles, sabes como é? Guilherme! Gostas? – e dizendo isto caiu numa gostosa gargalhada, lembrando o estratagemas dos brasileiros que não conseguiam dobrar a língua para pronunciar seu nome. A maior parte dos alemães acabaria passando pelo mesmo processo, pois para brasileiros, caboclos, açorianos e outros povos, era praticamente impossível pronunciar aqueles nomes que, para eles, soavam com incrível estranheza.

- Wilhelm, tenho algo para te contar... Espero que gostes da novidade, pois acho que ela tem uma importância histórica, mas...

E Minna hesitou, entre a dúvida e a alegria de transmitir ao marido a novidade.

- Mas o que é mulher? Diz logo! Estás me deixando ansioso!

- Nós vamos ter mais um filho! Acho que vai ser o primeiro brasileiro da nossa colônia e...

- Minna, que notícia maravilhosa! Como podes ter achado que eu não gostaria? Apesar de todo o teu trabalho e sacrifícios, ainda achaste tempo para isto também?

- Wilhelm, não seja ridículo! Isto nós dois fizemos juntos! Ou vais me dizer que isto é obra do Guilherme?

Os dois se abraçaram e puseram-se a rir como dois loucos, atraindo as crianças com sua algazarra e alegria. Wilhelm pegou a esposa no colo e rodopiou com ela no pátio, levando-a até próximo de um pé de rosas, onde colheu a mais bela flor e colocou-a entre seus cabelos perfumados que caíam em cachos pelos ombros.

- Liebchen, hoje me deste um belo presente de natal. Pena que só posso te retribuir meu amor e dedicação, nada mais tenho para te presentear...

A realidade é que naquela longínqua colônia, a figura do Papai Noel não tinha razão de ser, pois presentes não havia de parte alguma, e ninguém havia tido condições, dinheiro ou tempo para pensar nisto, estavam satisfeitos, pois estariam reunidos, haveria boa comida, muito riso e alegria e, por hora, isto bastava.

- Também, o Nicolau haveria de morrer de calor aqui na colônia, com suas roupas de lã e pele! – encerrou ela com graça.

Nisto viram que Daniel vinha chegando, e trazia um belo embrulho nas mãos. Olharam-no expectantes e ele foi logo dizendo, com ar triunfal:

- Vejam, cacei quatro lindos perus silvestres.

O que ele chamava de perus silvestres eram na verdade jacutingas, enormes aves que abundavam naquela região. Elas estavam limpas e Daniel trouxera para que Minna as assasse para a festa de Natal, logo mais à noite.

- Nem peru vai faltar em nosso “*Weihnachten*” (natal), inclusive eu soube que veio lá da floresta até um presente para uma certa menininha... E olhando com ar amoroso para Clara, tirou da algibeira do seu casaco um pacotinho comprido, forrado com lisas e brilhantes folhas de bananeira e deu para a garota, cujos olhos brilhavam como estrelas. Ela abriu sofregamente o improvisado pacote e deu com uma pequena flauta escavada num bambu, muito verde e lisa. Levou-a imediatamente à boca, tirando alguns sons canhestros e gritando de alegria. Atirou-se na pernas de Daniel, abraçando-o e gritando ao mesmo tempo:

- Daniel, te adoro! Quando crescer e nos casarmos, vamos ser felizes como o *papa* e a *mama*! Os dois saíram brincando e falando sob os olhares amorosos e felizes do casal.

Aquela foi uma noite especial. Reunidos diante do barracão dos imigrantes, realizaram a mais singela e espontânea comemoração de Natal de suas vidas. Todos haviam caprichado nos trajes, e havia uma certa elegância no ar. Sobre um tablado improvisado, estavam as iguarias preparadas para o jantar: compotas de laranja, banana e mamão, pratos de feijão cozido e temperado com pepinos e vinagre de maçã, as quatro belas jacutingas que Daniel havia caçado, assadas e bem preparadas, enormes pratos de palmito cozido, traíras pescadas no Itajaí-Açu e assadas em folhas de bananeira, enormes bandejas de mandioca cozida e fumegante, além de muitas bacias com pães de milho e algumas garrafas de aguardente. Num local de honra estavam as garrafas de vinho de laranja que Minna havia feito em casa e que serviriam para o brinde de Natal. Bem no centro estava uma improvisada árvore de Natal. Um enorme galho de aroeira havia sido cortado e enterrado no chão, e seus cachos de bagos vermelhos faziam as vezes de bolas natalinas. Além destes, havia pequeninas tiras de fazenda coloridas, caprichosamente cortadas e amarradas aos galhos para complementar a decoração. Johanne, que adorava o Natal, dera-se ao trabalho de confeccionar pequenas velas com cera de abelhas nativas, pequenas abelhas pretas que faziam suas colmeias nos troncos ocos das árvores e produziam um mel de doçura ímpar. A árvore estava completa, e agora só faltava acendê-la, o que provocou no recinto um aroma doce que envolveu a todos.

No meio da selva, envoltos na total escuridão e silêncio da noite, fecharam os olhos e acompanharam a fervorosa prece que o Doutor Blumenau elevava aos céus, agradecendo por todas as benesses e a proteção recebida, e invocando as graças do criador para o sucesso daquela colônia nascente. De muitos olhos escorreram sentidas lágrimas, que desceram silenciosas pelas faces, recordando a terra natal e a família que lá ficara. Os vaga-lumes cercavam a original árvore de Natal, dando a ela um toque mágico de incomparável beleza.

O teto do improvisado salão era o aveludado céu de dezembro, onde miríades de estrelas pontilhavam o espaço, e as imponentes árvores da floresta faziam vezes de paredes, enfeitando a festa com cipós e centenas de flores de múltiplos matizes. Aves e animais noctívagos emitiam sons estranhos e diferentes, quebrando o sepulcral silêncio que envolvia a todos. De súbito, do meio daquele ermo, ergueu-se um canto harmônico, suave como deve ser a voz dos anjos. Eram as poucas mulheres que entoavam o *Stille Nacht, Heilige Nacht* (Noite Feliz) com suas vozes

delicadas. Logo as fortes vozes masculinas se uniram às delas, e o improvisado coral ressoou pelas cercanias da colônia.

Este som inusitado, porém, chamou a atenção dos bugres que andavam ali perto, em excursão de caça. Eram nômades e, de tempos em tempos, desciam até mais perto da foz do rio para pescar e caçar aves diferentes daquelas que abundavam serra acima. Assustados e curiosos, procuraram localizar a origem de tão inusitado som, chegando mais perto da incipiente colonização. Por entre os galhos de árvores, enxergaram o que lhes pareceu o mais estranho e selvagem ritual que já tinham visto: pessoas mal cheirosas e vestidas com panos esquisitos, pulando em volta de uma árvore estranhamente enfeitada e entoando sons tão diferentes de tudo o que já tinham ouvido. Embora já tivessem tido algum contato com estes invasores que vinham não se sabe de onde, aqueles ali eram motivo de grande preocupação para o filho do cacique, que chefiava a excursão. Depois de consultar o grande pai, repositório da sabedoria maior, com certeza tomaria algumas providências sobre aquilo tudo. A sua silenciosa movimentação na floresta, no entanto, foi percebida por Clara Friedenreich, que divisou um par de olhos brilhantes em meio ao mato e gritou, apontando para lá. Em pânico e sem saber o que fazer, alguns homens correram para dentro do barracão e apanharam suas armas, mas nada mais foi visto e o alarme, tido na conta da imaginação infantil. Desde aquele dia, no entanto, muitas vezes sentiam-se vigiados de dentro da floresta e saíam correndo para suas casas, às vezes no meio da manhã e sem motivo aparente nenhum.

Passado o susto, resolveram saborear a ceia tão laboriosamente preparada em parceria por todos, e sentaram-se em bancos, troncos caídos, no chão, sobre folhas de bananeira, enfim, onde surgia uma improvisada cadeira naquele “salão” tão especial.

O Doutor Blumenau resolveu falar e foi resumindo a situação atual da colônia:

- Bem, meus amigos, é uma felicidade estar aqui, entre vocês, falando sobre as nossas conquistas. Embora tenham vindo apenas dezessete pessoas nesta primeira empreitada de nossa colônia, sinto-me feliz em verificar que todos, de um jeito ou de outro, já encontraram o seu espaço aqui entre nós. Wilhelm Friedenreich é por assim dizer meu braço direito, ajudando-me a redigir relatórios e preparar documentos necessários à regularização de nossa colônia, isto sem falar no auxílio aos colonos e trabalhadores doentes, que tem sido de inestimável valia. Sua esposa Minna é uma mãe extremosa que está sabendo criar as meninas neste novo mundo. Basta olhar a sua casa para ver como se adaptam à nova vida!

- E também providenciamos a vinda do primeiro colono brasileiro legítimo, que estará entre nós no próximo ano! – completou orgulhoso Friedenreich, enquanto Minna corava como uma adolescente.

- Mas que notícia maravilhosa! Isto sim é um verdadeiro sinal do progresso do nosso empreendimento, meus amigos! – e o Doutor abraçou ternamente a futura mãe como se fosse uma filha diletta. Todos saudaram e parabenizaram o casal, e uma luz de esperança nasceu em muitos dos corações ali presentes.

O Doutor Blumenau continuou:

- A família Kohlmann também está bem adaptada por aqui, e estou sabendo que procuram uma propriedade maior para comprar, não é mesmo, Kohlmann?

- Ah! Sim doutor. Somos uma família muito numerosa e logo os jovens estarão casando, creio que precisamos de mais terras. Já falei com meu amigo Wagner e ele ficou de ver umas terras próximas às dele que aparentemente estão à venda. Gostaria muito de me instalar por lá, gosto daquela região e nos damos muito bem com a família Wagner!

- Espero que consigam adquirir exatamente o que querem, Kohlmann. E conte com minha ajuda e apoio para o que precisar. Continuando, temos nosso amigo Julius Richter, que continua demarcando as terras de todos vocês e dos muitos que hão de vir no próximo ano... Enquanto Blumenau assim falava, houve um murmúrio, principalmente dos rapazes solteiros, que se ressentiam muito da solidão em que viviam. Erich Hoffmann, o eterno encrenqueiro que vivia reclamando, foi logo dizendo:

- O senhor só fica dizendo que outros virão, mas nada acontece e não vejo o senhor tomando nenhuma providência prática! Estou cansado de estar aqui sozinho, trabalhando como um cão e sem ninguém para esquentar meus pés nas noites frias.

- Ora, Hoffmann, então por que não trouxeste uma mulher junto contigo quando vieste? Tenho certeza de que ninguém teria te impedido. Mas se não tiveste competência para convencer nenhuma moça a vir contigo, não bota a culpa no doutor agora! – disse-lhe em tom jocoso, Paul Kellner.

- Pensas que eu também não sinto solidão? Mas em vez de ficar resmungando, estou trabalhando duro para ir à Alemanha buscar uma esposa! – completou Franz Sallenthien, com seu eterno ar superior.

- Senhores, não podemos esquecer que estamos aqui, todos juntos, há apenas quatro meses. Temos muito ainda pela frente, até conquistarmos tudo o que sonhamos. No ano próximo, com toda a certeza, virão muitos novos imigrantes para se juntar a nós. Inclusive eu e meu sobrinho Reinhold estamos mesmo tratando disto.

Blumenau olhou para o sobrinho, que assentiu com a cabeça. Naquela mesma tarde estiveram conversando sobre aquele assunto, e haviam resolvido que Gaertner iria para a Alemanha, arregimentar mais colonos para o empreendimento. Um dos pontos que eles haviam discutido era justamente a solidão dos solteiros, fato que dificultava a sua adaptação e diminuía a sua vontade de trabalhar e vencer. O sobrinho tinha continuado a auxiliar o tio no processo de colonização, e era o companheiro inseparável de Julius Richter nos longos dias de medições de terras sob o sol escaldante daquele verão. O agrimensor, por sua vez, continuava afirmando que, quando todo o trabalho estivesse concluído, procuraria emprego em outro local. A mágoa ainda habitava aquele coração e certamente ele nunca esqueceria a caboclinha Alzira. Prova disto é que continuava morando com Daniel Pfaffendorf, numa clara demonstração de que não pretendia botar raízes naquele solo. Muitas vezes, sentados na absoluta escuridão da noite, quando enxergavam apenas as brasas de seus cachimbos, conversavam sobre a vida e Julius comentava:

- Daniel, juro que não te entendo! As irmãs Kohlmann se derramam de amores por ti, bastaria um sinal teu e elas estariam aos teus pés... Todos os homens solteiros e sozinhos desta colônia já sonharam com elas, mas só para ti eu as vejo dar atenção. No entanto noto que és indiferente ao assédio delas...

- Não sei amigo! Estas mulheres não me dizem nada, não gosto de afetação, gritinhos e cenas de rostos corados. Para mim já basta a noiva que me arrumaram em casa, antes de eu viajar para a colônia. Era uma dissimulada! Algumas semanas antes de nosso casamento, encontrei-a escondida atrás de sua casa, aos beijos com um rapaz que trabalhava nos campos, na propriedade de seu pai. Só porque ele era um pobre assalariado, ela rejeitou-o, embora gostasse dele. E ia casar comigo pela posição de minha família, cujas terras eram vizinhas às deles! Fiquei enojado e resolvi virar as costas a toda aquela hipocrisia. Por isto gosto mesmo é das crianças. Elas são puras e verdadeiras, não têm disfarces e nem fazem jogos de interesse. Quem sabe eu não espere a Clara crescer para casar com ela realmente?

Julius ficou sem resposta, pasmado pela história que ele, espontaneamente, contara. Então este era o segredo de Daniel, a sua mágoa e aparente indiferença às mulheres! Depois daquele dia passou a admirar e gostar ainda mais do amigo.

O Doutor Blumenau continuava falando, fazendo um balanço da vida de cada um, e agora estava elogiando Riemer, cuja propriedade crescia a olhos vistos. Ele trabalhava como um mouro, de sol a sol, e suas roças eram de longe as mais viçosas de toda a colônia. Em uma boa parte de sua terra plantara cana-de-açúcar e agora elas ondulavam harmoniosamente ao vento, prometendo uma promissora colheita. O maquinário já era esperado, e em breve ele seria o primeiro da colônia a fabricar melado, açúcar e cachaça. Passara alguns dias na Colônia do Santíssimo Sacramento, trabalhando no engenho do Major Agostinho, para aprender as técnicas do fabrico daqueles produtos e não via a hora de começar. Além disso, estava fazendo algumas experiências com o plantio de fumo, pois não desistira de seu sonho: fabricar charutos! Continuava também esperando a mulher certa que, ele acreditava, havia de aparecer.

Os espinhos da colônia continuavam sendo Erich Hoffmann e Friedrich Geier. Embora tivessem recebido cada qual a sua cota de terra, conforme o prometido, suas terras não estavam bem cuidadas, antes eram o retrato do desleixo e da desordem, e as propriedades deles não estavam rendendo o que poderiam. Por conta disto, viviam reclamando e se queixando da administração, do

Doutor Blumenau e até de seus companheiros de jornada, aos quais chamavam de “cordeirinhos do Doutor”, por apoiarem o colonizador. Não perdiam uma oportunidade para polemizar, e todos os outros já estavam um pouco saturados de sua conversa.

- Quanto a ti, Paul, o Reinhold me disse que tens ótimos planos?

- Ah! Sim, Doutor! Eu recebi uma carta do meu irmão Adolph, que pretende vir para cá assim que for possível, para ficar e trabalhar comigo. Quando parti da Alemanha fiquei muito preocupado com o coitado, que estava numa situação parecida com a minha, mas agora ele fez 18 anos e nada mais o segurará lá. Bastou que eu virasse as costas para o serviço pesado para cair todo em cima dele. Aqui também trabalhamos pesado, mas é para nós mesmos! Eu vou vender uma parte da minha terra e, com este dinheiro, montar uma serraria num local que eu já escolhi, lá no mato. Tenho certeza de que vai dar certo agora que o Adolph também virá. Vou em breve escrever uma carta dando orientações para ele!

- E quanto a ti, Salenthien, também tens belos planos?

- Olha Doutor, meu grande sonho é trazer minha irmã Gretchen para junto de mim. Espero que em breve eu já tenha condições de fazer isto, mas só vou convidá-la quando puder recebê-la dignamente; para isto preciso de uma nova casa, e não aquela choupana em que vivo hoje. Também quero fazer móveis, ter cortinas, enfeites, e um sem fim de coisas bonitas com as quais a minha irmã está acostumada. Quem sabe ela não vem e traz alguma bela donzela para comigo casar-se?

Todos riram das pretensões do jovem e empolgado Franz, mas o Doutor Blumenau atalhou:

- É isto mesmo, meu amigo! Fazes muito bem em sonhar, quanto mais alto melhor. Eu tenho percebido que as pessoas que conseguem se dar bem, crescer e evoluir são aquelas que têm uma visão positiva da nova vida, sonham alto e, é claro, trabalham muito!

- Acho que está na hora do brinde, pois a minha esposa teve um trabalhão para fazer este vinho de laranjas, a fim de que todos nós pudéssemos brindar nesta noite de Natal! – encerrou Friedenreich, olhando orgulhoso para Minna, que sorria acariciando levemente sua barriga e pensando na criança que, dentro em breve, seria a primeira a nascer na colônia.

- Gostaria também de aproveitar a oportunidade e fazer um comunicado – continuou Wilhelm, enquanto os copos eram servidos – assim que entrar o ano de 1851, iniciarei a construção de uma nova casa bem aqui, no centro da colônia. E será de alvenaria!

A frase caiu como uma bomba entre os presentes, que ficaram estupefatos com a coragem de Friedenreich. O Doutor Blumenau sorriu e disse, levantando o copo:

- Eis aí mais um belo motivo para o nosso brinde. Parabéns, Friedenreich, você está fazendo exatamente o que eu recomendei: sonhando alto! E parabéns a todos nós, que estamos aqui em nossa colônia nesta noite de Natal. Se aqui estamos é porque já somos vencedores!

Ouviram-se vivas de todos os lados, os rústicos copos feitos de bambu se encontraram e todos sentiram, ao menos por alguns instantes, completamente felizes!

Colônia Blumenau
Fevereiro de 1851

Há semanas vinha chovendo em todo o Vale, transformando os precários acessos feitos no meio da mata em lamaçais quase intransponíveis e a mataria num verdadeiro manto esbranquiçado. A umidade era pegajosa, parecia que se podia segurar o ar com as mãos, tão pesado estava. As flores, desmaiadas, apontavam suas corolas para o chão, encharcadas de água e desbotadas. Até os répteis vinham procurar abrigo dentro das choupanas, e diversos colonos mataram cobras e aranhas dentro de casa. As rãs pululavam por todos os lugares, parecendo que iriam invadir a colônia e tomar conta de tudo. A sensação que se tinha é de que não havia lugar seco em toda a colônia e até as almas pareciam molhadas.

As águas do Itajaí Grande estavam rumorosas, escuras e espumosas, e o seu nível subia a cada dia, assustando os colonos que estavam acostumados com a placidez dos rios alemães. Depois de três semanas ininterruptas de chuva, o rio começou a invadir as terras, casas e roças, causando uma destruição só comparável a um grande furacão. A água invadia sem cerimônia as choupanas dos moradores, levando consigo todo o tesouro que eles, com tanto sacrifício, haviam acumulado durante aqueles meses de intenso trabalho. O barro que cobria as paredes, fazendo as vezes de cimento para unir os troncos de palmito, foi todo arrancado pela ação da água, e acabou no chão, fazendo das casas um verdadeiro lodaçal. As colheitas, tanto as que já estavam nos ranchos quanto as que ainda estavam na plantação, foram totalmente arrastadas pelas águas violentas que o rio derramava sem nenhuma cerimônia sobre a colônia. O ruído vigoroso das águas parecia dizer que aquela terra pertencia ao rio, e que ele a tomaria quantas vezes quisesse, independente da revolta dos homens que ali habitavam.

Foi uma verdadeira calamidade, uma devastação que deixou as almas pesadas e os olhos sem brilho, depois que se foi deixando um rastro de destruição.

Foi com muito custo que o Doutor Blumenau conseguiu, aos poucos, levantar os ânimos da colonada e fazer com que voltassem à labuta para recuperar o que havia sido perdido. Mas teve que empregar um pouco do seu próprio e já escasso dinheiro, para adquirir gêneros de primeira necessidade que atendessem as necessidades mais prementes dos habitantes da flagelada colônia.

Diante desta situação, resolveu adiantar a viagem do sobrinho para a Alemanha, a fim de que cooptasse e trouxesse, com a maior urgência, novos colonos para o Brasil. Ainda naquele mês de fevereiro Reinhold Gaertner partiu com a balsa que viera carregada de novos mantimentos mandados pelo Major Agostinho, para a colônia do Santíssimo Sacramento, a fim de esperar uma embarcação para ir até Desterro ou São Francisco, de onde com certeza embarcaria para Hamburgo. Nos últimos dias do mês de fevereiro, Daniel Pfaffendorf caminhava pela beirada do rio, agora calmo e plácido depois da invasão que havia cometido algumas semanas antes, e pensava na agradável sensação que deveria ser aquela água fresca, para aplacar o calor abrasador que fazia. Depois de trabalhar um dia inteiro nas roças dele e dos Friedenreich, procurando refazer o estrago que a enchente causara, sua pele ardia como fogo e apresentava pequenas feridas, nos locais onde os mosquitos haviam picado. Também seus pés estavam em estado de miséria, rachados e sangrando em alguns pontos, e ele tirou o grosseiro tamanco de madeira que usava para que a dor diminuísse um pouco. Sentado à sombra de um imenso ipê que derramava suas flores amarelas sobre a corrente do rio, num remanso que se formava, colocou os pés na água, sentindo com isto um imediato alívio.

- Que delícia! – pensou já colocando também as mãos e pulsos na água fresca. Logo estava com água até os joelhos e seus pés escorregavam lentamente na lama que se formavam às margens do Itajaí Grande.

- Já vi algumas vezes o doutor tomar banho, e ele sempre sai da água renovado como se tivesse se banhado na fonte da juventude. Acho que não fará mal nenhum se eu entrar... E pensando assim foi escorregando para dentro d'água lentamente, saboreando a sensação gostosa que o frescor da água ocasionava em seu corpo quente e maltratado pelos rigores do verão. Este tinha sido sempre um desejo seu, mas relutara diante das invectivas dos caboclos, velhos conhecedores dos perigos do rio.

Também o doutor Blumenau desaconselhava os imigrantes de tomarem banho naquelas águas, embora ele mesmo, às vezes, arriscasse alguns mergulhos.

- Mas é que sou um nadador exímio! – explicava ele à guisa de justificativa para sua atitude.

Daniel, naquele momento, sentia uma das mais agradáveis sensações de sua vida. O frescor da água acalmara de maneira impressionante o ardor da pele e das inúmeras feridas, e abrandara completamente aquela sensação sufocante que todos tinham sentido nas últimas semanas.

- Ah! Se eu soubesse que era tão bom, já teria experimentado muito antes – pensava o jovem, lembrando-se das muitas penosas horas de trabalho nas roças, sob o sol escaldante e nada para abrandá-lo. Já calculava que, com alguns mergulhos como aquele, enfrentaria com muito mais disposição o trabalho diário. Soltou o corpo sobre a água, pairando como uma folha seca sobre ela e deixando-se levar, ao sabor da corrente. Era a melhor sensação do mundo, e uma alegria imensa inundou seu coração, repleto da beleza e paz da natureza. Os olhos divisaram o céu intensamente azul, lá longe se encontrando com o verde intenso da floresta... Nada mais importava, só a paz e tranquilidade daquele momento.

Quando Daniel finalmente deu por si, havia se afastado sobremaneira da margem do rio, e só com muito esforço poderia alcançá-la novamente. Imediatamente sentiu uma sensação de pânico invadi-lo, lembrando dos múltiplos conselhos dos caboclos sobre os perigos do rio.

- *Ele é manhoso, seo doto! Adula e agrada a gente que nem muié moça, a gente vai se deixando e quando vê, não tem volta...*

Estas palavras ressoavam na mente de Daniel como gritos e logo um total desespero tomava conta dele. Debateu-se, agitava pernas e braços em ritmo frenético e totalmente descompassado, e só conseguiu com isto ficar ainda mais cansado e desesperado. Gritou muito, a plenos pulmões, buscando alguma ajuda, mas ninguém apareceu. Àquela hora, estavam todos ocupados em seus próprios afazeres e não dariam pela falta dele. Bebeu muita água, entregando-se para o abraço gelado da água. Deixou a sua vida se esvair enquanto uma etérea sensação de paz invadia-o como uma benção final.

Somente ao anoitecer, quando Julius Richter voltou para casa, deu pela falta do companheiro e, depois de algumas horas de procura infrutífera, deu o alarme. No dia seguinte, pela manhã, o Itajaí Grande devolveu o corpo inerte daquele pioneiro, a primeira vítima do audaz empreendimento do Doutor Blumenau em terras brasileiras. Todos choraram muito, e rezaram sobre o caixão improvisado, mas a mais abalada era a pequena Clara. No rosto aterrorizado, expressava uma dor adulta e tão profunda que chocou a todos. Ao invés de chorar, espernear e gritar, como qualquer criança teria feito, mantinha o olhar fixo no nada, gelado e sem expressão. Só de quando em quando uma lágrima solitária rolava pelas faces, indo pingar e manchar o vermelho do seu vestido.

Depois daquele dia o Doutor Blumenau nunca mais se banhou nas águas do rio, revelando que no fundo se sentia culpado por ter dado tão mau exemplo.

Colônia Blumenau
27 de agosto de 1851

O sol se punha atrás dos montes, colorindo as nuvens e derramando um cadinho de ouro líquido sobre a plácida superfície do Itajaí Grande, enquanto as aves anunciavam, com gritos agudos, a chegada do anoitecer.

Lá ao longe se ouvia o som das grandes varas penetrando a corrente mansa do rio e projetando a balsa rio acima.

Logo alguém viu e deu o alarme.

- Os imigrantes estão chegando! Os novos colonos estão chegando!

Correram todos para a margem do rio, tendo à frente um ansioso Dr. Blumenau, que aguardava com grande emoção a segunda remessa de colonos para o seu empreendimento. Estava prevista a chegada para aqueles dias, pois haviam recebido uma carta de Gaertner, mas nunca sabiam com exatidão a data.

Sobre a balsa, revelando a mesma ansiedade e expectativa daqueles que estavam em terra firme, um reduzido grupo de pessoas trêmulas e expectantes olhava para aquele novo e inusitado mundo: eram apenas oito pessoas, o que mais uma vez frustrou as expectativas do colonizador, e também dessa vez ele nada demonstrou, recebendo-os com um grande sorriso de boas-vindas e pulando logo na balsa para apertar a mão de cada um. Abraçou longamente o sobrinho Reinhold, parabenizando-o pela chegada e pelo novo grupo de integrantes que trazia e foi logo dizendo:

- Sejam bem-vindos a sua nova casa, este nosso pequeno paraíso chamado Brasil! Vejam, esta é a nossa colônia!

E apontava orgulhoso para o tímido amontoado de choupanas cercadas de viçosas roças. No centro daquela insignificante vila pontificava o barracão dos imigrantes, com suas paredes, erguidas de palmito, nuas, pois a água lavara todo o barro que as cobria e protegia. O maior destaque ficava por conta da nova casa dos Friedenreich, construída com tijolos e largas madeiras de Camboatá resgatadas da floresta e que já estava em adiantado estado de construção. Ele esperava inaugurá-la antes do Natal. Na parte de baixo, que estava quase pronta, já se instalara o Doutor Blumenau com o escritório da colônia. Com esta atitude, resolvia vários problemas: ajudava seu amigo Friedenreich, fornecendo-lhe renda extra através do aluguel, ficava próximo daquele que era seu grande auxiliar e também mais próximo dos acontecimentos, pois sua propriedade particular ficava alguns quilômetros distante dali.

Alguns alegres cachorros corriam e latiam por entre as pessoas, e nos quintais divisavam-se algumas vacas, cabras e cavalos pastando tranquilamente, como se nada estivesse acontecendo. Galinhas ciscavam nos terreiros e uma paz plácida e vagarosa cobria tudo, como um manto. Os moradores da colônia haviam acorrido todos para o improvisado porto, a fim de receber os novos moradores e as novidades da distante terra natal. Reinhold, enquanto abraçava saudoso a todos, já ia dizendo animadamente:

- Meus amigos, trouxe cartas, mudas, sementes e muitas outras encomendas que me fizeram. Esperem que hoje é dia de alegria!

E Reinhold, sem mais delongas, foi apresentando os novos moradores da colônia:

Esta é a família Seckendorff, com cinco integrantes; ali adiante temos dois fortes lavradores que vieram enriquecer neste nosso paraíso, Ernst Weise e Kurt Koehler. E temos também um sapateiro, o Sr. Hermann Schüller. Weise, Koehler e Schüller vieram na frente para se estabelecer e suas famílias virão depois de algum tempo!

Os Seckendorff eram uma família de cinco pessoas, o casal, dois filhos homens que variavam entre 13 a 18 anos e uma bela jovem de uns 17 anos, Louise Seckendorff.

Erich Hoffmann e Friedrich Geier, que tinham largado suas enxadas e corrido para o porto, ficaram todos animados e já começaram a lançar olhares um pouco atrevidos para a garota, que corou como um tomate.

Sua mãe abraçou-a protetoramente e rumaram todos para o barracão da recepção. Embora os habitantes da colônia tivessem ficado com medo da reação dos viajantes e até estivessem dispostos a hospedá-los em suas casas, eles não pareciam estar esperando coisa melhor, e nem titubearam. Largaram suas coisas e já foram se instalando da melhor maneira possível. Minna, apesar do estado adiantado de sua gravidez, havia dado uma boa arrumada no local, auxiliada por Christine e Marie Kohlmann. Havia até um vaso com singelas flores perfumando o local, e os novos moradores não questionaram nada. Pareciam mais preparados para o que iam enfrentar do que a primeira leva, que chegara um pouco iludida. Escaldado pelos problemas enfrentados na primeira vez, Reinhold havia deixado bem claro que condições eles iriam encontrar na colônia.

Erich Hoffmann e seu inseparável amigo Friedrich Geier iniciaram naquela mesma noite a sua campanha para conquistar Louise Seckendorff. Cercaram-na de atenções e cuidados, o que era visto com má vontade por seus pais, que, no entanto não queriam polemizar já de início. Wilhelm Friedenreich, lá pelas tantas, chamou os rapazes e passou-lhes um raspão:

- Moderem-se, rapazes! Vocês estão sendo muito agressivos com a pobre moça! Não estão percebendo que ela está assustada com estas atitudes?

- Aqui neste fim de mundo, e ainda por cima sozinhos! O que esperavas, Friedenreich? Se eu não arrumar uma mulher logo, juro que vou embora deste inferno!

- Nada tenho contra que vocês arrumem esposas, e façam tudo para isto, mas pelo menos respeitem as regras básicas de educação, ou nunca esta jovem vai sequer olhar para vocês!

Nos dias seguintes o assédio continuou, até que o pai da garota resolveu falar com o Doutor Blumenau.

O colonizador estava em seu escritório, conversando com o sobrinho sobre as agruras que este encontrara.

- É, tio Bruno, parece que a sorte foge de nós! Eu já tinha conseguido um belo grupo, pelo menos umas vinte pessoas para emigrar comigo, mas imagine que agora fundaram uma nova colônia aqui na mesma região, mais ao norte da nossa. E o pior é que a iniciativa é do príncipe, o Conde D'Eu, marido da princesa brasileira. Então, há verbas para viagens e eles estão até fornecendo dinheiro para os que resolverem vir. Resultado: meus colonos acabaram indo para lá. Por estas alturas já devem ter chegado e fundado a colônia, parece que vai se chamar Dona Francisca.

- O único jeito, Reinhold, é ir novamente no próximo ano. Vou escrever já para os nossos contatos na Alemanha, para o cônsul e também para a minha família, enviando folhetos que eles farão publicar nos jornais mais conhecidos de lá. Tenho certeza de que no próximo ano terá mais sucesso!

- Nisto eu também acredito tio, pois a situação na nossa terra vai de mal a pior. Há muita fome e escassez, e a emigração acabou virando uma verdadeira coqueluche, principalmente entre lavradores e pequenos artesãos. Também as famílias dos colonos, que recebem cartas destes, acabam divulgando os sucessos das colônias e incrementando o processo.

Nisto Herr Seckendorff entrou no escritório, de chapéu na mão e, depois de cumprimentar os dois, foi logo dizendo:

- Olhe Doutor, não estou querendo causar problemas, mas aqueles dois jovens aqui residentes estão passando dos limites com minha filha. Embora Louise já esteja em idade de casar, não é da nossa vontade que ela case, pelo menos não tão cedo. Minha mulher precisa de ajuda com a casa e com os garotos, e Louise é muito útil para ela. O senhor não poderia pedir para eles se comportarem melhor e deixarem minha filha em paz?

- Pode deixar que eu vou tomar logo as minhas providências, Seckendorff. Não queremos que ninguém aqui se sinta constrangido. Peço apenas que compreenda os rapazes. Eles estão muito sozinhos, e esperaram muito que viesse, com o novo grupo, alguma boa moça para casarem. Mas eu vou falar com eles e acabar com isto!

A conversa do Doutor Blumenau com os rapazes, porém, não surtiu bom efeito. Além de desfeitearem o doutor, culpando-o pelas suas aflições e solidão, continuaram agindo daquela mesma maneira abusada com a jovem Louise, que em breve estava só chorando pelos cantos, angustiada com aquele assédio desmedido.

Certo dia saiu de casa e foi andando a esmo, até chegar à beira d'água, onde se sentou e ficou observando os caprichos da corrente caudalosa, que levava à sua passagem tudo aquilo que, porventura ou descuido, ali caísse. Assim distraída, não notou a chegada de Erich que, percebendo-a sozinha, atirou-se ao seu lado e deu-lhe um atrevido beijo no pescoço. A jovem enrubesceu e, muito assustada, gritou:

- Não encosta a mão em mim, seu animal! Será que não percebes que não gosto de ti, nem daquele teu amigo?

Erich nem deu ouvidos às queixas da garota e continuou agarrando-a. Uma febre o avassalava, e queria deitar a menina no chão, caindo por cima dela como um animal no cio. De súbito, sentiu um braço forte erguê-lo, arremessando-o para longe como uma folha ao vento. Friedrich Reimer chegara silencioso e, vendo a atroz cena, não titubeou em arrancar Erich de perto da moça. Um pouco tonto, ainda tentou levantar-se e defender-se, mas o forte Riemer chegou perto dele e murmurou entre dentes:

- Some daqui agora, ou vai sofrer a maior humilhação de tua vida, com a surra que vou te aplicar diante da moça! E nunca mais levanta o teu olhar para ela, ou eu te mato!

Enquanto um arrasado Erich sumia dentro do mato, Riemer virou-se para Louise e disse-lhe com delicadeza:

- Não fiques assustada, isto nunca mais vai acontecer, te prometo! Vou ficar de olho naquele calhorda!

Louise sorriu e aceitou o braço gentil que ele lhe oferecia. Até chegarem a casa, já estavam amigos e combinaram encontrar-se novamente no mesmo local onde haviam se conhecido, em circunstâncias tão adversas. Quase que diariamente Louise corria, tão logo terminasse o trabalho em casa, para aquele recanto e esperava Friedrich. Ele chegava invariavelmente com algo nas mãos para ela. Ora eram doces, bananas, ou uma flor diferente, alguns bambus interessantes, enfim, de suas mãos vinham as mais encantadoras prendas escolhidas com carinho para a menina. Não demorou a se apaixonarem perdidamente um pelo outro.

- Nem imaginei que poderia me apaixonar novamente, ainda mais por uma *kleine kinder* (criança pequena) como tu, Louise... Mas agora só penso em estar junto a ti, acariciar esta pele macia, beijar teus cabelos tão suaves, teus lábios... E assim dizendo beijava-a com suavidade, levando-a às nuvens.

Em breve resolveram casar-se, que era tudo o que ele queria, mas era preciso enfrentar os pais de Louise, não só porque eles não queriam o casamento da garota, mas principalmente devido à situação irregular dele.

- Vou encaminhar papéis para a Alemanha, solicitando a minha separação, mas sei que isto é quase impossível. No entanto, prometo amar e respeitar Louise como minha legítima e verdadeira esposa! – explicava ele aos atônitos pais. Mas não houve argumento capaz de convencê-los, e Louise foi proibida de encontrar-se com Friedrich. No entanto, fugia quase todos os dias para se encontrar com seu amado e isto só fez solidificar o amor deles. Depois de alguns meses, antes do Natal de 1851, fugiram juntos para a propriedade de Riemer e passaram a viver juntos, como se verdadeiramente casados fossem. Conhecedores da personalidade do bom Riemer, os habitantes da colônia estavam felizes, mas a família não aceitou aquela situação e, sem mais delongas, venderam a terra que haviam recebido e foram embora, deixando a filha como se nunca tivesse existido.

Em breve, era novamente Natal na colônia. O reduzido grupo de colonos imigrantes se reuniu e festejou unido aquele segundo natal. Em meio à floresta densa já despontavam os sinais evidentes de mais um ano de trabalho e a colônia sinalizava para o mundo que estava ali, e tinha vindo para ficar!

As iguarias da ceia natalina este ano contavam com carne seca cozida e fumegante, um panelão de carne de porco bem cozida com chucrutes e até algumas galinhas assadas, fruto das colheitas e sucesso daquele trabalhoso ano. Riemer e Louise também compareceram, e ele trouxe alguns pacotes de melado para presentear seus companheiros. Era o primeiro colono a fabricá-lo, e sentia-se muito orgulhoso disto. Uma garrafa de boa aguardente também circulou entre os homens, que

elogiaram sua qualidade. Erich Hoffmann e seu desagradável amigo Friedrich Geier tinham deixado a colônia naquele final de ano e, segundo consta, estavam indo para o Rio de Janeiro em busca de novas e melhores oportunidades. Ninguém lamentou a sua partida, e suas propriedades foram assumidas pelos novos agricultores que tinham vindo em agosto. Se Louise lamentou a atitude, ou a ausência dos pais, não disse nem uma palavra a respeito e parecia muito feliz ao lado daquele que ela considerava seu legítimo marido.

Como estavam novamente em pleno verão, os bugres desceram mais uma vez para perto da foz, a fim de caçar e pescar. O cacique não os mandara fazer nada, apenas observar com o máximo cuidado como viviam aqueles estrangeiros invasores que eram tão intrigantes.

Espiando de dentro da mata, silenciosos como gatos, observaram as roças, as casas e as ferramentas que eles possuíam, e imediatamente as cobiçaram. Senhores absolutos daquelas paragens, achavam natural que tudo aquilo lhes pertencesse, e o problema era só como e quando pegar!

Certa manhã, a pequena Clara brincava no jardim com a mimosa boneca de pano que sua mãe fizera com carinho, quando uma linda borboleta azul pousou em sua mão. Encantada, ela foi seguindo o lépido inseto, e acabou entrando na floresta. Fascinada com o mundo que ali se descortinava, foi caminhando por entre as árvores, observando os galhos cobertos de musgos e as majestosas bromélias que se quedavam, preguiçosamente, nas mais altas copas das árvores.

Lá no alto despontavam orquídeas de colorido e aroma incomparáveis, e ela pensou em colher uma e levar de presente para a mãe, ainda de cama devido ao nascimento de sua nova irmã, chamada Ida. Foi subindo pelos grossos galhos da árvore com a agilidade típica das crianças, até alcançar a flor almejada. Era realmente linda, de um branco leitoso e toda rajada de lilás. De sua corola desprendia-se um aroma embriagador, e Clara sentiu-se vitoriosa por ter alcançado tal prenda. Mas ao olhar para baixo é que viu a que altura tinha subido. E agora, como descer? Fez algumas tentativas, mas o medo era mais forte e a deixava totalmente paralisada. Começou a chorar, desamparada e já pensando na noite que não estava longe. Como se proteger das feras, cujos urros ela ouvia aconchegando-se bem ao cobertor, na cama quente e protetora de sua casa?

De súbito, ouviu um silvo diferente de tudo o que já ouvira na floresta e, olhando para baixo, enxergou a mais estranha criatura que já vira em sua vida. Era um menino da sua altura, mas a pele era de um tom azeitonado que ela nunca vira. Os cabelos eram lisos e brilhantes como cetim, de um tom negro como o azeviche e os olhos pareciam duas enormes azeitonas pretas. Ele estava completamente nu, com exceção de um tipo de corda que trazia amarrada em volta dos quadris e de um artefato de madeira que saía de seu lábio e parecia atravessar o queixo. Com uma agilidade impressionante, subiu até onde ela estava, parecendo um pequeno macaco daqueles que Clara tanto gostava de apreciar, brincando nas árvores. Chegando perto dela, olhou-a com estranheza e disse, numa voz e língua que Clara nunca tinha ouvido:

- *Aji tang harrikete?* (Como te chamas?).

Clara não entendeu e tentou demonstrar por sinais, enquanto falava na sua língua que não conseguia entender. A menina pensou e deduziu que aquele devia ser um dos duendes da floresta, dos tantos que ela já vira nos livros infantis que a mãe lia para ela, antes de dormir. Então, num gesto de boa vontade, apontou para o próprio peito dizendo: Clara, eu sou Clara... E tu, como te chamas?

O garoto pareceu perceber e repetiu, com sua voz gutural: - *Clóra, Clóra*. E apontando para si, disse-lhe: *Kunglukinax*.

Através de sinais e gestos, os dois conseguiram estabelecer uma comunicação que só às crianças é dado lograr, devido a sua pureza e isenção de julgamentos. Brincaram juntos durante mais alguns momentos e depois Kunglukinax ajudou Clara a descer da árvore, com muita suavidade e cuidado.

Despediram-se prometendo, através de sinais, que se encontrariam outra vez. Nem Clara, nem o pequeno bugre Kunglukinax contaram para ninguém que haviam se encontrado, e as brincadeiras prosseguiram, nos próximos dias, sob a sombra das frondosas árvores da floresta. Com esta conquista, finalmente a menina supria o grande vazio que a morte de Daniel deixara em seu pequeno coração.

Colônia Blumenau
Janeiro 1852

Logo no início de 1852, a família Kohlmann mudou-se para uma imensa propriedade que adquirira nas vizinhanças de Peter Wagner.

Era uma propriedade muito bem localizada, onde já havia sido iniciada uma plantação de cana-de-açúcar, à qual eles trataram de dar imediato prosseguimento, planejando o futuro cheio de sonhos. Adquiriram equipamentos para um engenho de açúcar e logo estavam produzindo para toda a região. O Doutor Blumenau sentiu-se muito orgulhoso das conquistas de seus pupilos, e como não era egoísta, não se incomodou com o fato de eles terem se afastado do centro da colônia.

- Este ano vamos receber muitos novos imigrantes, Kohlmann. Faço votos de que venham pessoas bem decentes, que estejam à altura de casar com teus filhos! – falando assim, Blumenau expressava tanto sua preocupação, pois ele sabia que quem não casava acabava indo embora, quanto o pensamento geral de que os filhos de Kohlmann escolhiam demais. Já haviam perdido algumas oportunidades e ainda no ano anterior, em agosto, quando Weise e Koehler haviam chegado, o primeiro, que era solteiro, tinha tentado cortejar Christine e Marie, mas elas novamente haviam desprezado a oportunidade.

- Estas moças escolhem demais! Deste jeito vão acabar sem casamento! – dizia Paul Kellner, analisando a atitude arrogante delas – eu mesmo já tentei uma aproximação, mas fui também rechaçado!

- E o pior é que com isto acabam causando conflitos! Somos poucos aqui, e quem é solteiro espera ser aceito pelos que aqui estão – completava Julius Richter, enquanto conversavam tomando um gole da boa aguardente que Riemer deixara para eles.

- Quanto a mim – disse Franz Salenthienn acendendo seu charuto – estou decidido: ou minha irmã vem para cá, o que é meu grande sonho, e me traz uma boa candidata a esposa, ou eu mesmo vou à Alemanha para buscar uma!

- Eu também! – atalhou Paul.

Julius ficou calado, e uma sombra de dor passou em seu rosto. Era a dolorosa lembrança da cabocla Alzira que ainda feria seu coração. Nunca mais namorou ali na colônia, ficando sempre sozinho.

Mas não foi por falta de candidatas, pois naquele ano o número de imigrantes aumentou sensivelmente. O fluxo migratório alemão estava em seu auge, e estimava-se que mais de cem mil alemães já haviam emigrado para inúmeros países, sendo a maior parte para a América do Norte. As boas notícias a respeito da colônia do Doutor Blumenau, o modo humano como os colonos eram aqui tratados, retratado nas cartas que os imigrantes saudosos enviavam para a família, fez mais do que qualquer propaganda publicada nos jornais de então. Em 1852 chegaram 104 novos colonos, em diversas levas que vieram ao longo do ano, não sendo necessária a viagem que Reinhold Gaertner pretendia fazer para a Alemanha.

- Reinhold, venha aqui depressa, preciso falar contigo e é urgente. Com alívio, Reinhold largou a enxada que vinha manobrando sem muita vontade e correu para a sala fresca, onde seu tio lhe serviu uma bebida feita à base de chá mate gelado e limão. Havia descoberto aquelas folhas verdes e cheirosas, abundantes na região, que resultavam numa beberagem agradável e refrescante como aquela que agora matava a sua sede, e que lembrava vagamente o conhecido chá indiano, que os ingleses haviam divulgado em todo o mundo.

O Doutor Blumenau agora ocupava duas salas da ampla e bela casa de Wilhelm Friedenreich, que ficara pronta no início daquele ano. Minna já se encarregara de plantar flores em volta da construção, dando um toque alegre à moradia com seus caprichosos canteiros. Na parte de trás havia enormes canteiros de legumes e verduras que eram cultivados com o mesmo capricho que ela punha em tudo o que fazia. A própria casa era uma demonstração disto: arejada, iluminada, sempre limpa, perfumada e enfeitada com singelos vasos de flores. Clara, Alma e a pequena Ida eram criadas dentro do maior asseio e disciplina, e a família era um verdadeiro modelo para a colônia.

- Reinhold, eu recebi uma notícia que me deixou maravilhado e também desesperado! Imagine que recebi uma carta da Alemanha, do meu amigo Von Humbolt, e ele me conta que Fritz Müller, um filósofo sábio e estudante da natureza, resolveu emigrar para cá! Ele é um polemista, e também ateu, mas é uma pessoa respeitada em toda a Alemanha, não só pelos seus estudos, mas também pela posição de sua família. Se ele vier para cá, e gostar, vamos atrair um número significativo de novos colonos.

- E porque o tio está também desesperado? – Reinhold não entendia a aparente incoerência do colonizador.

- É porque Von Humbolt disse que ele saiu da Alemanha indeciso, sem saber se virá para a nossa colônia ou a D. Francisca. Nós precisamos atrair este homem para cá, Reinhold! Isto é demasiado importante para nós! Então acho que é melhor desceres o rio e ficares aguardando a chegada dele à Vila do Santíssimo Sacramento, a fim de trazeres o homem para cá, de qualquer jeito!

Neste momento Friedenreich entrou na sala para falar sobre alguns problemas corriqueiros com Blumenau e foi logo ouvindo:

- E tu, Friedenreich, vais com Reinhold. Não podemos perder esta chance. – E explicou tudo o que já falara com o sobrinho, ficando combinada para breve a partida dos dois.

Colônia do Santíssimo Sacramento
Setembro de 1852

Quando os viajantes alemães chegaram à Vila do Santíssimo Sacramento, na foz do Rio Itajaí Grande, exaustos da longa viagem, encontraram um solícito Reinhold a recebê-los, fazendo as vezes de anfitrião. O Major achava muita graça na estratégia do doutor, mas resolvera dar seu total apoio, e não faltaram boa comida e cama quente aos debilitados viajantes, tudo em nome de Blumenau. Era um grupo de quase oitenta pessoas, e muitas famílias faziam parte. Havia diversas jovens solteiras e este foi mais um motivo para a animação e alegria de Reinhold. Ele e Wilhelm falaram com tal entusiasmo e alegria sobre a sua colônia, sempre apoiados pelo amigável Major, que nenhuma das pessoas lá presentes sequer falou em ir para a colônia Dona Francisca.

Fritz Müller e seu irmão August, com suas respectivas famílias, eram pouco avessos a conversas, e ali a estratégia do Doutor Blumenau revelou-se correta: a presença de Wilhelm Friedenreich foi decisiva para cativar os importantes imigrantes. A amizade aconteceu de forma espontânea e quase que imediata entre aqueles dois homens, que tinham em comum a erudição e o conhecimento. Conversaram durante horas, ao pé da fogueira, sobre um sem-número de coisas, enquanto os restantes cantavam canções em alemão e contavam histórias engraçadas.

No dia seguinte, embarcaram em quatro balsas já preparadas e partiram para a colônia Blumenau. A chegada, como sempre, deu-se ao final da tarde, quando o sol poente derramava um ouro líquido de beleza incomparável sobre a mansa corrente do Itajaí Grande e as teias entremeadas no verde da floresta rebrilhavam como o mais belo tesouro. Fritz Müller ficou instantaneamente encantado com a fauna e flora que, exuberantes, revelavam-se a quem quisesse ver. Enquanto era efusivamente cumprimentado por todos os presentes, que haviam sido industriados pelo Doutor Blumenau, olhava um pouco alheio para todos, pois seu olhar era constantemente atraído para a selva que quase encostava no porto. Müller era um homenzinho mirrado, um pouco mal-humorado e que não fora, em nada, beneficiado pela beleza física. Sua esposa era quieta e circunspecta, parecendo feliz apenas em poder estar na companhia daquele que ela julgava tão grande homem.

Naquela noite o Doutor Blumenau conversou com o sobrinho, expressando toda a sua alegria:

- Então o nosso estratagemma deu certo! Estive pensando estes dias, Reinhold. Acho que vou empregar uns dois homens para cuidar do meu sítio, passo a dar total atenção à administração da colônia e tu vais morar na Vila do Santíssimo Sacramento, para fazer este trabalho de recepção, que funcionou tão bem! O Major, coitado, é muito boa pessoa, mas é descendente de lusitanos! Sabes que nosso povo não confia nesta gente, e de nada adianta ele propagandear a nossa colônia. Tem que ser um dos nossos! Inclusive já escrevi uma carta para o meu amigo, Embaixador em Hamburgo e solicitei para ti um título de Cônsul Honorário do Condado de Brunswick. Assim serias um representante oficial aqui em nossa região. Penso que deverias ir à Alemanha no ano que vem, tomar posse do título e depois voltas e te estabelececes lá na vila. O que achas disto?

Reinhold estava boquiaberto. Não esperava tal confiança e deferência do tio. Embora ele se dedicasse integralmente à colônia, de corpo e alma, não tinha muito pendor para a vida de lavrador e se preocupava com seu futuro no empreendimento. Agora, a solução surgia como um passe de mágica! Agradeceu efusivamente ao tio pela confiança, prometendo tudo fazer em prol do crescimento e engrandecimento da colônia.

- Agora vamos lá fora fazer as apresentações oficiais, pois trouxe muitos bons homens que vão acrescentar muito à nossa colônia, além de Müller! – enfatizou Reinhold, enquanto caminhava para o pátio onde estava sendo servida uma deliciosa refeição coletiva, coordenada por Minna Friedenreich, com a prestimosa ajuda de Louise Riemer.

Embora os Riemer vivessem em propriedade bastante isolada, lá para os altos do Ribeirão Garcia, um pequeno afluente do Itajaí Grande, desde que os Kohlmann haviam se mudado para Belchior, Louise tinha se tornado o braço direito de Minna, e as duas nutriam uma pela outra grande amizade. Minna admirava a fibra e coragem da jovem, que enfrentara tudo e todos pelo seu amor. Agora o

seu ventre avolumado demonstrava que a natureza fizera o seu papel e o grande sonho de Friedrich Riemer ia, enfim, começar a se realizar.

Reinhold chegou no meio dos colonos e iniciou as apresentações. Além de Fritz e August Müller, estavam neste mesmo grupo as famílias de Randolph Keiner, Guido Von Seckendorf, que embora tivessem o mesmo patronímico não eram parentes de Louise, Karl Spiess, André Kunger, Louiz Sachtleben, Wilhelm Schoenau, Edward Wagner, Eugen Knorr, Augusto Hesse, Kaspar Hanh, Heinrich Ehrhardt, Chistoph Josiger, Heinrich Leuthaeuser, Christian Hahnemann e Edward Roedel, além dos jovens Friedrich Seiffert, Louiz Thieme, Christian Ruediger, Heinrich Holl, Johann Bewiahn, Friedrich Huscher, Wilhelm Schreiber, Johann Knoch e Heinrich Franz Meyer.

Depois de bem alimentados, puseram-se a conversar em volta da enorme fogueira que haviam feito, e Christian Ruediger, que tocava rabeca, pôs-se a executar alegres músicas alemãs, que foram acompanhadas pelo coro de todos os presentes. Num impulso, Wilhelm pegou sua delicada esposa pela cintura e começou a dançar, alegremente, em volta da fogueira, aplaudido por todos os presentes. O rosto afogueado e sorridente da esposa refletia no coração daquele bravo pioneiro, que encontrara naquele lugar ermo e exótico um novo lar. A alegria deles era o grande farol de esperança para aqueles que ali chegavam agora, com uma carga de sonhos maior do que a própria bagagem. No meio da floresta virgem, cercados pela exuberância de uma fauna e flora ainda desconhecidas e indomadas, lembravam a terra natal e cantavam com toda a alma, expressando sua crença no futuro. Ao final da alegre canção, aplaudiram e assobiaram para a improvisada apresentação de Wilhelm e Minna, sentindo-se unidos por aquele momento de saudosa alegria.

- Precisamos fazer sem demora a distribuição de lotes para esta gente, a fim de que se assentem e comecem logo a trabalhar! – dizia Blumenau a Friedenreich, completando:

- Vamos lavrar um Termo Oficial de Distribuição, que será assinado por todos aqueles que desejarem a terra, e também por mim. Assim ficará valendo como documento e obrigará os colonos a se sujeitarem ao nosso estatuto, assim que estiver pronto. Ambos andavam ocupados na redação minuciosa deste documento que balizava a vida dos colonos naquele ermo, colocando ordem nas questões mais básicas que envolviam a vida na colônia.

- Numa terra sem leis, como é este fim de mundo, é preciso estabelecer pelo menos algumas normas básicas de convivência, a fim de evitar desgraças e males maiores! – conjecturava o sábio colonizador, ao qual a vida já ensinara muitas coisas.

- Blumenau, devemos fazer deste momento uma grande festa, isto marcará a colonada e dará mais importância ao empreendimento. Chama logo o Julius e verifica se ele já tem estas terras demarcadas, para podermos empossar logo esta gente!

E assim foi feito. Dentro de alguns dias, os irmãos Müller, mais alguns outros colonos recém-chegados, receberam oficialmente lotes de terra e tiveram que assinar o incipiente documento elaborado por Blumenau e Friedenreich.

- Todos vocês recebem esta terra a título de incentivo, devendo pagar apenas as custas de medição e demarcação... Mas para isto lhes dou um prazo de seis meses, a fim de que a terra comece a produzir!

Os colonos aplaudiram entusiasmados, e até o final do dia ouvia-se o cantar dos martelos e dos serrotes botando a selva abaixo e trabalhando à exaustão na confecção das toscas cabanas que serviriam de moradia aos novos habitantes da colônia.

Embora não houvesse um prazo pré-determinado para deixar o barracão da recepção, todos os colonos novos almejavam por fazê-lo o mais rápido possível, passando a morar definitivamente na terra que, a partir daquele momento, era tudo o que possuíam e o grande repositório de seus sonhos. No final daquele ano mais uma morte afligia a colônia. Randolph Keiner, que chegara na mesma leva dos irmãos Müller, morrera afogado nas traiçoeiras águas do Itajaí Grande, que passava a ser, cada vez mais, o terror dos imigrantes. Tão belo, e ao mesmo tempo tão mortal...

Colônia Dona Francisca
Outubro de 1852

O diretor da Colônia Dona Francisca, Herr Schroeder, chamou seu auxiliar Johann Otto Niemeyer, que trabalhava ao sol daquela bela manhã e disse-lhe:

- Niemeyer, vamos ter que fazer uma pequena viagem... Vamos até a tal colônia de Hermann Blumenau, para conhecer e ver o que ele está fazendo lá. Imagine que recentemente chegaram à Vila do Santíssimo Sacramento uns oitenta colonos novos e foram TODOS – propositadamente o circunspecto diretor grifou a palavra – para a Colônia Blumenau, apesar dos contatos que foram feitos na Alemanha para que eles viessem para cá. Em especial os irmãos Müller, que eu tinha muita esperança que viessem para nós!

- Então vamos lá para conhecer os métodos deles?

- Por que não? Sempre se pode e deve aprender. Temos uma meta, de assentar pelo menos dez mil colonos nos próximos anos para atingir este estado de coisas, não poderemos poupar esforços. Partimos amanhã mesmo, já mandei preparar os cavalos e os mantimentos necessários!

Os dois viajantes chegaram, de surpresa, dois dias depois, à Colônia de Blumenau e, apesar de nada saber, o Doutor Blumenau recebeu-os muito bem, como mandava a sua educação. Tiveram oportunidade de conversar com todos os colonos livremente, inclusive os irmãos Müller. Com alguma sutileza, Herr Schroeder perguntou por que eles haviam escolhido aquela colônia, mas recebeu uma resposta irônica e gelada, que cortou todas as suas esperanças:

- E por acaso há outras por aqui que valham a pena? – perguntara com ironia Fritz Müller, encerrando toda e qualquer chance de negociação.

Depois que os dois homens partiram, Blumenau, Reinhold e Wilhelm fizeram uma reunião nas salas onde se processava a administração da colônia e não puderam deixar de dar umas boas risadas.

- Então os homens resolveram vir aqui na nossa pobre colônia, ver como estamos trabalhando? Logo eles, que têm fartos recursos imperiais, preocupados com o meu pobre empreendimento, que já me arrancou todas as economias e em troca já me deu vários cabelos brancos?

E Blumenau ria, num raro momento de descontração em meio a tantos problemas que surgiam diariamente, acompanhado pelos dois amigos.

- Isto só faz reforçar a minha tese, Reinhold, de que a estratégia de te estabeleceres na Colônia Santíssimo Sacramento está certa!

- Eu concordo, meu tio, mas tem uma coisa que queria discutir contigo. É que eu vou ter que me ausentar muito, devido às viagens que farei à Alemanha. Para que as coisas funcionem bem, nós deveríamos ser dois a morar lá, administrando a recepção... Eu pensei no Salenthienn, que é bem educado, elegante e até um pouco galante, o que de certa forma faz o seu efeito... – e dizendo isto, deu uma marota risada, típica de sua juventude e otimismo.

- Mas é claro! É uma ótima ideia. Embora o Salenthienn tenha se dedicado muito à sua terra, já percebi que o negócio deste rapaz é outro. Ele nasceu para o comércio, é bom de conversa e gosta de andar sempre bem arrumado.

- Bom, meu tio, se tu concordas, vou agora mesmo falar com ele.

Enquanto Reinhold ia à busca de Franz, para contar a novidade que ele tinha certeza de que o amigo iria gostar, o Doutor Blumenau ficou tratando de negócios com Friedenreich. É que eles estavam construindo um moinho para fabrico de farinha de milho e arroz, a fim de aproveitar a boa produção de grãos dos colonos e viabilizar a venda do excedente. Depois de tratar dos pagamentos e pequenos detalhes referentes à construção, Blumenau disse:

- Sem nenhuma dúvida, ele é o melhor que temos lá. Quando chego lá de manhã cedo já o encontro com martelo, prego e serrote na mão, e é assim o dia todo. Só para na hora de *Fruhstuck* (lanche) e para almoçar, e logo em seguida já se vê o homem trabalhando de novo, até o anoitecer.

- É que eu estou pensando em contratá-lo para cuidar do meu sítio. Ele pode arrumar mais alguém para trabalhar com ele, e podem morar na minha choupana. Eu, em compensação, penso em vir morar aqui contigo, pois estarei mais perto da administração e do centro da colônia.

Antes do final do ano Ernst Weise, terminada a obra do moinho, passou a cuidar do sítio do Doutor Blumenau, que distava uns três quilômetros do *Stadtplatz* (centro da colônia), em companhia de um dos novos colonos que viera naquele ano, ambos solteiros.

O calor daquele dezembro de 1852 estava se mostrando bastante agressivo, e os colonos sofriam por causa de sua pele clara e fina, aclimatada durante anos ao clima europeu. Weise capinava a roça de milho, que ondulava na fraca brisa matinal, totalmente concentrado na sua tarefa, quando ouviu um estranho assobio, que era semelhante ao som que os bugios faziam ao anoitecer, de dentro do mato que cercava a propriedade do Doutor Blumenau, da qual ele estava cuidando com zelo e carinho especiais.

- Mas os bugios não fazem algazarra a esta hora do dia, pensou, olhando para o céu e constatando que estava perto da hora do almoço. Olhou em volta, enxugando com o lenço que trazia ao pescoço o abundante suor do rosto, e endireitando um pouco as doloridas costas, que cansavam da posição necessária à capinação.

Voltou a ouvir os sons, agora seguidos de um leve farfalhar na mata, onde divisou um furtivo movimento. Depois, mais nada!

Chamou por seu companheiro, mas ele deveria estar no estábulo, pois não respondeu e nem acudiu ao seu chamado.

- Acho que vou até a casa, tomar um copo de água e ver onde está Herbert.

Saiu caminhando um pouco desconfiado, olhando para os lados, e de repente os enxergou. Eram seis selvagens, totalmente nus, com seus cabelos negros e brilhosos e portavam arco e flecha, com exceção daquele que vinha à frente, que trazia uma comprida lança. Vinham na sua direção e dava para perceber que suas intenções não eram de paz, pois vinham com os arcos em riste e seus olhares eram medonhos. As caras estavam totalmente pintadas de preto, com exceção da área em volta dos olhos, que fora pintada de vermelho.

Percebia-se que eram guerreiros novos, alguns impúberes, e uma agilidade assustadora e logo começaram a disparar certas flechas sobre o apavorado Weise.

Correndo como louco por entre a chuva de flechas que caía sobre ele, Ernst gritava pelo companheiro, dizendo:

- Pega logo a espingarda, Herbert... Socorro! Socorro!

Atraído pelos gritos do companheiro, Herbert, que estava na cozinha se refrescando e tentando, com uma mezinha caseira, livrar-se de uma dor de cabeça, resultante dos tragos de aguardente que tomara na noite anterior, olhou assustado pela rústica abertura que fazia as vezes de janela e divisou a medonha cena. Ernst vinha correndo na frente, pulando no meio de uma saravada de flechas, e a bugrada vinha um pouco atrás, arremessando flechas e gritando como se animais fossem. Eles se moviam com uma agilidade simiesca e, a qualquer momento, estariam bem ali! Herbert pulou de lado e foi apanhando a espingarda, que ficava pendurada num gancho acima da improvisada prateleira, onde estava a pobre coleção de pratos de flandres e canecas de barro de que a cozinha era dotada. Quando voltou a aparecer na abertura, enfiou o cano da espingarda meio de lado e começou a atirar. Com seus tiros, os bugres pararam de avançar e a maior parte deles deitou-se junto ao chão, enquanto dois corriam para o mato que não ficava longe da casa. Aproveitando aquela momentânea vulnerabilidade, Herbert atirou e acertou um deles, que não deveria ter mais do que treze anos. O corpo caiu com estrondo no chão, enquanto o bugre que havia corrido ao seu lado dava um salto acrobático e sumia na mata. Os bugres iniciaram um alarido medonho ao se defrontarem com aquela morte inesperada, e faziam gestos ameaçadores para o lado da cabana, onde Ernst acabara de entrar, trêmulo como uma vara de bambu ao vento. Sem perder tempo com seu pavor, no entanto, pegou a sua espingarda e começou também a atirar contra eles, sem mirar muito, apenas com o objetivo de assustá-los e afugentá-los. Logo seu intento foi atingido, e os bugres saíram correndo para os lados da mata, dando mostras de que iriam embora. Herbert, no entanto, saiu pela lateral da

choupana e, surpreendendo-os numa posição inesperada, abateu mais um jovem guerreiro. Na pressa e pavor em que estavam, acabaram deixando o corpo daquele companheiro, levando consigo apenas o outro morto, que caíra bem perto do início da mata.

Os dois colonos aproximaram-se devagar, receosos e em dúvida entre a extrema curiosidade que os picava e o medo de um retorno dos selvagens. Ao chegarem perto, cutucaram com os pés calçados em rústicos tamancos o corpo agora flácido do bugre. Observaram que seu cabelo, embora negro e brilhante, estava desganhado e eivado de parasitas e o bodoque que trazia no queixo caíra durante a sua queda, deixando à mostra o furo no queixo que eles faziam quando tinham apenas três anos de idade.

- Bom, este aqui já passou desta para outra! Será que devemos enterrá-lo?

- Mas é claro que sim, Herbert. Se o deixássemos aqui, atrairíamos onças e outros animais ferozes, sem falar no fedor com o qual seríamos incomodados por um bom par de dias...

- Mas que desaforo! – bradou indignado o companheiro. – Eles nos atacam e nós ainda vamos ter que suar a camisa para enterrar este miserável pagão! Como se não tivéssemos nada mais para fazer!

Herbert xingava e esbravejava, sem querer conformar-se com o serviço extra que tinham arrumado com aquela confusão.

Ao cair da tarde, o selvagem estava devidamente enterrado, depois de algum esforço de Herbert e Ernst, que resolveram sentar-se à sombra de algumas árvores para tomar um trago de aguardente e descansar, depois do hercúleo esforço.

- Acho que esta morte vai nos trazer problemas, Herbert! Estes bugres não vão se conformar assim com a perda do companheiro e provavelmente virão nos atacar novamente. Acho melhor irmos até o *Stadtplatz* falar com o Doutor Blumenau sobre isto, e pedir reforços!

- Minha vontade é ir embora daqui e não voltar nunca mais!

- Isto é claro que não podemos fazer! Assumimos um compromisso com o doutor, e além disso as roças estão quase prontas para a colheita, não devemos desistir bem agora. Nossa colheita vai ser das boas e vai nos render um bom dinheiro! Vamos indo logo antes que a noite caia de vez!

Os dois colonos levantaram e sem mais delongas, encaminharam-se assim como estavam, sujos de terra e suor, para a canoa que repousava às plácidas margens do rio. Remando com vigor, com uns bons dez minutos chegaram à sede da colônia.

Era final de tarde e os homens estavam reunidos em frente à casa de Friedenreich, conversando e trocando ideias. Quando Ernst e Herbert despontaram pelo barranco, sujos e pouco pálidos pelo acontecido, causaram uma imediata sensação de apreensão em todos. Com poucas palavras, Ernst colocou-os a par dos fatos e viu espalhar-se nos olhos dos presentes uma imediata e urgente sensação de medo. Instintivamente, todos olharam em volta, como se estivessem sendo vigiados e a ameaça pudesse sair do mato a qualquer momento. Muitos homens partiram imediatamente para as suas choupanas, lembrando-se de que haviam deixado mulheres e crianças sozinhas, como tinha sido até então.

Friedenreich, Blumenau e Ernst Weise ficaram conversando à sombra de um enorme Garapuvu, enquanto Herbert ia em busca de mais aguardente.

- Eu posso estar enganado, mas creio que receberemos represálias, Blumenau! Afinal de contas, matamos um deles, e nem o corpo eles conseguiram levar. Isto para eles deve ser muito grave! Ernst seguia contando e repetindo, até a exaustão, detalhes de tudo o que acontecera.

Sentada num canto, quieta e pálida como uma boneca de pano, ninguém percebeu a presença de Clara Friedenreich, que escutava a tudo com uma atenção redobrada.

Depois de algum tempo, saiu sorratamente da sala e, sem que ninguém da casa desse pelo fato, embrenhou-se silenciosamente na mata. Seguindo uma picada que só ela conhecia, chegou à grande árvore onde ela e Kunglukinax haviam se encontrado pela primeira vez, subindo pelos galhos até um ponto mais alto, e lá ficou sentada. Depois de alguns minutos, emitiu alguns assovios estranhos e, sem demora, Kunglukinax apareceu de dentro da mata, silencioso e ágil como um pequeno animal.

Ao longo dos meses em que haviam sedimentado a sua original amizade, Clara e o pequeno bugre haviam desenvolvido uma maneira toda própria de se comunicar, e sem maiores dificuldades Clara conseguiu lhe perguntar o que acontecera. Ela temia, principalmente, pela perda da amizade do pequeno e precioso amigo, que se fortalecera no início do ano, embora fizesse pouco tempo que ele retornara. Era sempre naquela época, explicara Kunglukinax à Clara, que eles desciam o rio em busca da pesca e caça abundantes que ali havia, e passavam naquela região alguns meses.

O jovem bugre estava consternado. Kondesima e Laksi, dois grandes guerreiros de sua tribo, haviam sido mortos e a revolta era grande no seu povo. Já haviam falado em atacar e arrasar a vila que eles haviam permitido que se instalasse em suas terras, e Kunglukinax escutara tudo em consternado silêncio. O que parecia estar salvando a pele dos colonos era o medo das brutais armas de fogo, contra as quais eles não tinham defesa. Não podiam entender como um pau daqueles podia cuspir um fogo que matava daquela maneira. Kunglukinax parecia um pouco arredo, como se só agora tivesse se dado conta de que eles eram tão diferentes, e as brincadeiras daquele dia foram amorfas e desanimadas. Logo Clara percebeu que não adiantava insistir, e resolvera ir embora. Quando já estava no chão, prestes a se embrenhar na capoeira que levava à pequena vila, Kunglukinax, num impulso, pulou ao lado dela e disse-lhe:

- *Clara quer ir com Kunglukinax até lá?* – e apontava para dentro do mato escuro e ameaçador.

Os olhos da menina esgaçaram-se de surpresa e revelaram a luta interna entre curiosidade e o medo. Era claro que ele pretendia mostrar-lhe o seu acampamento, e Clara não resistiu. Com um aceno de cabeça concordou, e logo eles estavam totalmente embrenhados na mata. Clara tinha dificuldade em seguir o ágil indiozinho, e se tivesse que voltar dali jamais acharia o caminho de volta. Dividida entre o terror e a excitação que a aventura lhe causava, corria pelo mato perseguindo a fugidia imagem que a precedia.

Logo Kunglukinax olhou para trás e fez um sinal de silêncio para Clara, abaixando-se e seguindo agachado por entre a densa folhagem, sem fazer nenhum ruído. Um barulho e um leve frescor denunciavam a presença de água, e logo Clara divisou, no meio da mata, a cena mais inusitada que seus olhos já haviam visto.

Às margens do ribeirão haviam sido erguidas algumas rústicas choças de palha, arredondadas e com uma única abertura na frente, por onde se entrava agachado. No centro daquele improvisado acampamento uma fogueira ardia, e sobre ela, num tripé de grossos galhos de ipê, uma gamela onde fervia uma indescritível mistura amarelada. Inúmeras mulheres andavam por ali, ocupadas com diversos afazeres, e algumas delas carregavam bebês presos numa tira que traziam ao redor da cabeça. Eram muito jovens, entre doze e dezoito anos, e seus rostos eram muito belos, pareciam esculturas de bronze. Usavam tangas que iam da cintura até próximo dos joelhos, mas algumas transitavam pelo acampamento totalmente nuas, enquanto nuvens de moscas as acompanhavam, pousando em seus rostos, barriga e partes íntimas, sem que isto parecesse incomodá-las. A sujeira era tanta que Clara sentia ânsias e teve que se controlar para não fazer nenhum barulho ou movimento. O que chamava a atenção era a total ausência de homens, enquanto as mulheres transitavam, conversavam e riam envolvidas em suas diversas ocupações.

Súbito, vindo de um canto que não era visível aos dois, ergueu-se um alarido terrível que a Clara parecia o latido de muitos cães enrouquecidos.

- Juk, ku, bang, bu, lu, kang, kiú... juk, ku, bang, bu, lu, kang, kiú!

Clara olhou atônita e com ar de interrogação para seu amigo, que lhe explicou num sussurro:

- *Guerreiros estar enviando mortos para a morada dos céus! Eles citar suas conquistas e feitos, para entrar bem na nova morada...*

Aquela espécie de “música” era primitiva, mas tinha certo ritmo e encanto que enfeitiçou Clara. Imperceptivelmente, ela começou a vibrar com aqueles sons cadenciados e seu corpo movia-se na mesma cadência. Logo, no entanto, despertou do transe e percebeu que a noite caíra completamente, e só a luz remota das estrelas os iluminava. Kunglukinax fez sinais para Clara, indicando que deveriam ir embora. Quando terminasse a cerimônia, os guerreiros voltariam, embriagados com a mistura feita de milho triturado e mel de abelhas bem fermentado que bebiam nestas ocasiões, e seria um perigo mortal se encontrassem Clara.

A caminhada no meio da noite pela floresta foi assustadora e, ao mesmo tempo inebriante, com os vaga-lumes cercando-os e dando um tom de magia ao cenário invadido pelos doces aromas noturnos. Alguns bichos deixavam perceber a sua presença, mas nenhum deles incomodou a dupla, que corria célere por entre a densa ramaria.

Na colônia, Minna dera pela falta de Clara há algumas horas, e seu desespero era enorme e assustador. Todos os homens da colônia caminhavam com tochas nas mãos, chamando em tom noturno:

- Clara! Clara, onde estás, pequena Clara?

Wilhelm sentia-se culpado, mesmo sem saber o porquê. Se sua filha desaparecesse, não se perdoaria. Embora ninguém dissesse nada, todos intimamente estavam relacionando o sumiço da garota com o ataque e subsequente morte dos bugres naquela tarde. Os pressentimentos e o desespero pioraram quando começaram a ouvir o noturno e roufeno canto dos indígenas, que ressoava ao longe na floresta.

De súbito, a menina apareceu na borda da floresta, chamando debilmente pela mãe:

- *Mama*, estou aqui!

- Clara, minha filha, onde tu estavas? Quase nos mataste de preocupação, susto e medo... Não ouviste o canto dos selvagens?

- Bem, eu me perdi e fiquei vagando... Só agora ouvi seus chamados e consegui me localizar...

Clara estava sendo propositadamente evasiva, pois jamais denunciaria seu amigo Kunlukinax. No entanto, quando ele a deixara já em local seguro, perto da vila, olhara-a de um jeito vago e triste, e Clara percebera que aquele deveria ser seu último encontro. Naquela noite foi para a cama com uma grande tristeza no peito e sentindo-se, novamente, irremediavelmente sozinha!

Não tardou para que ouvisse os inúmeros comentários dos habitantes sobre as represálias dos bugres. Aqui eram instrumentos roubados, lá eram ferramentas que desapareciam, acolá roças eram pilhadas. Mas o maior estrago, sem dúvida, acontecera na propriedade do Doutor Blumenau. Quando Ernst Weise e seu companheiro Herbert haviam voltado para lá tinham encontrado as roças devastadas; toda a colheita de milho perdida e a casa emporcalhada com as fezes de diferentes animais que eles nem conheciam e deviam proceder do mato. A devastação fora total, e Herbert decidiu ir embora, deixando Ernst sozinho para reconstruir tudo. Ele, no entanto, trabalhara de sol a sol e não descansaria enquanto não tivesse refeito tudo o que havia sido destruído. Tinha fibra o rapaz, e provara que viera para vencer. Depois destes acontecimentos, passara a gozar ainda mais do respeito e admiração dos colonos de Blumenau.

Ouvindo tudo aquilo, Clara entendia que sua amizade com Kunlukinax era impossível, e ela nem podia aliviar seu coraçãozinho com ninguém, pois tinha medo de confessar seu segredo. Observava com que ódio todos falavam dos bugres, como se eles fossem animais bravios, feras que só serviam para a morte, e nada podia fazer. Ela e seu pequeno amigo estavam irremediavelmente em lados opostos da civilização.

Colônia Blumenau
Janeiro de 1853

O ano de 1853 iniciou com um calor tremendo, o que punha um grande medo no coração dos imigrantes. Depois de mais de dois anos, já tinham aprendido a conhecer os caprichos daquele rio que era a sua ligação com o resto do mundo, mas também seu pior pesadelo. Se fizesse muito calor, choveria muito. Se chovesse muito, o rio demonstrava toda a sua ira e erguia-se do seu berço, levando de arrasto tudo o que haviam construído, sem dó nem piedade.

Já no início do ano Reinhold Gaertner e Franz Sallenthien partiram para a Colônia do Santíssimo Sacramento, onde Franz ficaria, e Reinhold partiria sem demora para a Alemanha, onde pretendia tomar posse do seu título de cônsul honorário do condado e arregimentar alemães emigrantes para o grande retorno.

- Vais ver, meu tio! Voltarei com uma grande leva de patrícios fortes e dispostos a trabalhar para fazer esta nossa colônia crescer!

Enquanto tio e sobrinho conversavam, antes da partida deste, Riemer chegara com um sorriso nos lábios e dissera com ar triunfante:

- Doutor Blumenau, hoje tenho algo para comemorar que é a maior alegria de minha vida, e faremos uma comemoração especial. Nasceu meu primeiro filho, o pequeno Ernst está nos braços de minha Louise, mamando como um bezerro, e vamos comemorar fumando os primeiros charutos de minha fábrica: um legítimo charuto Riemer!

E assim falando, abriu uma caixinha de madeira que trouxera, bem guardada, da Alemanha, especialmente para aquele momento. Lá dentro, cuidadosamente enrolados como se fossem pequenos tesouros, Blumenau viu os mais caprichados charutos que sua imaginação poderia conceber naquele fim de mundo. Realmente o homem entendia do riscado, e fizera charutos com um capricho incomparável. E tinham excelente sabor, verificaram os homens assim que os acenderam se puseram a fumar sossegadamente.

- Ah! O prazer que nos dá um charuto! Poucas coisas na vida podem se comparar ao prazer de um bom charuto! – dizia Friedenreich, enquanto fazia voltas de fumaça com as baforadas que tirava.

- O melhor não sabes, Blumenau. Calculo que com o fumo que colhi, poderei fazer umas cinquenta mil peças este ano, se tudo der certo. Então trouxe esta caixinha para que Reinhold a leve para a Alemanha, a ver se tem mercado para o meu produto lá!

- Mas é claro, assim faremos! O meu maior orgulho será no dia em que um dos nossos colonos exportar alguma coisa para a *Heimatland* (pátria). Será a prova cabal e definitiva do nosso sucesso. Fico feliz demais contigo, Riemer. Não me admiro, pois desde o início, deste provas da tua fibra e caráter aqui conosco. Orgulho-me de ter aqui em nossa colônia, gente como tu!

Os homens seguiram conversando e depois Riemer foi até a cozinha, onde Minna dava papinha de banana para a pequena Ida, a primeira habitante da colônia legitimamente brasileira.

- Então, doce garota! Agora já tens um conterrâneo! Não és mais a única brasileira entre nós. Um pequeno amigo veio te fazer companhia!

- O que me dizes, amigo Riemer? Então minha amiga Louise já ganhou bebê? E como se virou a menina sozinha naqueles ermos? Quem a ajudou na hora do parto?

- Olha Dona Minna, a minha mulher é realmente valente, disto não tenho mais nenhuma dúvida. Imagine a senhora que eu tinha instalado um sino ao lado da porta de nossa casa, para que ela o tocasse se sentisse as dores do parto. Eu pensava em trazê-la para cá, perto da senhora e de seu marido, que é médico. Pois um belo dia, ao cair da tarde, quando cheguei a casa, encontrei Louise deitada na cama, e com nosso pequeno filho nos braços. Ela fez tudo sozinha, D. Minna, sem a ajuda de ninguém! Assim que sentiu as dores, preparou tudo, apanhou panos limpos que já tinha preparado antes, ferveu água que eu tinha trazido antes de ir para a roça e deu à luz totalmente sozinha, só ela e Deus, naqueles ermos em que moramos. E não ouvi um único soluço de sua boca, não chorou e nem gritou. Fez tudo com uma valentia de soldado, coitada!

- Mas esta minha amiga é realmente uma verdadeira imigrante, Riemer! Que sorte tiveste em achar e conquistar esta mulher!

- Pois eu bendigo e agradeço a Deus todos os dias por esta felicidade que Ele me deu! Tudo o que já sofri nesta vida eu sofreria em dobro só para ter a felicidade de merecer a Louise em minha vida! E o nosso garoto, ao qual demos o nome de Ernst, é um bebê forte que só vendo! Parece uma daquelas pinturas que eu sempre via nos quadros sacros das igrejas de Hamburgo. A senhora tem que ir lá visitar-nos, a Louise vai ficar muito feliz!

- Pois eu faço questão de ir hoje mesmo, volto contigo e fico lá até amanhã ou depois. Quando Wilhelm puder, vai nos buscar, a mim e as meninas!

Dito isto, Minna iniciou uma intensa atividade, arrumando uma trouxa de roupas e reunindo algumas guloseimas de sua cozinha para levar de presente para a amiga. Do seu baú de estimação, tirou um pedaço de lã imaculadamente branco e uma renda, pois queria presentear sua amiga com algo bem especial para aquele bebê que chegava numa hora tão feliz.

Antes do cair da tarde, Minna embarcou na canoa com as três meninas e Riemer, subindo o ribeirão Garcia até a remota propriedade onde o casal morava. Lá chegaram ao anoitecer, e Minna olhou em volta, curiosa. Uma estranha paz ali reinava, e a propriedade demonstrava claramente a operosidade de seus donos.

Em volta da rústica cabana, as mãos de Louise haviam construído um novo mundo feito de beleza e harmonia. Flores, verduras e pés de fruta ofereciam o que de melhor a terra podia ofertar quando se laborava operosamente nela. A cabana, embora ainda precária, era muito melhor do que a maioria das outras da colônia. As mãos habilidosas de Riemer apareciam em paredes feitas de tora de madeira, ao invés do rústico e fraco palmito, janelas bem cortadas em madeira perfumada e portas resistentes que davam segurança ao local. Tudo isto destacava aquela construção das demais da localidade.

Atrás da casa havia um paiol, e ouvia-se o mugir de vacas e sons de outros animais domésticos, que já estavam recolhidos por conta da noite que vinha chegando.

No entardecer, destacavam-se as roças ondulantes que circundavam a propriedade até onde a vista alcançava. Verdes, viçosas e capinadas com um rigor admirável, emprestavam à paisagem uma placidez invejável. Até onde a vista alcançava via-se ordem, asseio, cuidado e capricho. A cena bucólica era embelezada ainda pela passagem da corrente cristalina do ribeirão, que circundava a propriedade. Lá pelos lados da casa via-se um rústica mesa, com bancos de madeira, próxima ao riacho, criando o recanto ideal para um idílico almoço de domingo.

- Louise, *meine liebe* (minha querida) venha só ver quem veio te visitar!

Ao ouvir a voz do marido, o rosto corado de Louise apareceu na abertura da janela. Ao ver sua amiga e as três adoráveis meninas, deu um imenso sorriso que iluminou seu rosto e saiu de casa enxugando as mãos no avental que cobria seu velho vestido cinza. Embora suas roupas não tivessem nenhuma graça, o talhe elegante e a sua jovial beleza sobressaíam, e ela parecia um verdadeiro retrato renascentista. Seus cabelos louros estavam trançados e as grossas e brilhantes tranças, enroladas na cabeça, formavam um halo luminoso naquele fim de tarde.

Minna e ela abraçaram-se longamente, matando a saudade dos últimos meses quando ela, impedida pelo estado adiantado da gravidez, não pudera mais sair de casa. Em seguida ela abraçou as três meninas, conversando delicada e meigamente com elas. Entraram todos em casa, e logo Riemer saiu para os últimos afazeres do dia. Havia que trancar bem os animais para que não fossem alvo de ataques noturnos de animais bravios, como onças e jaguares que abundavam por ali.

A conversa seguiu solta e agradável até depois do jantar quando, após colocarem as crianças na cama, sentaram-se na frente da casa e ficaram olhando as estrelas, enquanto colocavam em dia todos os assuntos.

- Soubeste do ataque dos índios, no final do ano passado? Nem imaginas o terror que eu passei, pois no mesmo dia em que recebemos a notícia, a Clara perdeu-se no mato e levou horas para aparecer... Fiquei desesperada, e pensei que aquelas feras tinham capturado minha pequenina...

- D. Minna, não fale assim destes coitados! Olhe, eles são gente como nós... Um dia destes apareceu aqui uma bugre com um pequeno garoto no colo, acho que foi o desespero que fez ela me procurar.

Deve ter visto que eu estou sempre sozinha e... Friedrich, que ouvia calado, fumando seu charuto, deu um pulo do toco em que estava sentado e foi dizendo, em tom de voz alarmado:

- O que estás me dizendo, mulher? Como é que tu nunca me contaste isto antes?

- Pois justamente não contei com medo de que tu saíesses caçando os coitados. Eles são apenas seres selvagens, que não temem a Deus porque ninguém lhes ensinou nada. Eu não tenho raiva e nem medo desta gente. Acho que nós deveríamos agir de maneira bem diferente com eles, procurando nos aproximar deles e ajudá-los. E foi o que eu fiz com a pobre coitada que me procurou. Através de gestos ela me mostrou o filho doente, largou ele no chão e se afastou. Eu peguei a criança com cuidado, e logo vi o que ela tinha. A coitadinha estava tomada de vermes, tinha a barriga dura e espumava pela boca. Eu tratei logo de fazer um chá bem forte de melissa com alho, que tenho aqui plantado, e num instante a criança começou a expelir os vermes. Depois dei um bom copo de leite para ela e deixei-a dormindo na sombra das árvores. Por mais que eu cuidasse pela janela, não consegui ver quando ela buscou o bebê. Só sei que, certa vez em que olhei, ele já não estava mais ali!

Minna e Riemer estavam estupefatos e sem palavras. Olharam-se com os olhos esbugalhados. Isto era algo inesperado, totalmente... Não havia palavras para descrever o que sentiam com aquela inusitada narrativa. De súbito ouviram um ruído e viram que Clara, parada atrás deles, ouvira tudo e num impulso silencioso, abraçou Louise de uma forma intensa, sem nada dizer! Só no dia seguinte, quando ambas estavam sozinhas, contou para Louise seu grande segredo e sentiu seu coração mais aliviado.

No final da tarde seguinte, depois de um dia de muitas brincadeiras, correrias e banhos de riacho, Wilhelm chegou de canoa para buscar “as minhas mulheres”, como ele gostava de dizer, e acabou ficando para dormir lá com o restante da família.

A noite, reunidos em frente à casa e cercados pela perfumada escuridão da mata que os assombrava, o assunto dos bugres voltou novamente à baila. Wilhelm ouviu calado e pensativo a narrativa de Louise, e viu-se que refletia profundamente sobre suas palavras. Nunca tinha visto as coisas sob o prisma que a jovem colocara, e aquelas informações haviam causado um efeito importante em sua mente. Porém nada comentou, e outros assuntos vieram à tona.

- Tenho uma ótima notícia, Minna. Tenho certeza de que serás a mais alegre com esta notícia. Lembras do Ostermann, aquele jovem professor que chegou ano no passado? Pois hoje Blumenau falou com ele para começar a dar algumas noções de ensino para nossas crianças. Será na própria casa da recepção, apenas uma vez por semana por enquanto, mas já é alguma coisa, não é mesmo? Além disto, aos domingos começaremos a ter um tipo de culto, não propriamente um culto, pois não temos pastor, mas apenas alguns momentos de reflexão sobre a palavra de Deus, coordenados pelo mesmo Ostermann!

- Realmente, a notícia é maravilhosa, vou já contar para Clara!

Minna saiu para procurar Clara, que entretinha suas irmãs antes da hora de dormir e contou-lhe que, em breve, passaria a ter aulas. Pretendia dar um pouco de alegria à pequena, que se mostrava muito arredia e triste nos últimos dias.

O Doutor Blumenau olhava pensativo para a balsa que se aproximava. Em cima dela, com ares de injustificada superioridade, vinham oito soldados enviados pelo administrador da província depois dos reiterados apelos que o colonizador fizera àquela entidade, por conta dos constantes ataques dos bugres. Já corria o mês de abril e, embora os colonizadores ainda não tivessem percebido, os bugres já tinham subido a serra, como era seu costume, há algumas semanas.

- Tomara que estes soldados não atrapalhem mais do que ajudem... Pensava ensimesmado o doutor, enquanto avaliava o reduzido e emproado contingente que olhava para tudo com ares de nojo.

Seus uniformes estavam em desalinho e algo sujos, e as barbas por fazer demonstravam que a rígida disciplina de caserna não era a mesma em terras brasileiras. Tinham uma pele muito mais escura do que a dos alemães, levando estes a sentir certa repugnância pelos mesmos, sentimento este que se revelou mútuo desde o primeiro momento. Eles pareciam totalmente indignados em ter sido enviados para aquele fim de mundo, a defender os insuportáveis alemães.

Mesmo sem muita vontade, no entanto, instalaram-se na casa da recepção dos imigrantes e começaram a abrir picadas em todas as direções, com o objetivo de patrulhar a colônia. Puderam fazer seu trabalho sossegadamente, pois os bugres não estavam mais naquela região, e jactavam-se disto como se fosse mérito deles, como se a sua simples presença tivesse amedrontado os selvagens. Naquela mesma balsa que trouxera os soldados viera o correio e Paul Kellner finalmente recebeu a confirmação da vinda de seu irmão, juntamente com outros colonos que Reinhold estava reunindo. Ele mandara uma carta ao irmão, no final do ano anterior, dando-lhe todos os detalhes e orientações para a sua vinda, mas sentia-se feliz, pois seu irmão poderia contar com a experiência de Gaertner, que já estava em sua terceira viagem daquele tipo.

Na ocasião em que escrevera a carta, mostrara-a ao Doutor Blumenau, em busca de aprovação.

- Veja Doutor, vou ler a carta para o senhor ver se está bem assim! – e começara a ler:

Querido Adolph, já que te decidiste em vir para cá, eu fico sumamente feliz com esta resolução. É o melhor que podes fazer pelo teu futuro e pela tua prosperidade. Aí, na Alemanha, tu ainda precisas muito tempo para aprender como mais tarde ganhar a vida. Aqui, tu poderás, desde logo, ganhar alguma coisa. Eu acredito que poderemos ficar juntos e juntos começar algum negócio em que teremos sucesso. Pede, então, ao Theodor que ele escreva imediatamente ao Sr. Schroeder e indague, em teu nome, se há algum navio prestes a partir. Seria melhor se tu pudesses viajar no navio “Emma e Luize”, com o capitão Viereck e com o piloto Ewers. O navio seguirá, provavelmente, direto à colônia Dona Francisca. Quando não existirem passageiros suficientes, aos quais tu poderias te ajuntar, que compensem a vinda de um navio até Itajaí, ele vem só até São Francisco. Em São Francisco, pergunta a um dos comerciantes alemães que ali existem, se não há um navio para Itajaí. No caso afirmativo, embarca-te nele com tua bagagem e, em poucos dias, estarás aqui. Se tal não for o caso, podes fazer a viagem a pé, se encontrares companhia. São apenas, malmente, dois dias de viagem e não poderás te enganar de caminho, pois este acompanha sempre a beira do mar. Se quiseres indagar do caminho tu deves perguntar: “O senhor faz-me o favor de dizer onde vai o caminho para o rio Itajaí?” (Esta e outras palavras estavam redigidas em português). Se tu quiseres atravessar os rios de canoa, tu dirás: “Faça-me o favor de me dar passagem.” Se quiseres indagar sobre algum alemão, tu perguntarás: “Non mora aqui hum allemão?” Copia essas frases, possivelmente poderás aproveitá-las. Ao chegares a Itajaí, dirige-te a Pedro Palm, um negociante alemão e pede-lhe que te ensine o caminho de onde moram os senhores Sallenthien e Gaertner. Estes te receberão cordialmente. No caminho moram também muitos brasileiros corretos. Para refresco na viagem marítima, tu deves trazer uma ou duas garrafas de vinagre de framboesa e uma boa porção de pó efervescente. Também terá um bom emprego, depois do enjoo do mar, uma dúzia de arenques salgados. No navio tu os encontrarás à vontade. Deves trazer, além disso: uma meia dúzia de camisas de algodão mais finas e outras mais grosseiras e calças de brim azulado, alguns paletós leves, para o verão, um par de botas de couro de bezerro, mas bem folgadas, porque aqui elas encolhem muito e três ou quatro pares de sapatos de marinheiro que, em Hamburgo, tu comprarás bem fortes e baratos. Um travesseiro de penas também seria bem agradável e bem assim roupa de dormir, comprida e quente. O que tiveres de pano, deixa tudo aí, pois aqui as traças comeriam. Também não tragas relógio de bolso, pois aqui logo se estragara se não fosse bem fechado em cápsula. Mas traz um relógio de parede, pequeno e barato e também dois violinos e as respectivas cordas. E mais dez libras de pólvora e dez de chumbo miúdo. E também compra para ti um chapéu de feltro, mas não com abas muito grandes, leve e cômodo, para os domingos e uns chapéus grosseiros de palha. E mais, não te esqueças de trazer cachimbos para fumar, pois aqui eles são muito caros. Tabaco temos aqui em grande abundância e fumar, à noite, depois do trabalho, é sumamente agradável. Traz também, um pouco de centeio, trigo e aveia, assim como semente de colza, bem secas e numa garrafa bem lacrada. Faremos com elas algumas experiências. O presidente da província mandou-nos sementes de algumas espécies de trigo norte-americano. As mesmas já foram semeadas e temos esperanças de bons resultados. Se tudo isso der resultado, eu venderei um pedaço da minha terra e construirei, no ribeirão, um engenho para fabricar óleo e um moinho. O preço do óleo aqui é muito alto. O modo de obter azeite aqui é o seguinte: a gente esmaga bem as sementes de mamona, que aqui é muito

abundante, num pilão de madeira e depois ferve-se a massa em boa quantidade de água e vai-se recolhendo o óleo que sobra. O óleo assim obtido só serve para iluminação. Azeite para alimentação é obtido de uma semente que chamam “mandubin”, é de uma espécie de feijão vermelho. Em Hamburgo, compra-te um acolchoado e um colchão de bordo que aqui aproveitarás muito bem e também alguns machados americanos. O dinheiro que te sobrar em Hamburgo, troca-o por piastras espanholas, que valem 58 a 50 shillings por unidade e que aqui valem cinco e meia patacas ou 96 vinténs (50 destes fazem um mil réis) ou 25 “groschen” de prata. O “thaler” de prata, americano e boliviano também tem custo aqui, mas custa 4 schillings menos. Podes adquirir novas moedas de prata, de 2 mil réis, que provavelmente custarão de 62 a 64 schillings isso seria melhor. Mas toma cuidado para que não sejas logrado nessa troca. Numa caixa de 1 a 1 ½ pés de largura e 2 a 2 ½ de comprimento, poderás acomodar todas as tuas coisas e roupas. Deves escrever em cima teu nome, bem claro. Se tu apresentares o teu passaporte em Vehelde, pagarás só metade do preço da passagem até Hamburgo.

Em Hamburgo terás que combinar com alguém que leve a tua bagagem até o navio. Seria interessante que tu bem antes arranjasse essa pessoa. Tão logo chegues em Hamburgo, faz transportar teus objetos para a casa já combinada para, de lá, serem enviados a bordo. Encontrarás carregadores em todos os cantos de Hamburgo, mas eles cobram muito caro e se tu não combinares com eles o preço correto previamente, eles te cobrarão bem mais caro. Se tu tomares um navio de Hamburgo diretamente para Desterro, quando chegares ali dirige-te ao cônsul da Rússia, senhor Von Trompowsky, ou ao senhor Éberle. Eles se encarregarão de dirigir-te para cá. Em Desterro poderás hospedar-te na casa de um hoteleiro alemão, o senhor Wendhusen; o preço comum da diária é de 4 mil réis. Assim, já te dei todas as informações necessárias; se tu as seguires, poderás fazer uma viagem sozinho de Vehelde até aqui. Mas mantém-te sempre ativo e corajoso. Teme a Deus e a mais ninguém. Do teu fiel irmão Paul Kellner”.

- Então, doutor, o que o senhor acha? Meu irmão estará bem orientado, não é mesmo?
- Meus parabéns pela tua perspicácia, Kellner. Vejo que anotaste mentalmente todos os detalhes da viagem, e agora podes evitar que teu irmão sofra o que vocês sofreram. Espero que em breve o Adolph esteja entre nós. E quanto à tua terra, vou encaminhá-la para algum bom colono que nos chegue com dinheiro nas mãos, a fim de poderes iniciar o teu empreendimento.

Quando os novos colonos chegaram, veio entre eles o jovem Karl Julius Baumgarten, cuja família respeitável o doutor Blumenau conhecia muito bem, e foi para ele que Blumenau ofereceu uma parte das terras de Paul Kellner. O jovem Karl Julius ficou muito feliz de adquirir uma parte de um dos melhores lotes da colônia, e se pôs logo a serviço, dando continuidade às roças iniciadas por Paul. Este, feliz com a vinda do irmão, nem contou tempo e deu logo início à construção da sua serraria, com a qual acreditava poder ganhar muito dinheiro e ir logo para a Alemanha, buscar uma esposa. Paul e Adolph fizeram logo amizade com Karl Julius e quase todas as noites fumavam juntos o seu cachimbo, falando das coisas da sua terra natal. Karl Julius era da mesma região dos irmãos, e colocou-os a par de todas as novidades da terra.

- Me diga Julius, porque tu não trouxeste uma noiva? É a coisa da qual mais sentimos falta aqui...
- Bom, na verdade eu não sabia que aqui uma noiva seria tão útil, pensei em ir primeiro, conhecer tudo, me ambientar e começar a prosperar para depois mandar buscar uma bela jovem alemã...
- O problema meu caro, é que elas não vêm! A cada remessa de imigrantes a gente espera que venha alguma bela jovem, com todos os predicados que desejamos para uma boa esposa, e nada acontece! Ou elas já vêm comprometidas, ou são muito crianças ou não querem saber da gente...
- Ah! Mas eu vou para a Alemanha buscar uma noiva para mim assim que prosperar por aqui, disto vocês podem ter certeza!
- Isto é o que dizes agora! Daqui a algum tempo, qualquer bela jovem que te der um pouco de atenção vai parecer uma rainha aos olhos. – E assim dizendo caíram na gargalhada, batendo amigavelmente nas costas do novo amigo.

Num piscar de olhos era novamente verão, o calor atacava implacavelmente aqueles europeus, maltratando principalmente os que acabavam de chegar naquele ano. Conselhos bons não faltavam dos mais experientes, e logo Julius aprendeu a forrar seus rústicos tamancos com folhas de bananeira para evitar as dolorosas rachaduras que sangravam e atraíam enxames de moscas.

Com a chegada da época propícia, os bugres desceram novamente ao pé da serra para a temporada de caça e pesca. Mas em seus corações traziam também um grande desejo de vingança contra os invasores de suas terras, a lembrança dos guerreiros mortos ainda picando em suas mentes. Vieram com os instintos guerreiros aguçados e começaram logo a vigiar e espreitar a colônia, à espera do momento mais propício para atacá-la.

Na bela manhã ensolarada de sábado a criançada da colônia, que já era em grande número, reuniu-se com o jovem professor Ostermann, para repassar as lições de catecismo que ele estava ministrando. Naquele dia o professor estava especialmente animado, pois pretendia ensaiar com as crianças uma pequena peça teatral, para ser apresentada na noite de Natal. Já escolhera o roteiro, as falas e mentalmente sabia que criança ocuparia cada papel. Reuniu seu alegre bando em alarido animado diante da casa da recepção, onde no momento só estavam morando os soldados, e começou a falar da peça, enquanto as crianças reagiam com uma alegria ruidosa. Súbito, começaram a ouvir estranhos estalidos vindos da mata. Silvos e breves uivos acompanhavam aqueles sons estranhos e inesperados, e o professor levantou-se intrigado, olhando para a sombra da selva, como a tentar divisar algo naquele remanso escuro. De súbito, um bugre medonho e mal-encarado pulou de uma árvore diretamente na frente dele, fazendo com que desse um pulo para trás e soltasse um grito aterrador. Logo outros foram surgindo, pulando de todos os lados e gritando, enquanto se espalhavam pela pequena vila. Ostermann tocou imediatamente o sino que havia na frente da choupana e, ato contínuo, enxotou as crianças para dentro da tosca construção. Os soldados começaram a sair, alvoroçados e ainda vestindo as calças das fardas amarrotadas. Como era sábado e eles tinham tomado uns bons tragos de aguardente na noite anterior, a maioria ainda estava dentro do barracão. Tiros começaram a explodir por todos os lados, e logo todos os colonos que por ali se encontravam estavam armados, entrincheirados, e atirando nos bugres que se movimentavam com uma agilidade simiesca. Clara havia ficado para trás, e olhava fascinada, meio escondida junto à abertura do barracão, para toda aquela movimentação. De súbito, viu Kunglukinax. Embora tivesse crescido muito naquele ano em que não tinham se visto, ela o reconheceria de qualquer forma. Pintado como um guerreiro, ela percebeu que sua sobrancelha havia sido raspada, sinal de sua maturidade como guerreiro da tribo.

Naquele momento um guerreiro avistou a cabecinha loura de Clara junto à construção e avançou para ela, com ar ameaçador. Numa fração de segundo, antes que ela pudesse esboçar alguma reação, Kunglukinax arrebanhou o companheiro, levando-o para longe dali. Não olhou para ela nem uma única vez, mas salvara sua vida, mais uma vez!

- Tu estás louca, *kleine kinder* (pequena criança)? Quase que uma destas feras te pega... Vem já aqui para dentro, que é mais seguro! – Quem assim falava era o professor Ostermann, agarrando Clara e levando-a para a proteção do barracão.

Ao final de uma hora de lutas, os bugres desistiram e fugiram para o mato. Mais uma vez os colonos levaram a melhor, e eles tiveram que arrastar consigo seis corpos de guerreiros mortos. Também um dos soldados se ferira gravemente, tinha uma flecha cravada no peito e parecia estar nas vascas da morte, enquanto Fritz Müller e Wilhelm Friedenreich o atendiam, fazendo tudo o que podiam. Outros colonos haviam tido ferimentos mais leves, e tinham ido para suas casas, para receber um curativo e cuidados de suas mulheres. Blumenau pediu:

- Richter, tu que és mais jovem, pega uma canoa e sobe o ribeirão Garcia para avisar o Riemer do ataque. Temo por ele e sua família, tão isolados naqueles ermos em que moram... Julius Richter até gostou da tarefa. Desde que terminara o principal da tarefa de demarcação das terras da colônia, andava para lá e para cá um pouco irritado e sem ter o que fazer. Embora fosse de índole alegre e despreocupada, a vida ali na colônia não havia sido nada boa para ele. Primeiro perdera sua amada caboclinha Alzira e, logo em seguida, o bondoso amigo Daniel. Na verdade, estava apenas

esperando a resposta de uma empresa do Rio de Janeiro, para onde enviara uma proposta de trabalho, e pretendia virar as costas àquela terra e não voltar nunca mais.

Colônia de Blumenau
Janeiro de 1854

O suor corria abundantemente pelas costas de Blumenau, enquanto ele caminhava em direção ao barranco do rio, ladeado por Wilhelm Friedenreich e seu novo amigo, Hermann Wendeburg. Este chegara à colônia em meados do ano anterior e logo chamara a atenção do Doutor com a sua inteligência e conhecimento administrativo. Para suprir a falta de Reinhold, agora estabelecido na Colônia do Santíssimo Sacramento, e também para aproveitar um bom colaborador que não levava jeito para a lavoura, o Doutor Blumenau havia empregado o jovem no escritório administrativo da colônia. Ele logo revelara grandes qualidades de caráter, e o Doutor estava muito contente em poder deixar a colônia na mão dos dois. Partia agora para o Rio de Janeiro, a fim de pleitear junto ao Governo Imperial uma ajuda financeira para a colônia. As dificuldades e necessidades avolumavam-se, e ficava a cada dia mais difícil dar conta da administração com a quase absoluta falta de recursos em que se via.

- Não voltarei sem os recursos que necessitamos! – dissera enfaticamente, deixando bem claro que estava disposto a tudo para defender o seu amado quinhão de terra. Enquanto a balsa se afastava lentamente, descendo o rio Itajaí Grande, e Wilhelm acompanhado de Hermann subiam o barranco a fim de voltar para o escritório, que era também a casa de Friedenreich, o Doutor Blumenau olhava um pouco melancolicamente para a paisagem que progredia, lenta e preguiçosamente, aos seus olhos. O verde intenso das matas continuava encantando aquele europeu acostumado aos rigores de um inverno que liquidava com tudo, e o incessante ressurgir da natureza sempre o encantara como poucas coisas no mundo. Mas ali naquele paraíso, havia tanta fartura, tanta exuberância...

- Como é que as pessoas não percebem isto, meu Deus! – ele se perguntava, intrigado com a complexa natureza humana que dificultava tanto as coisas.

- Se as pessoas me ouvissem, acreditassem em minha sinceridade, isto aqui já estaria coalhado de imigrantes, estaríamos escolhendo os melhores para compor nossa nova terra... Ao invés disso, estamos “procurando homens, de vela na mão”!

Enquanto tais sombrios pensamentos lhe ocorriam, Blumenau ia olhando e avaliando os progressos das propriedades que se alinhavam à beira do grande Itajaí. Ao longe avistou a propriedade dos Kohlmann e ficou contente em verificar os enormes progressos que os mesmos haviam feito. As roças estavam integralmente plantadas com uma cana-de-açúcar viçosa e brilhante, que ondulava e sibilava na fraca brisa daquela manhã, e as pastagens estavam cheias de animais gordos e plácidos.

Ao longe percebeu que a nova casa de tijolos que eles estavam construindo já se encontrava bem adiantada e ostentava toda a sua beleza para quem por ali passasse.

Não tardou para que a balsa atingisse uma região erma, e os pensamentos de Blumenau voaram para a distante Alemanha, onde deixara um grande e inconfesso amor. Que tristeza sentira quando sua amada se negara a vir com ele para o Brasil, traindo todos os seus planos e esperanças futuras. Este era um assunto que nunca discutira com ninguém, nem com seus parentes, e colocara este grande amor bem no fundo de sua alma, guardado como um tesouro precioso e inacessível.

Ao chegar ao Santíssimo Sacramento, foi logo recebido pelo sobrinho e seu amigo Sallenthien, que agora estavam estabelecidos ali.

- Tio Bruno, que alegria em vê-lo! Então vai mesmo para o Rio de Janeiro?

- Sim, tenho que ir, Reinhold. O futuro da nossa colônia vai depender de meu sucesso nesta viagem! Os três puseram-se a conversar à sombra de alguns coqueiros, enquanto tomavam alguns agradáveis goles da fresca cerveja e procuravam se refrescar um pouco.

- Tio, tenho algo muito bom para te contar. Eu e o Franz aqui fizemos uma sociedade. Compramos uma bela propriedade e estamos iniciando uma casa de comércio e uma serraria! Não é uma boa notícia?

- Excelente, meu sobrinho! Sabes muito bem o quanto fico feliz em ver meus colonos prosperarem. É claro que eu preferiria que esta casa de comércio fosse na nossa colônia, pois lá ainda não temos

nenhuma, mas aqui com vocês é também ótimo. Assim nossos colonos já podem ir devidamente equipados para o seu início de vida na colônia.

- É, na verdade eu pretendo comprar também, com a anuência do Gaertner, é claro, uma propriedade lá para os ermos da colônia Santíssimo Sacramento. Eu andei para lá a cavalo, é terra que não acaba mais. Tem muito mato também, e madeira da boa é que não falta. Acho que dá para ganhar muito dinheiro... – atalhou Sallenthien, entusiasmado com o que tinha visto. Numa viagem de cinco dias a cavalo, embrenharam-se na mata e conheceram uma região de beleza e fertilidade indescritíveis, com muitas terras planas e cobertas de uma vegetação tão rica que se poderia dizer, à guisa de comparação, que dela brota ouro. E o melhor é que havia a suspeita de haver ouro mesmo naquela região, e este era outro fato que ele pretendia explorar. Cheios de planos para um futuro brilhante, conversaram até muito tarde, empatando o sono do bom doutor e contaminando-o com seu juvenil entusiasmo.

Todo esse entusiasmo deve ter feito uma boa diferença diante do Governo Imperial, pois a missão de Blumenau coroou-se de êxito.

Ao retornar do Rio de Janeiro, trazia 25 contos de réis, a promessa de ajuda para a instalação de igrejas, escolas e estradas, além de muitas outras promessas interessantes. Em contrapartida, comprometera-se a trazer um total de 4 mil imigrantes num prazo máximo de dez anos. Já na viagem de volta deu forma final a um livrinho, contando tudo sobre a colônia e o país que tanto admirava, e assim que chegou de volta ao Santíssimo Sacramento, encarregou Reinhold de ir de imediato para a Alemanha, fazer publicar e distribuir este livro, bem como arremeter uma leva de emigrantes dispostos a voltar com ele. Feito isto, voltou para sua colônia e passou a aguardar o desenrolar dos acontecimentos.

Sentado na varanda do seu estabelecimento a saborear um belo copinho da boa aguardente produzida na casa, Franz Sallenthien divisou ao longe uma nuvem de poeira, e ficou olhando intrigado para aquele movimento, que foi tomando forma diante de seus olhos. Subitamente percebeu que a poeira era provocada pelo deslocamento de um enorme grupo de pessoas que caminhavam pela estrada que ligava a colônia ao Porto e à Vila de São Francisco do Sul. Bem à frente, com um sorriso aberto no alegre rosto, vinha seu sócio Reinhold Gaertner. O grupo era bem heterogêneo, mas era notoriamente composto de alemães, que traziam os rostos avermelhados pelo cansaço e maltratados pelo sol ao qual não estavam acostumados. Foram chegando em tropel, invadindo a casa de comércio e sentando onde podiam, preferencialmente nas sombras das árvores e coqueiros que ofereciam um pouco de frescor no rigor daquela tarde.

Franz abraçou longamente o sócio e amigo, e foi dizendo enquanto o levava para dentro da casa:

- Desta vez fizeste um bom trabalho, meu amigo! Que bela turma de imigrantes trouxeste. Teu tio há de ficar bem feliz!

- São 146 pessoas, entre famílias, crianças e solteiros. Desta vez, inclusive, vieram diversas moças solteiras e casaduras. Vamos ver se “desencalhamos” os solteirões da colônia, não é, “Seo” Franz!

- E Reinhold imitava o modo de falar dos brasileiros com os quais eles conviviam ali no Santíssimo Sacramento.

- Olha só quem está falando! Acaso trouxeste uma esposa a tiracolo, para poderes me criticar?

- Ainda não foi desta vez, mas deixei uma bem interessada em voltar comigo da próxima vez! Conheci uma menina que é um verdadeiro primor, mas ela relutou muito em vir desta vez. A família dela também ficou com medo, achou-a muito nova para enfrentar esta vida aqui... Mas eu vou escrever muitas cartas apaixonadas e bem convincentes, e tenho certeza de que na minha próxima viagem a trarei!

- Bom, vamos lá observar os nossos novos vizinhos e ver o que há de interessante...

E dizendo isto, Franz virou-se e passou a caminhar entre os imigrantes que, sentados e abanando-se, revelaram as primeiras dificuldades de adaptação a uma nova e diferente realidade. Ele conversava aqui e ali, trocando ideias com um e outro, dando informações ao mesmo tempo em que distribuía goles de aguardente numa moringa de barro que trazia, pelo pescoço, em uma das mãos. De súbito, estacou com aquela que considerou a mais bela visão que seus olhos tinham tido nos últimos anos.

Sentada junto a uma quaresmeira que se encontrava em flor, uma jovem de uns vinte anos olhava sonhadora para a chuva de flores azuis e roxas que caía da pequena árvore a cada vez que ela premia o corpo contra o tronco, movimentando-o. Cada vez que as flores “choviam”, um doce e ingênuo sorriso aparecia em sua face e iluminava um par de imensos olhos azuis.

Os cabelos faziam um conjunto perfeito com a beleza do rosto juvenil, pois eram de um louro dourado que refulgia à luz do sol que neles batia intermitentemente. O vestido de lã cinzenta e sóbria não encobria de todo a beleza do corpo jovem e bem feito. Como estava sentada, de maneira um pouco abandonada, sobre algumas palhas de coqueiro atiradas de forma displicente no chão, podiam-se ver as suas botinas pretas empoeiradas da longa e sacrificante caminhada que haviam feito. Eram pelo menos dois dias de caminhada intensa para chegar ali, e todos estavam exaustos demais até para reclamar. Totalmente encantado com a beleza da jovem e imaginando a ardência que devia estar sentindo nos pés, esmagados nas botinas inadequadas àquele clima, Franz aproximou-se e, sem maiores cerimônias, foi desamarrando as botinas dela enquanto ia dizendo:

- Olá, sou Franz Sallenthien, responsável pela recepção de vocês. Imagino que seus pés... Nem pôde terminar a frase, e a jovem arrancava, de maneira ab-rupta, os pés das mãos dele, enquanto dizia em tom indignado:

- Pare com isto, que falta de respeito! Deixe-me em paz, por favor! Será então que é bem verdade o que me contaram, que todos aqui são meio selvagens e nossos conterrâneos que vêm pra cá ficam assim também? – E olhou-o com um ar tão imperiosamente indignado que Franz se encolheu e largou imediatamente as botinas das quais procurava livrar aqueles pés. A jovem, da qual ele ainda não sabia nem o nome, olhou com tal ar de repulsa que Franz murmurou um pedido de desculpas e saiu de perto dela, totalmente constrangido.

- *Meine Got* (Meu Deus), mas eu sou um burro mesmo! Já estraguei tudo de início... A menina mais atraente que me aparece nos últimos anos e eu coloco os pés pelas mãos de início! Como é que eu vou consertar isto? Nem o nome dela eu consegui perguntar... Se eu tivesse explicado que só queria aliviar a dor que eu sei que ela está sentindo... Os pensamentos atropelavam-se em sua mente de maneira desordenada, enquanto ele procurava seu amigo Reinhold com os olhos, a fim de fazer-lhe algumas perguntas. Mas o amigo estava muito ocupado, acomodando os novos colonos, e não pôde lhe dar atenção como ele precisava. Enquanto isto, de vez em quando lançava alguns olhares amistosos para o lado da bela jovem que fazia seu coração acelerar, mas só recebia de volta um olhar gelado, e ela voltava-lhe acintosamente as costas, demonstrando toda a sua antipatia. Pôde perceber, ao longo das horas, que ela estava acompanhada de um casal, mas eram muito jovens para serem seus pais. Pela semelhança das duas jovens, imaginou que fossem irmãs, mas isto foi tudo o que pôde deduzir.

Só bem mais tarde, quando todos já estavam recolhidos, descansando da árdua jornada que haviam enfrentado e preparando-se para a subida do rio, que se daria no dia seguinte pela manhã, Franz pôde interrogar seu amigo:

- Gartner, pelo amor de Deus, estou ansioso para falar contigo. Quero saber quem é a jovem de vestido cinza, aquela loura tão bela que veio nesta leva?

- Ah! Esta é Johanna Osterland, e está com sua irmã e o cunhado, Joseph Heller. Coitados, a história deles é bem triste. Espero que eles consigam se recuperar aqui em nossa colônia e refazer a vida.

- Mas me conte a história dele, quero saber tudo!

Gaertner então começou a narrar, em rápidas pinceladas, a história de Johanna. A família das jovens era rica, e havia perdido tudo devido a alguns negócios errados que o seu pai fizera. De desgosto, ele falecera, seguido logo pela esposa, deixando uma enorme prole ao relento. Johanna e sua irmã, Hilda, viram-se obrigadas a vagar pelas ruas, pedindo esmolas e sujeitando-se a qualquer trabalho honesto que surgisse, a fim de ajudar a alimentar os irmãos. Aos poucos, eles foram sendo encaminhados para lares diversos, e elas haviam ficado sozinhas. Então Hilda havia conhecido Joseph, um próspero marceneiro, que se apaixonara por ela. Casaram-se logo e os três passaram a morar juntos. Mas a desgraça parecia rondar a vida dos jovens. O marido de Hilda perdeu o emprego, de um dia para o outro, e eles viram-se outra vez na miséria. Vagaram por diversas cidades à procura de emprego, até que chegaram a uma imensa propriedade, num importante

condado da Alemanha, e lá haviam conseguido emprego, todos os três. Enquanto Joseph trabalhava como jardineiro, Hilda e Johanna eram responsáveis, juntamente com outras quinze jovens, pela limpeza e conservação do imenso castelo. Mas um desentendimento entre Joseph e o capataz da propriedade havia feito com que os três perdessem novamente o emprego e, desesperançados, haviam tomado o rumo da emigração, a fim de tentar a sorte em novas terras.

- Mas durante toda a viagem ela ficou calada, quieta, não quis saber de conversas ou amizade com mais ninguém... Acho que ficou muito desconfiada e amargurada depois de tudo que passou!

- Ah, mas eu vou conquistá-la, pode ter certeza! Desde que a vi pela primeira vez senti que ela era a mulher ideal para ser minha esposa. Amigo Gaertner, eu preciso de alguém ao meu lado, senão vou acabar voltando para a Alemanha. Até pouco tempo atrás eu acalentava a ideia de que minha irmã viria para morar comigo aqui na colônia e... – Reinhold interrompeu-o:

- Mas por que perdeste a esperança, amigo? Já te preparaste tanto, compraste utensílios de cozinha raros por aqui... E a bela madeira que está secando lá na serraria, para fazer os móveis do quarto dela?

- Enquanto estavas na Alemanha, recebi uma carta dela, tirando-me todas as esperanças e dizendo que, embora sinta muita saudade de mim, jamais terá coragem de fazer o que eu fiz... Ah, minha querida Gretchen, creio que para vê-la novamente, terei que ir para a Alemanha. Mas isto agora é inviável, e o que me resta é constituir minha própria família aqui. E a Johanna vai ser a “Frau” Sallenthien, disto podes ter certeza!

No dia seguinte, subiram o rio com quatro enormes balsas, enquanto uma chuva fina e penetrante caía sobre eles, trazendo uma desagradável sensação de desconforto e fazendo com que todos se enrolassem em seus casacos, em busca de um pouco de proteção. Mais uma vez ninguém reclamou da situação e Franz pensou de si para consigo:

- É, o meu amigo Gaertner aprendeu mesmo! Depois daquela primeira decepção, nunca mais deixou de esclarecer bem aos imigrantes o que eles encontrariam na chegada e como são as condições dos primeiros tempos.

A visão da colônia do Doutor Blumenau, no entanto, já não era mais tão assustadora quanto fora para aqueles primeiros dezessete imigrantes que haviam chegado lá há quatro anos. A terra estava arada e cultivada, e de longe se percebia a fertilidade do solo fazendo o seu trabalho, resultando em plantações de uma beleza indescritível, com as plantas ondulando ao vento suave. A mata, ainda soberana sobre a colônia, projetava uma sombra amiga e sussurrante sobre as margens dos rios, que corria com uma placidez invejável por entre os vales e montanhas. As casas despontavam aqui e acolá, embora rústicas, mas já completamente adequadas àquela realidade. Quase todas tinham seu paiol, galinheiros, pocilga, uma bela horta com verduras viçosas e muitas árvores frutíferas colorindo e perfumando os quintais. E as flores, ah! As flores eram o grande destaque! Nasciam exuberantes, coloridas e perfumadas em volta das casas, numa rebeldia de fazer gosto, embaladas pelo sol meridiano e pelo calor daquela terra abençoada por Deus. Crianças misturavam-se a animais domésticos, numa alegre algaravia de sons que remetiam à atmosfera bucólica que aqueles imigrantes traziam na alma. Sentiam-se imediatamente identificados com aquele panorama, e felizes por chegar, embora o barracão da recepção continuasse sendo um verdadeiro desastre em matéria de conforto e beleza. Mas estavam cansados, preparados para tudo pelas sábias palavras de Gaertner, e instalavam-se sem reclamar de nada, procurando da melhor maneira possível um repouso para seus corpos cansados, sustentados apenas pela esperança de um mundo novo.

Franz subira o rio junto com as balsas dos imigrantes, a fim de tentar alguma aproximação com a jovem Johanna e também para tratar de alguns assuntos pendentes como o doutor e agora se encontrava no escritório da administração, conversando com Blumenau, Wendeburg e Friedenreich, enquanto todos saboreavam os belos charutos de Friedrich Rieme. Sallenthien, no entanto, sentara-se junto à janela e olhava insistentemente para os lados do barracão, procurando ver a bela Johanna. Muitos dos solteiros da colônia também estavam por ali, cercando os recém-chegados na esperança de cativar uma bela moça e resolver seus problemas de solidão. Era não apenas pela vida solitária, mas também pela praticidade, que aqueles jovens ansiavam tanto por uma pessoa. Com uma mulher

jovem e forte na casa teriam não só o consolo de um corpo quente na cama à noite, mas também mãos fortes e hábeis para fazer a comida, tratar dos animais e cultivar horta e pomar, sem falar na limpeza e conservação das roupas e da casa. Tudo isto era tão ou mais importante que o amor para aqueles corações rudes e ingênuos, por isto não escolhiam muito e se uma jovem menos bela se interessasse pela sua conversa, era logo “fisgada”.

Johanna, no entanto, com toda a sua beleza e encanto, estava sendo alvo das mais rasgadas atenções e Franz percebeu, com alívio, que estava reagindo mais ou menos da mesma maneira que reagira à aproximação dele, ou seja, totalmente arredia.

- Doutor Blumenau, o senhor já tem as terras determinadas para este povo que chegou?

- É claro Sallenthien, eu já esperava um bom número de colonos e calculei as terras que eles iriam ocupar. Aqui no centro da colônia não há mais nada disponível, eu vou encaminhá-los para os lados de ribeirão (Garcia), onde moram os Riemer e os irmãos Müller. São terras de excelente qualidade e muito férteis, basta botar a mata abaixo e começar a plantar!

- Por falar em Riemer, como está ele? Preciso lhe dar os parabéns pelos seus charutos, estão mesmo uma beleza!

- O Riemer foi realmente uma aquisição das melhores para a nossa colônia! Este ano vai produzir mais de cem mil charutos, e já está exportando o produto para diversas outras colônias e inclusive até para o Desterro ele já vendeu! Além disso, já deu um filho para a colônia e a D. Louise já está esperando outro bebê. Deverias ir visitá-lo Sallenthien, tenho certeza de que ele te receberá como um rei. Afinal de contas, vocês são os pioneiros de tudo isto aqui!

- Vocês, não; nós, doutor! Se não fosse o senhor, nenhum de nós estaria aqui agora... E como será que estaríamos, vivendo lá na *Heimatland* (pátria)?

A pergunta ficou no ar, enquanto os pensamentos de todos voavam em demanda da terra natal, da família, dos amores e das tantas outras recordações.

- Eu irei visitar os Riemer, Doutor! Deixe apenas os colonos se instalarem, daí eu aproveito e faço as visitas!

- Mas isto tem som de sinos... Acho que o Sallenthien deve estar interessado em alguém que acaba de chegar – atalhou Friedenreich, que era um conhecedor da alma humana. Franz nem se incomodou em negar. Corou como um adolescente, confirmando com isto as suspeitas do amigo. Todos caíram na risada e, para comemorar, tomaram cada qual um trago de aguardente.

- Quem eu não vi por aqui foi o Kellner, como ele está? Admiro-me de que não tenha vindo “procurar casamento”, com todos esses novos imigrantes...

- Pois é, este aí é um que me preocupa! Está cada dia mais solitário, embrenhado no mato, trabalhando na serraria com o irmão, que chegou faz um tempo. Quando a gente toca no assunto, ele só diz que, quando ganhar bastante dinheiro, vai para a Alemanha buscar uma boa esposa alemã para ele – respondeu Blumenau.

- Olhe, eu também pensava assim. Mas agora percebi que é muito mais prático desposar uma jovem que já tenha tomado a decisão de vir para cá, ao invés de ir para a Alemanha, gastar uma fortuna e tentar convencer alguém a enfrentar conosco este novo mundo...

As palavras de Franz provocaram um silêncio um pouco tristonho no ambiente. Tanto o Doutor Blumenau quanto seu sobrinho Gaertner estavam vivendo esta situação, apaixonados por jovens que não queriam encarar desafio do novo mundo. Logo depois Minna entrou na sala e, cumprimentando os recém-chegados, foi logo dizendo:

- Pronto, os “*neuedeutschland*” (novos alemães) já estão todos acomodados e se alimentando. Agora é a nossa vez e o almoço está servido!

Todos se encaminharam para a sala de refeições e tiveram uma agradável surpresa. No recinto fresco e ensombrado, a mesa estava posta de uma maneira graciosa, enfeitada com um belo vaso de flores, que espalhavam um suave perfume no recinto. Do caldeirão saía um embriagador aroma do feijão recém-cozido e enriquecido com verduras da horta de Minna. Havia também um enorme prato de aipim fumegante e perfumado, algumas linguças fritas com rodela de cebola e uma bela travessa de madeira repleta de repolho cortado fininho e temperado com ervas aromáticas que Minna cultivava com tanto carinho.

Não foi preciso insistir, todos se atiraram sequiosos para a deliciosa comida, recuperando as energias e saboreando o que de melhor a colônia lhes podia oferecer.

Quase ao final da refeição, ouviram gritos alarmados ao lado de fora da casa e saíram correndo a fim de verificar o que estava acontecendo. Um rapazote de pouca idade, magro e muito alto, tremendo como vara verde, estava parado diante da porta, chamando todos aos gritos:

- Socorro, socorro, acudam aqui! Fomos atacados pelos bugres e *Herr Kellner* está espetado!

- Mas o que estás me dizendo, rapaz? Acalma-te um pouco e fala melhor o que aconteceu – disse Friendereich, procurando colocar um pouco de ordem no caos que se instalara.

Depois de uns dois goles de aguardente, o rapazote acalmou-se um pouco e pôde contar o que acontecera, depois de se identificar como empregado de Paul e Adolph Kellner.

- Nós estávamos trabalhando lá na serraria, e *Herr Kellner* já estava lá há três dias, nem tinha ido para a casa à noite, para não perder tempo. Nós temos uma grande encomenda de toras para entregar e *Herr Kellner* estava todo animado. De repente eles apareceram, não se sabe de onde... Quando os vimos, já estavam em cima de nós e não deu tempo para nada! – Neste momento a voz do jovem quebrou-se, e lágrimas apareceram em seus olhos, demonstrando que não era muito mais do que uma criança.

Com muita dificuldade, contou que três empregados tinham sido mortos a flechadas pelos bugres que haviam aparecido de repente e ele só tinha escapado, pois se escondera atrás de uma enorme pilha de toras e passado despercebido. Estava muito envergonhado de sua atitude, embora Kellner tenha dito que tinha feito a coisa certa. Só quem pudera reagir à altura fora Adolph, que dera alguns tiros, acabando por afugentá-los.

- Eu chamei nosso vizinho, *Herr Baumgarten*, e ele está lá cuidando do patrão. Foi ele quem me mandou aqui, para avisar vocês e chamar o doutor...

Sua capacidade de reagir esgotara-se, e o garoto caiu por terra, enquanto as lágrimas rolavam abundantes por sua face. Minna socorreu-o com afeto maternal, cercada por Clara, Alma e Ida, que já andava por tudo como uma pequena dama.

Enquanto isto, os homens armavam-se para partir em demanda do amigo. Friendereich arrumava seus poucos instrumentos de farmácia e pediu para o seu empregado, um cabocão forte chamado Emílio:

- Emílio, vai rapidamente de canoa até a propriedade do Fritz Müller, e pede para ele vir urgentemente para cá com todos os seus instrumentos médicos. Vamos trazer o Kellner para cá e aqui ele poderá atendê-lo melhor!

Desde que Fritz Müller chegara, Friendereich deixava cada vez mais as questões médicas ao encargo dele, dedicando-se quase que totalmente à administração da colônia com Blumenau.

Sem demora partiram em canoas rumo à propriedade de Kellner, que ficava rio abaixo. Ao chegarem à casa de Paul, assistiram à cena mais insólita que podiam esperar. Karl Julius Baumgarten, o vizinho de Paul, que inclusive comprara uma parte das terras dele, calçara o peito de Kellner com uma tábua, através da qual passava a flecha espetada no peito de Paul e, calçando o pé da tábua, puxava a flecha, fazendo uma força hercúlea, enquanto o sangue brotava aos borbotões do peito do jovem, que estava branco como uma caneca de leite. O suor porejava seu rosto, macilento e amarelado pela dor e assim que a flecha saiu, desmaiou, enquanto todos corriam para preencher com trapos limpos o furo deixado pelo objeto.

- Ainda bem que não é das envenenadas! – disse Baumgarten, que também já aprendera a conhecer as artimanhas dos bugres.

- Tirar a flecha de dentro dele era a única chance de sobrevivência, e foi ele mesmo quem me pediu! Que homem corajoso!

Paul Kellner foi logo transportado para a colônia, e ficou na casa de Friendereich, enquanto recebia os cuidados constantes de Fritz Müller. Sua saúde e vigor, além da pronta intervenção de seu vizinho e amigo Baumgarten, foram os responsáveis pela sua sobrevivência, além dos conhecimentos de medicina e botânica de Fritz Müller. Depois de algumas semanas já estava recuperado, e sentava-se diariamente diante da casa de Friendereich, onde continuava hospedado e

recebendo cuidados médicos, para fumar o seu inseparável cachimbo e tomar uma brisa fresca que amainava o calor daquele final de ano.

E foi sentado no modesto alpendre da casa que viu a aproximação daquela linda jovem, que mais parecia uma ninfa saindo das águas. Viera remando valentemente na canoa, revelando uma insuspeita destreza ao saltar dela com agilidade e amarrá-la em alguns galhos que margeavam a corrente do rio, e caminhara diretamente na direção dele, embora parecesse não tê-lo visto. Sua atenção era constantemente desviada para as flores que se ofereciam, em profusão desavergonhada, pelo caminho que ela perfazia até chegar ao escritório da colônia. Quando chegou mais perto, Paul percebeu que seu rosto estava marcado pelo choro, e os olhos azuis estavam ligeiramente avermelhados, traíndo uma mal disfarçada tristeza que bailava na face. Somente quando chegou bem perto da casa deu com a presença de Paul e corou violentamente, desviando os olhos e fechando o rosto para demonstrar sua contrariedade. Passou reto e ignorou solenemente seu cumprimento, enquanto Minna aparecia na soleira da porta e a cumprimentava com amabilidade:

- Olá Johanna, que bom te ver por aqui! Que bons ventos te trazem?

- Bom dia, D. Minna, como vai a senhora? – seu tom tornara-se instantaneamente doce. – Eu preciso muito falar com o Doutor Blumenau e com seu marido, posso entrar?

- Mas é claro, nem precisas perguntar! As portas aqui estão sempre abertas para todos os nossos colonos! Entra, entra!

Johanna foi entrando na sala de administração da colônia enquanto Minna, em resposta à muda interrogação escrita nos olhos brilhantes de Paul, explicou para ele em tom discreto quem era Johanna Osterland. O dia da chegada deles fora justamente o dia em que Paul fora agredido pelos bugres e, portanto ele não conhecera nenhum daqueles novos imigrantes.

- Que beleza de menina! Ela parece ter um pedaço do céu nos olhos...

- Não és só tu que pensas assim, Paul! Outro que está encantado com ela é o Franz, mas ela não liga para ninguém. Desde que chegou com a irmã e o cunhado, embrenharam-se no mato, onde fica a propriedade deles, e esta é a sua primeira aparição entre nós.

Minna afastou-se para cuidar de seus afazeres, e deixou Paul bastante intrigado com tudo o que ouvira. Vagarosamente e com cuidado para não abrir sua ferida, que mal e mal cicatrizara, Paul ergueu-se e foi caminhando sem nenhuma pressa para o escritório da colônia. Se pudesse saber de mais alguma coisa...

Lá na sala, Johanna não conseguira controlar o choro, e as lágrimas rolavam copiosas pela sua bela e jovem face, enquanto procurava explicar sua situação para o Doutor Blumenau.

- Os senhores me parecem homens tão bons! Será que não podem me ajudar? Eu tenho verdadeiro pavor de morar lá no meio do mato, não durmo nada à noite, de medo, quase não consigo me alimentar mais...

Uma rápida vista de olhos revelava que a jovem havia emagrecido significavelmente.

- Lamento muito deixar a minha irmã sozinha, mas ela fez a escolha dela. Eu, no entanto, sou solteira e posso perfeitamente arranjar alguma outra colocação. Já trabalhei muito como cozinheira, copeira e babá... Não haverá alguém aqui da colônia que queira me empregar? Eu tenho certeza de que, se eu continuar morando lá, eu morro!

Os dois homens estavam consternados com o desespero da jovem, que parecia totalmente perdida e sem rumo e Friedenreich disse, depois de alguns instantes:

- Vamos fazer o seguinte: ficas uns dias aqui em casa, com a minha esposa, ajudando com as nossas meninas. Enquanto isto, comunicamos a tua irmã e cunhado e vamos ver o que a gente consegue para ti. Está bem assim?

Johanna olhou com um ar de gratidão muda para Wilhelm e foi com ele em busca de Minna, que preparava o almoço.

Paul ouvira a maior parte do desabafo dela e, depois de sua saída, entrou na sala e ficou conversando com o Doutor Blumenau por alguns momentos.

- Às vezes é muito difícil para o imigrante encarar a sua nova vida! Principalmente as mulheres, que deixam tudo na terra natal e aqui se veem às voltas com a maior precariedade... Nem todas conseguem superar as decepções e medos.

- Está me parecendo que o que esta moça precisa é de um marido!
- Você não é o único a pensar assim. Desde que chegou, ela já foi muito assediada por diversos jovens solteiros da colônia, mas parece que tem um verdadeiro horror a esta ideia e reage sempre com uma certa violência e irritação.
Paul nada disse, mas pensou intimamente que com ele poderia ser diferente. Ainda mais agora, que estariam sob o mesmo teto...

Os dias se passaram e Johanna revelou-se uma ajuda inestimável para Minna. Cuidava com desvelo e carinho das meninas, ajudava em todas as tarefas da casa e era um asseio e ordem impecáveis. Não conhecia preguiça e jamais fazia algo pela metade. Era jovial e, embora muito quieta, uma presença agradável.

Paul e ela passaram a conversar sempre que surgia uma oportunidade, e a jovem parecia aceitar a amizade aparentemente desinteressada dele. Quando ele lhe contou o incidente com os bugres, seus lindos olhos se arregalaram desmesuradamente, enchendo-se de lágrimas e demonstrando todo o pavor que tal assunto lhe causava. Embora tivesse adoração por flores, era uma jovem muito assustada e quase tudo mais na natureza parecia lhe causar medo.

Depois de alguns dias, Franz Sallenthien apareceu na colônia. Alertado sobre o acontecido com Johanna, vinha fazer um convite de trabalho. Explicou que ali onde ele e Reinhold moravam, juntamente com a família do Major Agostinho e de mais alguns colonos que por ali tinham resolvido ficar, ela poderia ajudar nas casas, morar dignamente e, enfim, dar um rumo a sua vida. À medida que falava, viu suas faces colorirem-se de carmim e um brilho especial flutuar em seus olhos, e percebeu que ela aceitaria. Paul ficou decepcionado e, naquela noite, assim que todos se recolheram, foi silenciosamente até o quarto dela e bateu de leve, pedindo para falar-lhe.

- Johanna, não entendi por que aceitaste esta proposta que te fez o Sallenthien. Tu não precisas de emprego nenhum; se quiseres caso-me contigo e resolvo todos os teus problemas.

Foi nítido o choque no rosto de Johanna. Ela ficou surpresa, assustada e depois de alguns momentos em silêncio, disse com voz embargada:

- Pensei que eras diferente, Paul. Imaginei que éramos amigos e nem imaginava que tinhas esse tipo de interesse em mim. Se eu soubesse, teria tratado de deixar bem claro, desde o início, que não tenho a menor intenção de me casar por enquanto. Preciso ainda me recuperar de uma profunda decepção que sofri na Alemanha!

Por mais que Paul insistisse, Johanna não contou mais nada e ele teve que suportar um enorme sentimento de fracasso. Aqueles homens, que enfrentavam a vida e a morte diariamente, tornavam-se fracos e suscetíveis ali naqueles ermos quando se tratava de amor.

Depois que se recuperou completamente da flechada, Paul adquiriu uma extensa área de terras na região denominada Águas Claras, e para lá se embrenhou, ficando quase que recluso durante meses a fio. Contratou inúmeros empregados e trabalhava de sol a sol, com o afinco e empenho de uma obsessão.

Alguns meses depois, quando foi à Colônia do Santíssimo Sacramento, soube que Johanna estava noiva de Franz. A decepção e a dor foram grandes, e isto fez com que vivesse ainda mais recluso e voltado para o trabalho.

Franz não perdera tempo. Assim que Johanna chegou ao Santíssimo Sacramento, acumulou-a de atenções e cuidados, fazendo-a sentir-se uma verdadeira rainha, mas sem fazer nenhuma insinuação ou pedido. No início ela insistia muito que pretendia arrumar uma colocação em alguma vila maior, talvez o Desterro, ou mesmo a capital do Império, mas com o tempo parou de falar nisto, e acabou se acomodando por ali. Todos os dias conversavam à sombra das árvores e Franz sempre trazia um mimo para brindá-la, principalmente as flores que ela tanto amava. Ele tinha uma bela casa e ela foi se encarregando cada vez mais dos afazeres dela, e também do plantio de flores no jardim, até que já parecia a própria dona.

Um dia, espontaneamente, contou a Franz qual o motivo de seu trauma.

- Sabes, Franz, eu trabalhava num belíssimo castelo lá na Alemanha. Era uma propriedade magnífica, com um enorme número de ameias e seteiras, e tinha mais de setecentos aposentos. O

nobre que era seu proprietário quase não aparecia por lá, e a propriedade ficava entregue a nós, empregados. Logo que cheguei, me encarregaram da prataria. Eu adorava limpar e polir todas aquelas peças tão lindas... Baixelas, bules, garrafas, vasos, candelabros, era uma profusão de obras de arte! Eu limpava e polia até que elas reluzissem como se fossem líquidas, e era o meu maior orgulho. Às vezes, sentada na janela, eu trabalhava ao sol, cantando de tão feliz que me sentia. Mas, ai de mim! Fui vista e cobiçada pelo capataz da propriedade!

Franz podia imaginar a beleza da imagem de Johanna ao sol, com os cabelos rebrilhando como fios de ouro e cantarolando uma canção de amor... Era difícil algum homem resistir!

Johanna continuou, contando que o homem passou a persegui-la, de forma implacável, não lhe dando um momento de paz.

- Um dia, quando eu passeava pelos jardins do castelo apreciando a beleza das flores que, naquela época, brotavam em profusão, fui agarrada por trás sem nem perceber. O desgraçado seguira meus passos durante dias, sabia dos meus hábitos, e esperou um momento favorável para o ataque. Eu sempre gostei de ficar só, caminhar por entre as flores e rezar intimamente, e foi assim que ele me encontrou. A minha sorte, e também meu grande azar, é que minha irmã estava me procurando, pois havia recebido uma carta de uma tia distante, da qual há tempos não tínhamos notícias. Ouviu meus gritos e procurou me acudir, gritando pelos jardins e chamando meu nome. Quando chegou até mim, o brutamontes já tinha rasgado boa parte de minha roupa e.... Johanna interrompera a narrativa e chorava copiosamente, com a traumática lembrança.

- Minha irmã agarrou aquele monstro por trás, tirando-o de cima de mim e evitando um mal maior, mas ele, por vingança e maldade, chutou-a longe, fazendo com que a queda provocasse a perda do bebê que ela esperava. Meu primeiro sobrinho! Morto pela maldade e cupidez de um homem sem escrúpulos! Naquele momento, jurei que nenhum homem mais se aproximaria de mim, e maldisse a minha beleza.

Temendo que o assunto chegasse aos ouvidos do proprietário, o malvado expulsou-nos no dia seguinte, demitindo-nos e deixando-nos sem saída. Por isto viemos para cá e... Sua voz se perdeu num soluço dolorido e desesperançado.

- Não fiques assim, *meine liebe* (minha querida). Nem todos os homens são tão vis como este que encontrei! Há muitos homens bons, que te querem bem, mas com respeito e amizade. A coisa que me daria mais orgulho seria poder, um dia, ser teu marido e te proteger para sempre, evitando que qualquer mal te atinja!

- Oh Franz, como és gentil! Há muito tempo que te admiro, mas sempre tinha medo. Agora, graças a Deus, perdi este medo e acho que está na hora de esquecer esta promessa que fiz em má hora!

- Johanna, saibas que me farás o homem mais feliz do mundo se me aceitares como teu noivo. Esperaremos até que um pastor venha aqui e faremos nosso casamento dentro de todos os conformes. Quero te provar o quanto te respeito e admiro!

Com muito cuidado, como se fosse tomar posse de um cristal, Franz aproximou-se de Johanna e lhe deu um abraço suave, roçando de leve sua testa com os lábios. Sabia que todo o cuidado era pouco até quebrar o trauma causado pela brutalidade masculina na jovem.

Ela, porém, estremeceu com a leve carícia e encostou-se a ele, pousando a cabeça em seu peito com doçura.

- Vamos amanhã mesmo falar com tua irmã e teu cunhado. Não quero que nada saia errado ou que alguém interprete mal minhas atitudes!

Localidade de Poço Grande
Setembro de 1855

No meio dos carreiros de cana-de-açúcar, que ondulavam ao vento, formavam-se pequenas estradinhas empoeiradas. As pessoas que andassem por ali naquela época não poderiam ser vistas pelos outros, devido à altura e força dos pés daquela fértil planta.

Christine Kohlmann caminhava um pouco encurvada, embora não fosse necessário, traíndo sua ansiedade. Logo ouviu um assobio e, desviando-se do sulco inicial por onde vinha caminhando, avistou Sebastião. Ele era um negro forte, parecia esculpido em bronze e sua pele brilhava ao sol. Muito alto, trazia o corpo bem torneado coberto apenas com alguns trapos mal arrumados que o tempo se encarregara de esfriar ainda mais. Ao vê-la, tão iluminada ao sol, sorriu e deixou à mostra uma fileira invejável de dentes brancos e fortes, capazes de estraçalhar um pernil de porco inteiro. Christine sentiu o coração pular de alegria e emoção, estremecendo como uma espiga de trigo ao vento. Estava apaixonada! Conheceu Sebastião quando vinha trazer o *fruhstuck* (lanche) para os homens no campo e desde a primeira vez tinha ficado impressionada com a sua beleza. Por vezes ele parecia a estátua de um imenso deus grego reluzindo ao sol, e ela não podia deixar de admirar todo aquele porte. Embora fosse um trabalhador humilde, tinha uma nobreza e imponência comparáveis às de um rei. Um belo dia haviam trocado algumas palavras, e desde então, falavam-se a cada oportunidade, cada vez com mais intimidade.

Certa vez, quando uma chuva os surpreendera no campo, haviam se abrigado sob um imenso araribá, que com seus galhos formava um abrigo natural e Christine, num impulso, beijara o rosto do negro. Atônito, ele olhava para aquela mulher que mais parecia um sonho dourado, sem poder acreditar que ela o tivesse beijado. Depois daquilo e sem dizer mais nada, ela saíra correndo, mas não conseguira dormir a noite inteira, sonhando e imaginando como seria estar naqueles braços fortes. Não houve reza ou promessa íntima que Christine não tivesse feito, mas não conseguia tirar Sebastião da cabeça. Sabia o desgosto que daria à sua mãe se ela apenas desconfiasse de algo assim, e procurava fazer seu coração esquecer. Passara uma semana sem ir aos campos, usando todos os pretextos possíveis, mas afinal capitulara e fora correndo procurá-lo. Jovens e apaixonados, o sangue lhes fervia nas veias quando se abraçavam, sentindo os contornos do corpo um do outro. Os beijos foram se tornando cada vez mais quentes, até que as línguas se cruzaram, famintas e sequiosas por mais e mais. Depois de algumas semanas, acabaram amando-se no chão do campo, entre os pés de cana-de-açúcar e ouvindo o vento passar sussurrando por eles.

Quase não falavam, e principalmente não faziam planos, pois sabiam que seu amor era impossível. Assim, viviam o momento presente, aproveitando a dádiva do prazer e da alegria que a presença um causava ao outro. Às vezes Sebastião colocava Christine em seu colo e embalava-a, cantando canções em seu idioma pátrio, numa voz gutural na qual ela só identificava o extremo tom de carinho.

Sem pensar no amanhã e nas consequências, assim era o seu amor. Sebastião, negro liberto que trabalhava de sol a sol pelo magro salário, sentia-se no céu e não pedia mais nada aos seus babalorixás. Já se sentia um verdadeiro rei por ter o amor daquela deusa loira. Christine, no entanto, angustiava-se demais. Sabia que estava indo contra tudo o que aprendera, contra tudo o que era certo e que sua família pregava e acreditava. Diariamente, antes de dormir, rezava fervorosamente, pedindo perdão por seus erros e adormecia prometendo a si mesma, e a Deus, que nunca mais iria encontrar-se com Sebastião. No entanto, assim que amanhecia, começava a sua consumição, e lá pela metade da tarde ela acabava cedendo e corria para o campo, a fim de encontrá-lo. Seus encontros eram rápidos, fugidios, mas sempre muito intensos e cercados de perigo e mistério, o que os fazia ainda mais emocionantes.

As semanas se passaram rápidas e logo estava na hora de cortar a cana, encaminhando-a para o fabrico do melado e seus subprodutos. Esta ocorrência passou a dificultar seus encontros, que antes contavam com a cumplicidade amena do canavial, e Christine se desesperou. Passou a sentir-se mal, e a cada dia levantava mais indisposta. A família achou que estava doente, e cogitou mandá-la para

a colônia, a fim de consultar o amigo Friedenreich, ou mesmo o sábio Fritz Müller. Mas ela reagiu com uma inesperada violência, negando veementemente. Achava que o seu mal era a fonte de amor não saciada, pois há semanas não se encontrava com Sebastião. Na verdade, um novo ser se desenvolvia dentro dela, mas era tão ingênua que não percebeu nada. Somente depois que grandes modificações tiveram curso em seu corpo começou a perceber que algo estava errado. Ouvindo uma conversa de sua mãe com D. Agnes Wagner, a vizinha deles que era esposa de *Herr* Wagner, e estava grávida novamente, percebeu que o mesmo estava acontecendo com ela. Saiu correndo pelos campos, alucinada e desesperada, totalmente desorientada pela descoberta que havia feito. Ao longe, viu os homens trabalhando no manejo da cana e percebeu que Sebastião não estava entre eles. Uma angústia tomou conta de seu peito, um aperto amarrou-lhe a garganta, impedindo que as amargas lágrimas que se formavam caíssem, trazendo o necessário alívio a sua dor. Somente à noite, e com um forçado tom casual na voz, pôde questionar seu pai sobre o paradeiro do negro.

- Ah, ele voltou para a colônia do Santíssimo Sacramento, lá para o Major Agostinho. Depois da colheita, fica impossível manter tantos empregados, senão a cana não dá os lucros necessários para o próximo plantio.

Christine sentiu que o desespero tomava conta de todo o seu ser, e temeu desmaiar ou se descontrolar ali na frente de todos, por isto virou as costas e saiu de casa, entrando no breu da noite que os cercava. Perdida na escuridão, deixou que enfim as lágrimas rolassem pelas faces, aliviando um pouco da dor intensa que apertava seu peito e seu coração. Depois de muito rezar e pensar, percebeu que tinha que enfrentar tudo sozinha.

- Minha mãe jamais vai entender isto tudo! Sou capaz de matá-la de desgosto se ela souber algo assim... – pensava ela.

Johanne Kohlmann, sua mãe, era uma mulher muito sofrida devido à reprovação de toda a sociedade que enfrentara na Alemanha, pelo seu segundo casamento com um homem comprometido, e isto a deixara fraca e suscetível a qualquer tipo de reprovação. Gostava de ter a unanimidade em qualquer tipo de situação, e a duras penas, conquistara o respeito de todos naquela comunidade.

- Não, se eles souberem de algo assim, terão que ir embora de novo... Isto eu não posso permitir. É melhor morrer agora!

E foi só uma imensa falta de coragem que impediu Christine de acabar com a própria vida ali mesmo, naquele breu que a cercava. Mas como não teve esta coragem, passou a envolver a barriga com panos bem apertados, e enfrentou a gravidez sem deixar transparecer nada a ninguém. Comia pouquíssimo, a fim de não engordar muito, e foi ficando cada vez mais fraca à medida que os meses passavam.

Logo depois de sua descoberta, a colônia foi assolada por uma enchente de enormes proporções, que a devastou de maneira terrível e inclemente. A maior parte dos colonos lá estabelecidos tudo perdeu, e apenas as famílias que moravam nas regiões mais altas, como era o caso dos Kohlmann, conseguiram safar as suas colheitas e principais bens. Uma aura de tristeza e desesperança caiu sobre todos como um véu, e Christine sentiu-se ainda mais desalentada com a sua situação. Os meses foram passando, as pessoas foram se recuperando, o eterno ir e vir de acontecimentos foi se sucedendo, e Christine permanecia num verdadeiro limbo emocional, sem saber direito o que faria quando a criança, fruto daquele amor nefasto e condenado, nascesse.

Certa noite, já muito tarde, quando todos na casa dormiam, sentiu dores lancinantes e imaginou que havia chegado sua hora. Na realidade, estava muito adiantada. É que a fraqueza, a má alimentação e as faixas apertando o abdome provocaram uma antecipação da hora do parto. Saiu de casa silenciosamente, vagando pelos campos sem saber direito o que fazer, e acabou parando sob os galhos protetores do araribá, onde pela primeira vez havia beijado Sebastião. Lá, presa de dores horríveis, acabou deitando na relva e ali, como um animalzinho, deu à luz uma fraca criança que resistiu apenas alguns minutos, falecendo em seguida. Mesmo exausta, combalida, enterrou a criança e todos os trapos ensanguentados, acabando com todos os vestígios do seu grande pecado. Voltou cambaleante para casa e dormiu durante três dias, alarmando todos os seus familiares, que de há muito vinham estranhando sua conduta. Porém, aos poucos foi se recuperando e fazia tudo

para esquecer sua grande dor. Tornou-se extremamente religiosa, procurava rezar com a maior frequência, sempre pedindo a Deus que a perdoasse pelo grande erro cometido. No entanto, em sua cabecinha ainda um pouco infantil, interpretava a morte da criança como uma interferência divina.

Logo, espalhou-se pela comunidade de Poço Grande o boato de que havia um lugar mal-assombrado próximo de uma porteira, sob os galhos de um araribá. Christine gelou ao ouvir pela primeira vez a história, de que uma criança gemia e chorava à noite naquele local, que era exatamente onde ela havia dado à luz naquela inesquecível e trágica noite. A história foi se espalhando e, depois de algum tempo, ninguém queria mais passar por aquela porteira após o entardecer. Christine chorava e rezava sozinha em seu quarto à noite, envolta pelo breu e iluminada pelas estrelas, sentada no quintal da casa. Todos notaram sua esquisitice, mas já estavam um pouco acostumados e muito ocupados, envolvidos pelos preparativos do casamento de Marie, que estava finalmente noiva do jovem Johann Tereich. Ele tinha vindo para o Brasil muito antes deles, para ser colono em Armação da Piedade, próximo ao Desterro, mas a colônia fracassara e ele viera para a localidade de Poço Grande, em busca de melhores oportunidades e ali se estabelecera. Quando os Kohlmann foram para lá, encantara-se logo com a bela Marie, mas tinha batalhado muito para conquistá-la. Finalmente, fazendo eco à preocupação de todos com as jovens Kohlmann, que pareciam querer ficar eternamente solteiras, Marie acabou aceitando a sua corte e agora estavam de casamento marcado. Johann era um jovem calmo, extremamente trabalhador e honesto, qualidades que compensavam a sua feiúra e falta de graça. No entanto, Marie parecia gostar deste aspecto do relacionamento deles, pois ao lado da falta de beleza do noivo aparecia e brilhava ainda mais.

O boato da porteira e da árvore mal-assombradas, no entanto, persistiu durante anos, e nunca mais Christine teve coragem de se aproximar daquele local, do qual guardava o maior pavor. Seu maior alívio foi quando, no ano seguinte, chegou à colônia o Pastor Osvald Hesse, procedente da Poznânia. Em agosto de 1857, logo após sua chegada, foi realizado o primeiro culto oficial da colônia, tendo por local o combalido barracão dos imigrantes. Todos compareceram em massa, saudosos que estavam de acertar as contas com o Criador. Foi um momento de muita contrição e fé, seguido da alegria dos reencontros felizes daqueles que não se viam há muito tempo.

Até Julius Richter, que viera de visita à família Friedenreich, participou da grande confraternização. Ele agora morava no Rio de Janeiro, a capital do império brasileiro, e continuava um solteirão convicto e emérito brincalhão. Em nenhum momento tocou no doloroso assunto da morte de Alzira, e parecia completamente recuperado.

Friedrich Riemer em nada lembrava aquela figura triste e patética da época da viagem no Emma & Louise. Estava alegre, um pouco gordo e bastante calvo, e carregava ao colo, com o maior orgulho, o pequeno Emil, segundo filho do casal. Já Louise, sempre bela e serena, trazia Ernst, o primogênito pela mão, mas logo entregou-o aos cuidados de Clara que, do alto de seus nove anos, já parecia uma mocinha. Embora alegre e prestativa como a mãe, e ostentando a mesma beleza serena, no fundo dos seus olhos havia uma tristeza incurável, fruto de tudo o que passara nos mais tenros anos. A lembrança do belo Daniel Pfaffendorf, seu primeiro grande amor, e do pequeno Kunglukinax ainda eram constantes em sua mente. As escaramuças com os bugres aumentavam paulatinamente, colocando imigrantes e bugres, definitivamente, em lados opostos e inviabilizando qualquer tentativa de pacificação. Louise Riemer não concordava com esta atitude, mas era apenas uma mulher e seu marido lhe implorara entre quatro paredes, que não falasse em público de sua simpatia pelos bugres. Apaixonada, ela acatava a vontade dos colonos, que consideravam os bugres apenas feras a serem eliminadas.

Wilhelm Friedenreich e sua esposa Minna eram, com certeza, as figuras mais eméritas da colônia. Wilhelm, sempre presente, resolvendo todas as pendências e problemas dos colonos, tornara-se uma verdadeira autoridade, muito mais até do que o Doutor Blumenau, que se ausentava muito e tinha uma personalidade difícil, às vezes um tanto quanto contestadora e casmurra. As mulheres se acostumaram a procurar Minna para pedir conselhos, trocar receitas e mudas de plantas diversas, e vinham visitá-la para apreciar o seu orquidário. Com amor e cuidado incomparáveis, fora apanhando e coletando orquídeas na mata da colônia, e aprendera, com muito trabalho e sacrifícios, os caprichos das delicadas flores, até dominar totalmente a arte de cultivá-las. Todos já conheciam a

fama do pequeno jardim que montara sob as árvores, e onde os exóticos espécimes se acumulavam, numa verdadeira orgia de beleza e perfumes. Em silêncio, Clara sabia que fora ela, com aquela primeira orquídea roubada à floresta, que dera início a tudo aquilo, assim como dera início a sua efêmera amizade com o bugre Kunglukinax.

Os Kohlmann compareceram, mostrando a todos que não haviam perdido sua natural imponência. Johanne, a quem a abundância da família fizera aumentar significavelmente o figurino, posava entre as filhas como uma verdadeira matrona. Andréas pai e enteado conversavam e demonstravam, pelos gestos e palavras, uma relação de verdadeiros pai e filho. Trabalhavam juntos, e sua propriedade havia prosperado como poucas. Na roda dos homens Andréas disse, em alto e bom som para quem quisesse ouvir, que a estrutura colonial de Blumenau estava errada, pois as propriedades distribuídas eram muito pequenas, e inviabilizavam o crescimento financeiro do colono. Todos deviam fazer como ele, que comprara terras maiores e agora podia jactar-se de seu resultado, melhor que o da maioria que ali estava.

- Mas empregaste mão-de-obra escrava, que eu estou sabendo! E acho que isto vai contra os nossos princípios, meu amigo! – quem assim falava era o ponderado Wilhelm Friedenreich, sempre um defensor da liberdade. Cortara completamente os laços com a pátria mãe, e nem sonhava, como os outros, em ir para lá visitar parentes e amigos.

A discussão generalizou-se, com Kohlmann tendo que acabar reconhecendo que havia se arrependido de contratar mão-de-obra escrava do Major Agostinho, e garantir que não pretendia repetir a experiência.

- Os negros, de uma maneira geral, nem são uma mão-de-obra boa. Na sua maior parte são malandros e enganadores, e não vale a pena utilizá-los!

Embora à distância, Christine empalideceu mortalmente ao ouvir os homens falarem de tal assunto. Já Marie parecia uma pequena imperatriz ao lado do marido, que a seguia como um cachorrinho e não cansava de admirar sua beleza. Sua atitude lembrava muito a da mãe na época do embarque para o Brasil, quando desagradara a todos com a sua natural empáfia.

Christine afastou-se da irmã e do cunhado, e saiu andando pelas ruelas empoeiradas do centro da pequena colônia pensativa e tristonha. Ao chegar perto do rio, sentou-se às suas margens e ficou atirando pequenas folhas na corrente, observando seu redemoinho e o esforço que faziam para não serem arrastadas, até que finalmente capitulavam e iam embora.

- Sou como estas folhas... – pensava com tristeza.

- Então também gostas de olhar para o rio e meditar? – Quem assim perguntava com doçura era Louise Riemer, que se aproximara silenciosa da jovem. Trazia nos braços o pequeno Emil, seu filho de alguns meses, e com naturalidade colocou-o no colo de Christine. A primeira reação da moça foi de choque, porém depois de alguns momentos entregou-se à alegria de estar com aquela bela criança nos braços. Brincou e sorriu, enquanto o pequeno procurava, entre gritinhos animados, agarrar seus cabelos. Finalmente cansou-se e, aconchegando-se ao seu seio, dormiu como um anjo. Christine olhou com os olhos marejados de emoção para Louise e manifestou, com os olhos, um mudo agradecimento. Ela então disse, com o tom mais casual possível:

- Gostarias de passar alguns dias em minha casa? Lá é tão sossegado, tem tanto da paz de que estás precisando...

- Quem te disse que eu preciso de paz?

- Teus olhos e a tua tristeza estão me dizendo isto! Não precisa me contar nada, apenas vem comigo hoje, no final da tarde. Tenho certeza de que vais melhorar!

Christine relutou ainda um pouco, mas acabou aceitando. E foi lá, na solidão e na paz da propriedade dos Riemer, que acabou fazendo as pazes consigo mesma, e tirando aquele grande peso do seu coração. Louise revelou-se uma confidente especial, e ela acabou contando-lhe tudo. A jovem senhora não reprovou, nada disse. Apenas abraçou a menina e deu-lhe todo o seu amor. Desde aquela data selaram uma amizade para toda a vida.

Paul Kellner e seu irmão Adolph também haviam comparecido ao primeiro culto da colônia, o que muito admirou a todos, pois já era notória a reclusão em que gostavam de viver, embrenhados em suas terras das Águas Claras e envolvidos com a busca ao ouro que muitos diziam haver naquela

região. Haviam se tornado muito prósperos, já tinham três serrarias que funcionavam a todo vapor, além de muita área cultivada onde plantavam cana-de-açúcar, milho, feijão e um pouco de tabaco, que vendiam, já colhido em folhas, para a fabriqueta de Riemer.

Desde o incidente com a bela Johanna, que era agora esposa de Franz Sallenthien, algo se quebrara na amizade dos dois, e mal se falavam com a necessária polidez. Paul empalideceu quando viu a bela jovem ostentando uma considerável barriga que indicava a vinda do primeiro herdeiro do casal. Reinhold Gaertner foi a única ausência notória naquela alegre reunião. Estava na Alemanha, cuidando da vinda de mais colonos, e já enviara uma carta tão entusiasmada para seu tio Bruno, que fizera o mesmo partir em seguida ao seu encontro. Parece que um grupo muito considerável de colonos pretendia partir em breve para a colônia, embalados pelas boas notícias que os patrícios enviavam em longas e animadas cartas. Um dos maiores entusiastas era Karl Julius Baumgarten, que acabara de se casar com uma das filhas de Peter Wagner e escrevia detalhadas cartas para a Alemanha, exaltando a colônia de Blumenau e tudo o que aqui vinha acontecendo. Como sua família era importante e muito bem relacionada na Alemanha, suas cartas eram publicadas em diversos jornais do país, resultando num excelente incentivo para os desejosos de emigrar.

Até Erich Hoffmann e Friedrich Geier foram lembrados naquele dia, e todos acharam graça, passado tanto tempo, de sua natural implicância com tudo, sua preguiça e inabilidade para tocar as propriedades que lhes couberam na partilha inicial.

- São terras tão boas, estou cultivando de um tudo lá, e com muito sucesso! – atalhou Otto Stutzer, que viera para a colônia no ano anterior e assumira aquelas terras, fazendo nelas um trabalho de dar gosto a quem olhava. Com muito trabalho dedicado, fizera das terras ainda inóspitas e mal cuidadas um verdadeiro paraíso que saltava aos olhos de quem por ali passava. Tinha apenas 21 anos, era um pouco mais do que um garoto, mas a sua determinação era admirável. Quando o sol nascia, já se encontrava de enxada na mão, lavrando a terra e fazendo dela brotar o seu sustento e o seu sucesso. Todos haviam percebido, pouco tempo depois da sua chegada, que era valoroso e trabalhador, e muitas famílias cobiçavam-no como genro. Ele, porém, sorria e dizia que era cedo para assumir maiores responsabilidades como a de uma família. Fizera grande amizade com Sallenthien desde a sua chegada, quando fora por ele recebido, e agora os dois conversavam animadamente sobre um sem número de assuntos. Franz estava no auge da felicidade. Conquistara definitivamente o coração de Johanna, estavam casados e muito felizes e davam-se muito bem lá no Santíssimo Sacramento. Depois do Major Agostinho, ele era a figura mais respeitada do local, e sua casa de comércio prosperava, assim como as serrarias, que mantinha em sociedade com Reinhold Gaertner. Era ele quem recebia os patrícios que vinham da Alemanha para colonizar aquele perdido sul do Brasil, e a colônia D. Francisca vinha perdendo sistematicamente a corrida para Blumenau, devido ao seu competente trabalho de aliciamento dos colonos. Falava maravilhas da colônia do doutor, tinha sempre entusiasmados depoimentos para mostrar, enquanto que muitos queixosos difamavam a outra colônia com declarações descabeladas. Também graças a ele os colonos subiam o rio, munidos de um bom suprimento de óleo de baleia, indispensável para a iluminação das cabanas, além de cordas, enxadas, foices, pás, sementes, uma boa manta de carne seca e alguns mantimentos básicos. Isto lhes evitava dissabores e facilitava o árduo começo de vida, enquanto enchia as burras do pequeno comércio de Franz.

Aquele dia foi memorável, principalmente para os dezessete pioneiros que haviam chegado ali há sete anos, trazendo na bagagem muitas esperanças, sonhos e quimeras. Muitas deles haviam se revelado vãos, mas a maior parte conseguira seu intento: uma vida nova, o esquecimento de seus dramas pessoais, a melhoria de vida e a conquista do seu espaço definitivo! A terra da colônia abrigava agora, sob a sua fertilidade, os restos mortais de Daniel Pfaffendorf, o jovem sonhador de rara beleza e que se tornara uma saudosa lembrança naqueles corações. Em compensação, muitas outras pessoas tinham passado a fazer parte daquela grande e pioneira família que colocara suas raízes, de forma forte e definitiva, naquele solo que acreditavam abençoado por Deus.

Depois dos primeiros árdus anos, eles passaram a ter em comum a saudade profunda e dolorida, que guardavam n'alma, e que remetia à infância, à terra natal, a uma quimera que não existia mais,

a não ser nas saudosas recordações. Haviam se transformado em novos homens e novas mulheres, forjando a cada dia uma nova terra!

Colônia Blumenau
Fins de 1857

- Doutor Blumenau, Doutor Blumenau, venha ligeiro até aqui! – a voz que chamava com um tom urgente era de Sallenthien, que acabava de chegar à colônia numa canoa veloz, com três remadores dos melhores.

Ao ver o Doutor, Franz avaliou o quanto envelhecera naqueles anos. Sua barba estava toda salpicada de fios brancos e a cabeça, quase totalmente prateada. Estava magro, um tanto alquebrado, e no rosto não trazia mais aquela expressão de alegria tão costumeira no início de sua vida ali.

- Doutor, o senhor nem imagina quem está vindo para cá! Eu aproveitei que ele estava de prosa, bebendo uma cachaça com Major Agostinho lá na vila, e vim correndo na frente avisá-lo.

- Mas fala logo quem é, homem de Deus!

- É o presidente da província, Doutor João José Coutinho. Ele veio hoje do Desterro e disse que até o final do dia quer estar aqui, de surpresa, para visitar a colônia!

- Claro, no mínimo pensa em nos encontrar fazendo algo que possa criticar depois, este pulha! Eu sei que ele detesta alemães e principalmente a nossa colônia. Tanto que eu já pedi e implorei por ajuda, por conta de tantas enchentes que nos têm arrasado e carregado nossas pontes e estradas, mas ele simplesmente me ignora!

- Ah, isto é verdade! Eu bem que ouvi a conversa dos dois. O Major ainda tentava defendê-lo, Doutor, falando bem da nossa colônia e tudo o mais, mas o homem não queria nem saber. Só dizia que somos “hereges” e desalmados, e que devíamos ficar em nossa terra em vez de vir para cá...

- Este imbecil diz isto por causa de nossa religião, Sallenthien. Ele detesta os protestantes, acha que somos desnaturados. É que estes portugueses são todos uns falsos moralistas. Rezam a todo momento, vivem de terço na mão, mas não têm moral nenhuma, os miseráveis!

- Nossa, Doutor, acalme-se, o senhor está muito revoltado! Quem sabe desta vez a visita não dá bons resultados? Quem sabe vendo tudo o que o senhor fez aqui, ele não se convence de que somos bons...

- Isto é que eu duvido! Garanto que ele só vem aqui para nos criticar!

As piores previsões de Blumenau se confirmaram. O homenzinho chegou com uma empáfia digna de rei, olhou para tudo com desprezo e questionou o que via, criticando sem nenhuma vergonha os impecáveis relatórios que Blumenau enviara, solicitando reforços para recuperar os estragos das constantes enchentes, além do reforço necessário à segurança da colônia, sempre ameaçada pelos bugres. O presidente contestou tudo o que ele pedira, embora estivesse óbvio que a colônia necessitava urgentemente de ajuda. Quando foi embora, deixou um Blumenau ainda mais amargo e ranzinza.

A chegada de imigrantes naquele ano havia sido significativa. Estavam chegando pessoas mais qualificadas, de boa família, com estudo e formação e que se interessavam pela colonização, ouvindo boas coisas e divisando uma chance de subir na vida com aquela experiência. Paradoxalmente, o grande incentivo à imigração trazia sérios problemas financeiros para o Doutor Blumenau. Encarregado de pagar as viagens, comissões para os empregados que arregimentavam viajantes na Alemanha, comissões para a empresa que transportava, além de todas as despesas com a instalação dos colonos, fora ficando arruinado e um grande desânimo tomara conta dele. Já não recebia os colonos com a alegria e ânimo de sempre, mal e mal falava com eles e os recebia apenas no dia seguinte à chegada, no seu escritório. Por vezes era rude com os recém-chegados, ridicularizando sua inexperiência e falta de preparo para o que iriam encontrar. Nem lia mais as inúmeras cartas de recomendação que muitos traziam junto e, apalpando as mãos deles, dizia que os calos eram a melhor carta de recomendação que poderiam apresentar. Embora a colônia já tivesse 550 habitantes e a paisagem estivesse pontilhada de casas, cabanas e roças abundantes, Blumenau carregava um amargor que aumentava a cada dia.

Na última leva de imigrantes que chegou naquele ano veio a família Kleine. Theodor, o pai, era um homenzinho um pouco mirrado, de óculos, acostumado muito mais ao serviço intelectual do que braçal. Sua esposa e os dois filhos eram educados e quietos, porém bastante inteligentes. Logo estranharam que ninguém os viesse receber, e enquanto caminhavam pela trilha poeirenta que os levava para o barracão da recepção, iam observando tudo ao redor com um ar de desânimo.

- *Papa*, isto aqui é muito selvagem! Não sei o que tu e o *onkel* (tio) Julius vão poder fazer aqui... – O menino fazia referência ao fato de que o irmão de Theodor, que era um relojoeiro muito bem situado na vila, lá na Alemanha, pretendia vir em seguida ao irmão, para juntos desenvolverem um negócio ali. Ele pedira que o irmão fosse primeiro, para explorar as possibilidades, e depois ele seguiria com o que fosse necessário para o início de um novo negócio.

- Calma, garotos! Não julguemos precipitadamente. Primeiro vamos dar um boa olhada em tudo e depois faremos nossa análise!

A visão do barracão dos imigrantes foi decepcionante. As paredes de toras de palmito continuavam lavadas pelas contínuas enchentes e apresentavam-se nuas e feias. O piso do interior continuava sendo de chão mal aplanado, e a sujeira ainda imperava por lá. Mas na porta, com um sorriso de boas vindas, estavam Minna Friedenreich e suas três lindas filhas, Clara, Alma e Ida. Clara já era quase uma adolescente e seus cabelos loiros, que rebrilhavam ao sol da tarde, estavam presos com graciosas fitas azuis, que combinavam com seus olhos argutos e vivos. Estendeu uma orquídea para os recém-chegados e disse, com toda a propriedade na voz:

- Este é apenas um dos encantos da nossa terra!

Com aquela aparição, quebrou-se um pouco o desânimo dos recém-chegados, e eles foram se instalando como podiam, enquanto Minna os ajudava, e Emilie servia copos de limonada gelada para todos.

Assim que terminaram de organizar as coisas, Theodor convidou a família:

- Vamos dar uma caminhada pelos arredores e conhecer melhor o lugar?

- Eu não vou com vocês, pois D. Minna me convidou para ir até a casa deles, mas podem ir, e depois me contem – explicou Therese, a esposa.

Em seguida, abriu sua bela sombrinha rendada para proteger-se do sol e saiu atrás de Minna Friedenreich, em animada conversa. Goldener, um alemão forte e brincalhão que viera com eles no navio, resolveu aderir à ideia de Kleine, e saíram caminhando pelas trilhas poeirentas e mal traçadas da colônia.

Theodor caminhava na frente, tendo ao lado seus dois filhos Karl e Theodor filho, enquanto Herr Goldener vinha, alguns passos atrás, picando um pouco de fumo e preparando-o para mascar. Depois de alguns passos, encontraram o primeiro obstáculo. Pelo local em que estava instalada, a Casa da Recepção quase que margeava com o ribeirão Garcia. O frescor emanado pela proximidade com a corrente mansa e plácida agradou os olhos dos recém-chegados, que arriscaram um pé e depois outro na água transparente, sentindo um imediato alívio ao calor que fazia. Mas não arriscaram nada mais, pois haviam sido suficientemente avisados por todos sobre os perigos da água do rio, tanto o grande quanto seus modestos afluentes. Em volta, a natureza festejava a vida. Pássaros cantavam, grilos cricrilavam na tarde que se encaminhava para o seu final, flores expunham sem pudor a sua beleza e perfume, tudo acompanhado de um silêncio que apaziguava a mente.

- Olhem em volta, meus filhos! Vejam quanta beleza e riquezas há aqui! Isto não tem preço...

Os garotos não pareceram muito convencidos da ideologia paterna, mas estavam muito interessados numa mísera balsa que estava amarrada à margem por um cipó, com o qual, através de um engenho simplório, os transeuntes puxavam-se de um lado para o outro. Os garotos gostaram da brincadeira e logo, sem nenhum medo, pularam sobre a rústica embarcação, realizando a travessia. Ao olharem para trás, deram com o pai atravessando o riacho a pé, com água pelos joelhos. Ele arregaçara as calças, mas mesmo assim elas estavam se molhando, e ele fazia uma patética figura, todo empertigado e com as calças molhadas. Mas estava se divertindo e foi a primeira vez em muitos dias que os garotos viram seu pai rir com gosto. O pequeno grupo foi margeando o rio Itajaí, seguindo o barranco por uma rústica picada que havia sido aberta. Era difícil transpô-la, uma vez

que estava cheia de buracos, raízes, árvores caídas e enormes galhos que se debruçavam da floresta sussurrante até a água do rio. Passaram por alguns ranchos, alguns apenas começados, outros já cobertos e parecendo concluídos, mas não chegaram a encontrar ninguém. Naquela hora os colonos, na sua maioria, ou se achavam embrenhados nas roças ou tinham ido até o *Stadplatz* (centro da colônia) para uma prosa com os companheiros e um trago de *schnaps* (cachaça) ou para fazer alguma compra no rústico armazém que funcionava desde o ano anterior.

O grupo foi passando pelas roças dos colonos e Theodor se entusiasmava:

- Vejam meninos. Olhem o quanto esta terra é fértil... Olhem a exuberância das plantações...

E para exemplificar o que afirmava, arrancou da terra uma enorme batata de uma plantação pela qual passavam. O tubérculo era enorme, de uma coloração viva, embora estivesse encoberto pela terra escura que aderira a ele. Theodor Kleine cheirou a batata e inspirando com força o aroma da natureza que exalava dela, olhou para o céu e seu pensamento vagou para longe, pensando em sonhos que acalentava no coração: uma vida nova, mais liberdade, a paz dentro e fora de sua família, uma vida simples e sem convenções sociais limitadas... Ali ele acreditava que isto poderia ser possível. De tanto andarem, chegaram a outro regato que corria célere para o rio principal (era o ribeirão da Velha). Estavam agora em região totalmente erma, no meio da mata, cercados por uma exuberância invejável, e eram tantos os tons de verde e cores que a flora local oferecia que se sentiram enlevados e estranhamente calmos. Pássaros de plumagem exótica e colorida pulavam de galho em galho, pipilando e emitindo seus sons atraentes enquanto macacos engraçados gritavam dos galhos mais altos das árvores, estranhando aquela invasão nos seus domínios. Insetos multicoloridos misturavam-se aos infernais mosquitos que perseguiram incansavelmente os alemães, desacostumados daquele clima e daquela exuberância.

O céu começou a escurecer, tomando uma estranha coloração, embora não aparecessem nuvens negras e a bicharada na mata iniciou uma algazarra incomum, que alertou Theodor e Goldener. As crianças, no entanto, pareciam estar se divertindo com tudo.

- Goldener, pressinto que vai cair uma trovoadas. Acho melhor voltarmos, pois temos uma boa meia hora de caminhada antes de retornar ao nosso ponto de partida.

- Que estranho, não se ouve um trovão sequer... Mas eu também sinto que há uma tempestade no ar. Vamos logo garotos!

Todos retomaram a picada que haviam trilhado até ali, mas sem nenhuma pressa ou preocupação, olhando para tudo com assombro e alegria. Repentinamente uma parede escura surgiu no horizonte e em poucos minutos o lindo e claro dia se transformou em noite assustadora. Ouviam o rugir do vento, que com rapidez trouxe nuvens negras e carregadas, e imediatamente grossos pingos de água começaram a cair, tornando-se em instantes uma verdadeira cortina de água fria, que em poucos momentos os encharcou completamente. Não adiantava correr, e as árvores emprestavam pouco abrigo, pois o vento fustigava seus galhos e as açoitava sem piedade. Agora raios iluminavam o horizonte e trovões ribombavam com força assustadora, fazendo com que o pequeno grupo estremecesse de medo, embora ninguém tivesse dito nada. Quem mais sofria era Kleine, pois os olhos molhados toldavam-lhe completamente a visão, dificultando a sua caminhada. Depois de uns bons dez minutos de chuva intensa, um espetáculo raro encheu os olhos do despreparado grupo: a chuva parou e mais ao longe, na linha do horizonte, era possível ver uma negrura de noite riscada por inúmeros raios que iluminavam com seu clarão assustador o céu, enquanto sobre eles brilhava um sol apaziguador, que já se punha dourando o horizonte. Perceberam então que a noite estava próxima, e apertaram o passo para chegar logo. Mas, ao chegarem às margens do ribeirão Garcia, tiveram a sua primeira apresentação das características da colônia para onde tinham vindo. O ribeirão, tímido e manso, transformara-se em rio caudaloso que passava com enorme velocidade diante dos olhos assustados daqueles homens. A força da água era tanta que já se projetava até o meio do rio Itajaí Grande como uma onda amarela e havia arrastado a pequena balsa, que sumira na corrente agitada. Também, de nada adiantaria se ali estivesse, pois a força da água impediria a sua utilização. Um pouco perdidos e assustados, gritaram por ajuda, mas o rugido das águas ensandecidas sobrepujava as suas vozes com facilidade. A noite caía vertiginosamente sobre a

colônia e os sons dos animais noctívagos espalhavam um certo terror em seus corações, embora nada quisessem dizer para não alarmar uns aos outros.

De súbito, o pequeno Karl gritou:

- Vejam, lá vem vindo uma canoa! – Em meio ao crepúsculo radioso divisava-se uma frágil canoa que balançava como uma folha ao vento, locomovendo-se com dificuldade face ao frenesi das águas que se agitavam enlouquecidas. Remando com fúria, dois homens exerciam uma força hercúlea para vencer a correnteza, e vinham se aproximando do local onde o trêmulo grupo se reunira. Theodor e Goldener correram a ajudar os homens, que estavam totalmente porejados de suor, tamanho o esforço que tinham feito.

- *O Doutor mandô a gente vir atrás d'ocêis...* – disse Emílio, o fiel empregado de Wilhelm Friedenreich, que era experiente e exímio remador. Um dos soldados da companhia de pedestres que continuava na colônia, morando no barracão da recepção para garantir a proteção dos locais, estava com ele para ajudá-lo a vencer a intrépida correnteza do rio. Theodor e Goldener sentiram-se imediatamente aliviados e ao mesmo tempo presas de imenso pavor. O alívio era por terem sido achados e por perceberem, enfim, que a aparente indiferença do Doutor Blumenau não conferia com a realidade, pois ele tinha se preocupado com o paradeiro deles e mandado alguém resgatá-los. Mas o pavor vinha do fato de que teriam que enfrentar aquela embarcação frágil, que mais parecia uma trêmula casca de noz. Para os pequenos Karl e Theodor, no entanto, tudo era alegria. Entraram na canoa sem medo e se acomodaram no fundo, rindo e já saboreando o que consideravam uma grande aventura. Os dois canoieiros remaram um grande trecho rio acima e depois, com muita destreza, cruzaram a correnteza. Um dos grandes perigos daquela travessia consistia nas enormes toras que desciam o rio com ímpeto, meio escondidas em meio à lama que se tornara espessa, devido à queda de enormes pedaços do barranco provocada pela chuva. Os remadores provaram toda a sua maestria, refazendo o percurso por três vezes, até resgatar os meninos, Theodor e Goldener. Quando todos estavam reunidos à entrada do barracão da recepção, Theodor procurou nos bolsos e, sacando um belo canivete de lâminas, presenteou Emílio por sua coragem e força. Ele, bem como o soldado, estavam exaustos pelo esforço empreendido contra as águas rebeldes e caudalosos do grande Itajaí, mas seus olhos negros brilharam quando viu o belo objeto, de que Theodor tanto gostava. Mas a vida e segurança de seus filhos estavam acima do apego aos bens materiais, e ele deu com prazer o canivete para o valente Emílio.

- *Brigado, doutor! Num carece do siô dá nada, não! Mas se faz questão, fico munto grato!*

O caboclo saiu sorrindo e olhando um pouco embaçado para o belíssimo objeto, coisa que nunca tinha visto na vida. Já Goldener, observando a cena, sentiu-se na obrigação de presentear o soldado e lhe deu um belo lenço de seda que trazia no pescoço. Embora de pouca utilidade, era uma peça fina e encantou o soldado, que já se imaginava agradando uma bela caboclinha com ele.

Therese, que durante a trovoada abrigara-se na casa dos Friedenreich e de nada sabia, chegou correndo, alarmada com a narrativa que Emílio acabara de fazer a respeito do resgate que realizara. Abandonou a tradicional timidez e deu um abraço em Theodor, bem como nos seus dois meninos, e seguiram todos para dentro do barracão.

No dia seguinte, dirigiram-se os recém-chegados para o escritório da colônia, para serem entrevistados pelo Doutor Blumenau. Theodor Kleine ficou por último, e foi vendo um desfile de homens desanimados saírem do barracão, depois da recepção azeda do Doutor Blumenau. Sozinho, decepcionado por um amor não correspondido e arruinado financeiramente, o Doutor perdera a sua verve, o entusiasmo com que recebia os colonos nos primeiros anos. Tinha muita dificuldade em administrar as constantes críticas que recebia de muitos lados, ato comum para quem administrava um empreendimento tão em evidência quanto aquela colônia. Seu sistema de colonização, baseado na distribuição parcimoniosa da terra em pequenos lotes, era o mais criticado, e muitos colonos afirmavam que ele inviabilizava o crescimento e, principalmente o enriquecimento dos colonos, independente do esforço que fizessem. O doutor argumentava, mostrava cálculos e planilhas, exemplificava com o pioneiro colono Riemer, que prosperava com sua fabriqueta de charutos nas terras distribuídas conforme seu planejamento, mas não conseguia uma unanimidade. Por isto,

recebia com certo amargor e grosseria os novos colonos, fazendo-os saírem de seu escritório um pouco confusos e tristonhos.

Quando Theodor Kleine entrou, o Doutor olhou-o rapidamente com um ar de descrédito e foi dizendo, sem cerimônia:

- Óculos, esposa delicada que anda de sombrinha ao sol, dois pequenos garotos... Não sei se vieste para o lugar certo. Não tens cara de quem sabe pegar num machado!

- Pegar no machado eu ainda não sei, mas tenho vontade de aprender! Garanto que o senhor também não sabia lidar com um destes quando veio para cá, não é mesmo?

O Doutor Blumenau ficou admirado e pela primeira vez ergueu os olhos da papelada do navio que vinha conferindo e olhou mais detalhadamente para seu interlocutor. Coragem ele tinha, pensou o doutor. Mas com essa cara de intelectual...

- Bem, afinal, o que queres fazer aqui?

- Meu principal plano é esperar meu irmão, um famoso e bem sucedido relojoeiro que ficou de vir depois de mim, assim que eu me estabelecer! Mas por enquanto pretendo comprar um pedaço de terra aqui pelo centro, não muito grande...

- Terra deste tipo só eu ainda tenho para vender, mas precisas pagar, pois eu já não tenho mais nada, estou quase arruinado e não posso dar mais nada para ninguém! Quanto ao teu irmão, pode desistir da ideia e não acalentes ilusões. Duvido que ele te siga para cá!

Theodor ignorou o que o administrador dissera sobre seu irmão e se concentrou na compra da terra:

- Doutor, mas é claro que eu pretendo pagar, apenas não poderei fazê-lo de uma vez. Posso pagar metade agora e a outra parte em seis meses?

- Tenho uma boa terra no Vorstadt. Vou contigo até lá para mostrar e ver se gostas. Pode ser daqui a pouco, assim que eu terminar minhas anotações?

Admirado com a súbita deferência do colonizador, Kleine assentiu e combinou de se encontrar com ele dentro de algum tempo. Nenhum dos dois sabia, mas ali começava uma amizade que duraria muitos anos e traria muitas vantagens para a colônia.

Grã-ducado de Saxe-Weimar
Fins de 1857

O Justizrat (jurisconsulto) Karl Fernand Hering conduzia com galhardia a sua parelha de elegantes cavalos brancos e a carruagem corria célere pelas estradas do condado. À sua passagem as pessoas tiravam o chapéu em sinal de respeito, pois ele era um dos cidadãos mais eméritos em todos os distritos a oeste do Grã-ducado de Saxe-Weimar. Não era à toa que fora nomeado presidente da justiça estadual e que o próprio grão-duque lhe tinha conferido o título de desembargador, era homem de grande honra, sabedoria e respeito.

Encaminhou o veículo até a aldeia, que era o centro nervoso do grão-ducado e estacionou diante de uma construção sólida, de dois andares e toda recoberta com travessas de madeira antiga que o tempo carcomera, onde funcionava a redação do antigo e tradicional *Weimarischen Zeitung* (Gazeta Informativa de Weimar), o mais importante órgão de informação daquela região. O proprietário, *Herr Heller*, era um homenzinho empertigado e soturno, que vivia com o nariz enfiado nos livros e papéis, e estava sempre um pouco empoeirado e sujo de tinta.

- Bom dia, amigo Heller, preciso de um favor teu!

- Meu caro Hering, mas que honra recebê-lo aqui! O que posso fazer pelo senhor?

- Como já sabes, faz algum tempo que meu filho Hermann emigrou para a América do Sul! Ele está muito contente, escreve-me com frequência elogiando a beleza e prosperidade de tudo lá, e também a probidade do administrador da colônia, *Herr Blumenau*. Por isto estou cansado de ver tantas mentiras descabeladas a respeito da vida que nossos patrícios levam lá. Tenho me correspondido constantemente com o proprietário da colônia e posso afirmar que as coisas lá vão muito bem, melhor do que muitos imaginam, como atestam as cartas que meu próprio filho enviou. Não entendo porque publicam tantas mentiras e barbaridades a respeito do assunto, principalmente sem conhecimento de causa. Esta questão me incomoda muito, pois só daqui de nossa região umas seiscentas pessoas já emigraram para diversas colônias na América do Sul, e é preciso esclarecer quem aqui ficou, para evitar pânico, sofrimento e preocupação.

Heller ficou quieto e um pouco sem graça. Em seu jornaleco já haviam sido publicadas muitas matérias depreciativas sobre a emigração, embora ele, pessoalmente, não tivesse tomado partido nem de um lado nem de outro. Pouco se incomodava com aquilo, sua família era pequena e estava toda encaminhada, ninguém tinha necessidade ou interesse em emigrar, portanto este assunto não lhe dizia respeito. Mas se uma pessoa importante como *Herr Hering* estava ali para fazer algo, ele não podia deixar de colaborar.

- Meu jornal está às suas ordens, *Herr Hering*. O que o senhor gostaria que fosse feito?

- O que tinha que ser feito eu já fiz! Aqui está um artigo que escrevi, com base na minha correspondência com meu filho e com o Doutor Blumenau, proprietário da colônia a que me refiro. A sua parte é publicá-la na próxima edição do *Zeitung*!

- Pois então pode considerar feito! Já estamos montando a nova edição, e dentro de alguns dias toda a nossa região tomará conhecimento do seu artigo!

Hering passou às mãos de Heller as folhas de papel onde, em letra miúda e regular, havia descrito seu pensamento sobre a questão, além da transcrição de alguns trechos de cartas que recebera de seu filho e do Doutor Blumenau. Em poucos dias toda a população do grã-ducado de Saxe-Weimar comentava as palavras e opiniões do eminente cidadão, que defendia com argumentação sensata e segura, a colônia do Doutor Blumenau:

“A emigração tornou-se, certamente, uma necessidade. Já não existe mais, aqui, nem mesmo uma simples nesga de terra de que alguém já não esteja de posse. Em virtude dos novos métodos mecânicos, o trabalho que, até agora, vinha sendo feito pelo braço humano, é realizado pela máquina, barateando o custo da produção. As antigas relações entre patrões e operários já não são mais as mesmas. Cresce o desemprego e, daí, muitos homens dedicados, que trabalham com

prazer para conquistar melhor situação, veem-se, cada dia mais, em maiores dificuldades para achar emprego. Em tal circunstância encontrava-se também meu segundo filho que, por vários anos, foi dono de um arrendamento, sempre cumpridor dos deveres e a contento do rendeiro, mas sem meios para aumentar esse arrendamento.

Em virtude de alta taxa de arrendamento, um arrendatário, por mais trabalhador e ativo que seja, irá à falência se não tiver à disposição outros meios de subsistir. Essas razões constrangeram-no a emigrar, a 5 de maio do ano passado, para a Colônia Blumenau, em Santa Catarina, Brasil, para lá estabelecer um lar mais seguro. Isso ele alcançou. Muito longe das tramoias liberais-republicanas e também de quiméricas ilusões de que, na América, a fortuna e a felicidade lhe sorririam “de qualquer jeito”, mas antes bem acostumado à ideia de que todo começo é áspero e difícil, como lhe demonstrou a experiência, foi que resolveu emigrar. Depois de oito semanas de viagem despreocupada, a bordo do navio “Linda” e ligeira demora em São Francisco, chegou ele a 12 de junho do ano passado a Blumenau, com a mulher e os filhos.

A colônia Blumenau teve início no empreendimento de um saxão, o Dr. Blumenau que, em tal propósito, cruzou várias vezes o Brasil, e que naquela terra soberba procura abrir oportunidades de progredir a alemães trabalhadores e dedicados, que em sua pátria não conseguem situação de algum desafogo pelo menos. Esse homem digno despendeu nisso bens e canseiras de toda sorte e vela e se esforça ainda, depois de sete anos de fundação de sua colônia, para mantê-la e ampliá-la. Com sua farta experiência e conhecimento, o Dr. Blumenau escolheu um distrito no centro de Santa Catarina, nas margens do Itajaí, que lhe foi cedido pelo governo, e em cujos terrenos montanhosos e regados por infinidade de rios e ribeirões os alemães encontram um clima suave e apropriado. O terreno que lá se compra, se já não for de segunda mão, anteriormente cultivado por outro colono, é coberto de pura mata virgem. A colônia está sob proteção e a orientação do governo.

A aquisição de lotes de terra está tão bem organizada como aqui, entre nós. Os contratos de compra são autorizados pela diretoria e registrados nos respectivos livros; os lotes são medidos geometricamente. Desordem e especulações, como se sucedem no regime de notariado na América do Norte, em Blumenau não acontecem. Meu filho comprou lá 70 braças – quase outros tantos morgues. Pagou por elas 210\$000, ou 175 thalers, além de 11% dessa soma para o caixa da colônia e taxa do governo.

Assim, em números inteiros, custou o morgue de terras 2 thaler e 21 groschen prussianos. Ele me escreveu, textualmente, sobre isso a 18 de agosto do ano passado:

“Se vocês quiserem fazer ideia do que seja a mata virgem, considerem a vegetação que cresce nas estufas do “Belvedere”, na mais completa desordem, misturada, mas muito mais gigantesca, mais forte, mais esguia; pensem numa temperatura de 20 graus, perfeitamente suportável numa cabana de palha, as mais lindas flores, frutos maduros e árvores em florescência, aliado tudo às belezas naturais da Suíça e terão vocês, então, uma pálida ideia do que é isto aqui. A minha propriedade fica no mais lindo e melhor lugar do Itajaí; já fiz derrubadas de mais de um morgue e levantei a armação da minha primeira casa. Em três ou quatro semanas, penso, poderemos ocupar a nossa própria morada. O nosso sistema de vida já é todo brasileiro: vivemos de feijão, batatas – que aqui são muito bonitas – e farinha, isto é, farinha de raízes de mandioca, que substitui o pão. Quem aqui quisesse comer pão somente à moda daí, em breve estaria mal alimentado. Uma vez que a gente se acostume com a farinha, esta se torna em artigo indispensável.

Com ela, faz-se um pão que se coze na frigideira, ou, então, como é mais comum, faz-se, com ela, um mingau com água fervendo, que se chama pirão. As bananas fornecem vários pratos e vêm à mesa, às vezes como muss, às vezes fritas. Elas substituem as maçãs e as ameixas. As laranjas são um excelente fruto que não pode ser comprado como as que vocês veem aí. Há muito delas aqui, de sorte que uma fruta não custaria mais do que um pfenig, se a gente tivesse que vendê-las ou comprá-las. Um operário ganha, por dia, 500 a 199 réis, fora a comida, ou seja, 12,5 até 25 groschen de prata. Vivemos aqui na mais rica, na mais linda e romântica terra que se possa imaginar. Se, na Europa, é uma arte achar o que comer, aqui seria arte ter que passar fome, tanto a natureza aqui produz sem o auxílio do braço humano. Basta apanhar.”

O meu filho escreve-me mais, em data de 12 de novembro do ano passado:

“Estamos aqui muito bem, e nos adaptamos, facilmente, ao modo de vida daqui. Na pequena clareira que abrimos na mata, já fizemos uma reduzida colheita de batatas; verduras de todas as qualidades, temos em abundância e 12 laranjeiras, 12 bananeiras e uma boa quantidade de mamoeiros prometem-nos, para dentro de um ano, bastantes frutos. Também plantei doze pés de figos e doze de ameixas. Essas espécies começam a produzir aqui, em 2 ou 3 anos. Tudo quanto semeei está muito bonito. Tanta fecundidade jamais nos desiludirá. Milho e feijão preto (um dos principais alimentos) temos também à disposição. E nem pode ser de outra maneira. O subsolo é barro sobre o qual há boa camada de húmus. Semanalmente, senão cada dia, chove. Ajunte-se a isso o calor da terra. Não pode ser de outra forma: tem que crescer mesmo!

Agora comecei a derrubar a terceira roça, trabalho que tem que ser terminado ainda neste mês. Terei, então, livres de mato, 70 braças, ou 560 pés de frente e 40 braças, ou 320 pés de fundos. Isso, naturalmente, me custou muito trabalho. Fiz tudo sozinho. As árvores fortes e duras, carregadas de cipós, exigem muitas machadadas para caírem.

Por isso, orgulho-me e alegro-me ao olhar tudo isso e poder dizer que é trabalho meu e, se a bênção de Deus não me desamparar, acredito que, em breve, estarei numa situação desafogada. Nós moramos, como todos os brasileiros, no nosso lote, sozinhos, longe dos nossos vizinhos. Até eles, só poderemos chegar pelo rio, sobre o qual navego com a minha canoa, um tronco de pau escavado, e o faço com segurança. Usamos essa embarcação, também, como fazem os índios, como armadilha primitiva para apanhar caça. Essa armadilha já nos proporcionou belos e muitos assados de caça, boa caça. A caça de penas é abundante, como peru silvestre (jacutinga), a perdiz, a aracuã, etc. Peixe, o Itajaí fornece à vontade. Tigres também aparecem, mas longe daqui e são muito perseguidos. O mais desagradável são as cobras, das quais já matei 3; os mosquitos também incomodam. Esta terra, naturalmente, não está isenta de pragas. Mas tudo quanto é de desagradável estará superado pelo que é bom, se o recém-chegado tiver boa vontade, disposto a sentir-se bem aqui e não querer sempre comparar o Brasil com a super populosa Alemanha. Naturalmente aqui falta muita coisa que lá há em abundância, mas também isso é devido, em grande parte, ao fato de que, no Brasil, não se sofre essa carência, nem se sente necessidade do que está faltando. Farinha de trigo e centeio não há no Itajaí e, nas cidades, só se compra por alto preço. Nossa alimentação se compõe de batata, feijão, farinha, verduras, peixes e carne, geralmente carne de caça, e café. Com isso a gente se sente satisfeito e forte para o trabalho. Quanto ao que se refere às outras condições de vida, tem-se aqui a mais ampla liberdade. Cada qual pode crer no que quiser; não há impostos e o imperador Pedro subvenciona até os pastores e professores protestantes. Assim, vivemos sossegados na nossa choupana, sentimos-nos contentes com o que temos e alegramo-nos na nossa própria obra que se tornará cada dia maior.

As nossas crianças brincam ao redor de nós e sentem-se bem com isso. Minha mulher trata dos arranjos da casa; eu trabalho fora e, quando chega a noite, estamos cansados e dormimos até o amanhecer. Eu desejei, muitas vezes, tê-los aqui conosco, tomando parte da nossa alegria.

As nossas belas frutas, os doces que com elas se faz, as nossas lindas noites, as árvores majestosas, sob as quais centenas de outros vegetais florescem, como os belos cactos, a magnífica vista do rio tão largo como o Elba em Magdeburgo, tudo isso, certamente, os encheria de entusiasmo e de satisfação.”

Eu havia dado ao meu filho uma carta consignada ao Dr. Blumenau, em que eu lhe pedia que o assistisse com o seu conselho e a sua experiência. Do Rio de Janeiro, para onde o Dr. Blumenau viajara, no interesse da sua colônia, sendo recebido em audiência pelo imperador, recebi, em 17 de maio deste ano, uma carta datada de 10 de abril, na qual ele me escreve:

“Para minha satisfação e conhecimento dos seus, comunico-lhes que o senhor, seu filho, por si mesmo se recomenda e a sua recomendação foi plenamente correspondida, o que nem sempre se dá com os outros. Atividade, moderação e tudo mais quanto enfeita um bom caráter, são qualidades muito necessárias aqui no mato. E tudo isso o seu filho possui. Sua esposa é uma mulherzinha alegre, bondosa e ativa, que se adaptou logo, e satisfeita, à sua nova situação.”

Aqui continua o doutor dando interessantes informações sobre a sua colônia. Dele e de outras seguras de meu filho, posso adiantar ainda: “Aquele que quiser emigrar para Blumenau não deve ir completamente desprovido de meios e deve poder apresentar atestado seguro sobre o seu bom comportamento e o seu caráter. Trapaceiros e preguiçosos não serão ali bem recebidos e, em breve, serão expulsos da comunidade. Artesãos de todos os ofícios e, principalmente, os que possam e queiram trabalhar com dedicação, terão uma situação segura e encontrarão oportunidade de ganhar um salário alto. Somente não deve esperar que, assim que chegue, possa logo exercer a sua profissão ali. Uma colônia como esta assenta suas bases na agricultura, no lucro do aproveitamento do solo. O recém-chegado deve é tratar de adquirir seu lote, construir a sua casa e tornar a terra cultivável, a fim de ficar definitivamente instalado e apto a procurar o seu sustento. Não lhe faltarão terras baratas e férteis que possa adquirir. Existem ainda milhões de acres da melhor terra devoluta. Logo que aqui firmem pé, poderão o operário, o moleiro, o alfaiate, o sapateiro, o carpinteiro, o pedreiro, etc., então conseguir trabalho na profissão e ganhar bastante. A derrubada do mato, naturalmente, tem que ser feita a custo de muito suor. E, por acaso, entre nós não acontece o mesmo?”

Quanto deve se sacrificar o nosso lavrador no tempo da colheita; quanto ele pragueja vergado ao peso dos baldes de estrume que tem de carregar, morro acima, até os lugares das plantações e dos vinhais? E, que tem ele de tanto esforço senão o seu miserável pão e, às vezes, nem isso, como quando as enxurradas anulam o trabalho ordenado e persistente? O assalariado não tem estabilidade e é despachado quando bem apraz ao senhor da terra.

Depois, convém que o imigrante seja casado, para começar, desde logo, a organizar uma vida familiar digna. A vinda dos filhos, lá, se constitui em riquezas, enquanto aqui concorre para o empobrecimento do casal. O colono, circunscrito ao círculo da sua família, acostuma-se aos mais simples, adotando costumes morigerados, de vez que lhe faltam as oportunidades para pensar em grandezas e comodidades. Jovens pares, que desejam fundar um lar e que, aqui, encontram toda a sorte de dificuldades, devem fazer como meu filho: emigrar para Blumenau. A colônia tem a grande vantagem de ser constituída de alemães, de protestantes. Quanto mais ela se alarga, tanto maior é o número de gente boa que para lá vai e assim, naturalmente, cresce o bem-estar de todos.

Como, naturalmente, os colonos estão ainda ocupados em preparar os lotes que compraram, compreende-se que ainda não se tenha podido pensar na abertura de estradas e construção de pontes. Por isso há falta de caminhos carroçáveis e o rio Itajaí é, no momento, a única via de comunicação entre as várias propriedades. Mas isso é por enquanto, pois o imperador garantiu ao Dr. Blumenau que seriam feitos caminhos e pontes por conta do governo. O colono lá poderá ter certeza de que, pela dedicação ao trabalho, ele não só conquistará sua prosperidade, como melhorará todas as suas condições de vida. Do que não serão capazes a aplicação e a perseverança alemãs aliadas à honestidade do alemão?”

Eu dou publicada a isso tudo, em parte para refutar o mau juízo que se tem feito sobre o Brasil, vindo de determinadas fontes (e do qual houve tempo em que eu também compartilhei) e, depois, para mostrar, a todos aqueles que queiram emigrar e assentar a sua prosperidade futura em bases sólidas, o lugar mais conveniente. “Ao público compreensivo e bem intencionado, não desagradará conhecer a verdade da boca de um homem honesto.”

Assinado: Karl Fernand Hering

Colônia do Santíssimo Sacramento
Janeiro de 1858

- Sophie, venha ver que lindo o espetáculo do sol nascendo entre os montes!

Sem obter resposta de sua jovem esposa, Reinhold Gaertner entrou no quarto e, vendo que ela ainda dormia, abriu a cortina de crochê para que a claridade daquela bela e quente manhã entrasse no recinto. Sophie abriu os olhos, ergueu um pouco o corpo e, despachando um olhar de ira para o marido, disse-lhe de maneira ríspida:

- Estás pensando que sou destas negras que há aqui neste fim de mundo, para mandares acordar na hora em que bem entendes? Fecha já esta cortina que eu vou continuar dormindo!

Dito isto, deitou-se novamente e cobriu a cabeça com o gordo travesseiro de penas, deixando de fora apenas alguns tufo do seu cabelo castanho-claro. Reinhold olhou para a cama, para a bela silhueta da jovem entre os lençóis e, com suavidade, deitou-se ao seu lado, dizendo ao seu ouvido:

- Desculpe-me, *liebchen* (queridinha)! É que o dia está tão lindo, queria que aproveitasses! Mas se queres ficar na cama, quem sabe eu fico contigo... – e, assim dizendo, alisava suas formas esculturais com paixão. Sophie virou-se ríspida, olhou-o com certo ar de raiva, e gritou com voz esganiçada:

- Reinhold, será que podes deixar-me em paz? Não basta teres me trazido para este fim de mundo, ainda me tiras os poucos momentos de paz que consigo ter? Sai já daqui e me deixa em paz – e grifou muito bem a palavra **paz**, enquanto virava as costas ao marido.

Silencioso e triste, Reinhold desistiu e saiu do quarto, fechando silenciosamente a porta atrás de si. Caminhou para o pátio e, ao passar pela cozinha, percebeu que mais uma vez suas empregadas tinham ouvido o “ataque” de sua esposa Sophie. Desde que chegara casado, no final do ano passado, estas cenas vinham se repetindo. A jovem revelava-se péssima esposa, desinteressada de todos os serviços domésticos, alheia a tudo o que era de interesse do marido e deveria ser do casal, completamente fria e desligada, e por diversas vezes afirmara seu total arrependimento por tê-lo acompanhado até “aquele horrível fim de mundo”, como ela chamava a região onde estavam morando.

No início, Reinhold não deu maior importância à atitude de sua mulher. Atribuía tudo a sua juventude e inexperiência. Sentia-se feliz por ter, finalmente, vencido a batalha. Tinham sido anos de cartas apaixonadas, juras de amor e promessas de fidelidade. Cada vez que ele voltava à Alemanha, em missão de arregimentação de colonos para seu tio, visitava-a e seus encontros eram cada vez mais tórridos e apaixonados. Ele pedia-lhe com fervor que viesse junto, mas ela relutava, alegando medo e inexperiência. A família também não via a ideia com simpatia, pois Sophie era filha única mulher e fora criada com muitos mimos pelos pais e irmãos mais velhos.

Finalmente, no ano anterior, ele vencera. Na última visita, dissera-lhe que estava cansado de esperar por ela sozinho e triste na colônia e que, embora a amasse muito, iria encontrar outra mulher para casar, caso ela continuasse se recusando. Com medo de perdê-lo, depois de tanto tempo de compromisso, e principalmente temendo a reprovação da sociedade se houvesse um rompimento depois do longo noivado, Sophie cedera. O casamento acontecera às pressas, devido à exiguidade do tempo para a partida, e na noite de núpcias Sophie já dera seu primeiro espetáculo, chorando a noite toda de frustração, pois tinha tido que abrir mão do casamento pomposo com o qual sempre sonhara. Apaixonado, Reinhold não dera importância e, com a maior calma, esperara até que ela se acalmasse para, embalando-a como um bebê, dormir com ela ao colo sem que pudesse finalmente consumir a sua paixão há tanto tempo contida. Somente depois de uma semana de casados, Sophie permitiu que ele, enfim, a despir e fizesse amor, mas ficara quase que indiferente e demonstrara claramente que para ela havia sido um sacrifício. Na viagem, as coisas haviam piorado sensivelmente. Ela se queixava o tempo todo, tinha muitos enjoos e mal-estar, e chorou quase a viagem inteira. Na chegada, foi antipática com Johanna, a esposa de Franz Sallenthien, que fizera de tudo para recebê-los com afabilidade e festa. O brilho da pequena comemoração preparada para

recepcionar o casal fora totalmente empanado pelo “chilique” de Sophie, que acabara se recolhendo ao quarto sem dar atenção a ninguém.

De lá para cá, nada melhorara e as esperanças de Reinhold estavam se esvaindo. Embora amasse muito Sophie, acreditar que ela iria se adaptar e melhorar, estava se revelando utopia cada vez mais inalcançável.

Colônia Blumenau
30 de janeiro de 1860

- Uma década, amigo Friedenreich! Parece que foi ontem que desci às margens do rio Itajaí para receber vocês naquela balsa, mas já se passaram dez anos! Não parece incrível? – a voz de Blumenau estava animada como há muito tempo não se via. Finalmente, parecia que as coisas iriam engrenar. No final do ano anterior seguira para o Rio de Janeiro, capital do império brasileiro, e fora recebido pelo imperador em pessoa, que elogiara muito o seu trabalho. Era pública e notória a admiração do imperador pela Alemanha e seu povo, e Blumenau gozava de sua especial admiração. Ouvira com muita atenção sua narrativa a respeito da colônia, dos esforços empreendidos e de todas as dificuldades enfrentadas e afinal concedera o que Blumenau tanto queria: resolvera assumir a colônia, passando-a para a jurisdição da Diretoria Geral das Terras Públicas, ficando Blumenau como seu diretor, a soldo do governo imperial. As despesas, a responsabilidade sobre a construção de estradas, a manutenção da ordem e tantos outros aspectos que tinham tirado o sono e minado a saúde de Blumenau passavam agora para a jurisdição do império. A Blumenau caberia só zelar pelo crescimento e pela ordem da colônia, e dar conta de toda a burocracia que era a grande mazela do governo imperial brasileiro.

A manhã blumenauense prometia muito calor, e Blumenau agitava-se para deixar toda a papelada em ordem. Dali a pouco iria dar posse oficial aos seus auxiliares, o corpo de elite que, ao longo dos anos, havia se agrupado em torno do doutor para manter firmes os alicerces da nascente colônia. Logo foram chegando os convidados para aquela reunião: Hermann Wendeburg, que era o guarda-livros da colônia e gozava de tanta confiança de Blumenau, que assumira o cargo de diretor em seu lugar, nas suas ausências. Wilhelm Friedenreich havia sido nomeado primeiro juiz de paz desde que a colônia se tornara distrito, no final do ano anterior. Desde que haviam chegado à colônia, há quatro anos, Hans Breithaupt e Emil Odebrecht haviam se tornado também amigos e colaboradores assíduos do doutor, e agora chegavam orgulhosos para a reunião; iriam assumir oficialmente o cargo de agrimensores da colônia. Para assumir o cargo de delegado, Blumenau convidara Louis Sachtleben, homem muito firme e ponderado, que impunha respeito em todos com sua voz de barítono e seus quase dois metros de altura. Completando o quadro, lá estava o mirrado Theodor Kleine, que era atualmente o secretário da colônia e uma espécie de braço direito do doutor. As proféticas palavras de Blumenau tinham se concretizado: o irmão de Kleine jamais havia se animado a emigrar seguindo o irmão, conforme ele vaticinara há alguns anos.

Para aquela reunião foram convocados também Fernando Ostermann, o professor que regia com amor e dedicação a primeira escola da colônia, o Dr. Bernhard Knoblauch, médico que viera há dois anos para a colônia e lá se estabelecera, assumindo o atendimento a toda a comunidade. Friedenreich há muito deixara de atender as pessoas nas questões da saúde, envolvido com a administração da colônia, e Fritz Müller, assim que pudera, deixara esta questão de lado para se dedicar somente às suas pesquisas e à observação da natureza. Passava seus dias embrenhado nas matas, só de calça e em mangas de camisa, sempre descalço, tendo apenas o facão como arma, coletando e estudando exemplares da fauna e da flora locais.

Toda manhã, enfiava um punhado de farinha na bolsa, pegava a sua rede de apanhar borboletas e dirigia-se para o mato infestado de onças, cobras, bugres, sem temer nada nem ninguém. Entusiasmado pelas suas pesquisas, perdia a noção do dia e da hora, e seria capaz de morrer de fome e sede, se os colonos não se apiedassem de seu corpo magro. Por fim, não o deixaram mais andar sozinho pelo mato, e Friedenreich ficou incumbido de acompanhá-lo. Ambos tornaram-se correspondentes do Museu Natural Imperial, e mandavam para lá muitos espécimes para serem catalogados. Correspondiam-se com sábios e naturalistas do mundo todo, trocando exemplares, espécimes coletados e catalogados com carinho, tornando-se logo sumidades na coletividade mundial de cientistas.

Também ele e seu irmão August vieram para a importante reunião, juntamente com o pastor Rudolf Oswald Hesse. A assembleia estava completa e foram deliberadas ali as primeiras providências para enfrentar e resolver as questões mais emergenciais da colônia. O Governo Imperial liberara quase treze mil réis para aquele ano, e havia muito a ser feito. Todos estavam contentes e animados com as perspectivas que se desenhavam no horizonte. Blumenau, finalmente, parecia mais relaxado e feliz, depois de um longo período de tristeza e mau humor.

Ainda naquele ano, a colônia foi elevada à categoria de município e contava com 948 habitantes.

Dos dezessete primeiros habitantes, que haviam subido de balsa naquele dia histórico de dois de setembro de 1850, restavam Friedrich Riemer, que com a sua esposa Louise e os muitos filhos prosperavam no Alto Garcia, e a família Friedenreich, que consistia num dos baluartes da sociedade local. Os demais haviam tomado outros rumos. Paul Kellner morava com seu irmão e muitos empregados na região denominada Águas Claras, e prosperava nos negócios a cada ano. Franz Sallenthien, casado com Johanna, tocava uma casa de comércio e três serrarias em sociedade com Reinhold Gaertner, e ambos moravam com as respectivas famílias no Santíssimo Sacramento, na foz do grande Itajaí. Franz era muito feliz, e o casal já tinha quatro filhos. Já Gaertner amargava um casamento infeliz com a detestável Sophie, e ainda não tinha filhos, pois a ideia de gravidez apavorava a infeliz mulher:

- Ter um filho aqui neste fim de mundo, sem recursos, longe da civilização, nem pensar! – dizia ela em alto e bom som para quem quisesse ouvir, envergonhando e amargurando o pobre Reinhold. Todos tinham pena do pobre rapaz, que perdera a alegria e vivacidade que tinham sido suas características principais até que casasse. Mas nada diziam, e aturavam a desagradável Sophie em respeito a ele. Principalmente Johanna, que era um dos alvos preferidos da invejosa mulher, que certamente lamentava a óbvia felicidade do casal amigo. Muitas vezes procurava envenenar Reinhold contra seu sócio, insinuando que ele poderia estar levando vantagens na sociedade, mas o marido sorria e meneava a cabeça, como se Sophie fosse apenas uma criança inconsequente querendo brincar.

A família Kohlmann continuava em Poço Grande, e seu engenho de cana era um dos grandes empreendimentos da região. Nele trabalhavam o pai, seu enteado que ninguém mais lembrava não ser seu filho, o genro Johann Tereich e diversos empregados. Na casa grande imperavam as mulheres. Marie já tinha dois filhos e a sua barriga protuberante indicava que em breve um terceiro herdeiro viria habitar a casa. Christine continuava solteira, embora isto gerasse muitos comentários. Afinal, já estava beirando os trinta anos e era uma moça algo triste e circunspecta. Johanna Kohlmann quase não fazia mais nada, passava deitada a maior parte do dia, alegando indisposição, e estava gorda como uma baleia encalhada na praia.

Os demais integrantes da primeira leva de imigrantes haviam partido nos primeiros anos: o inesquecível Daniel morrera afogado, o alegre Julius Richter partira para o Rio de Janeiro e Erich Hoffmann e Friedrich Geier tinham ido embora há muitos anos, sem deixar saudades em ninguém.

Localidade de Poço Grande
Janeiro de 1861

A chegada da balsa causou certa agitação no rio, provocando marolas que encrespavam a superfície da água, formando um rendilhado que brilhava ao sol. A beleza do efeito chamou a atenção de Christine, que caminhava calmamente à beira do Itajaí com uma cesta de laranjas douradas que acabara de colher para fazer geleia. De longe observou as pessoas que desembarcavam com cuidado, pisando em terra e olhando em volta um pouco assustadas. Parecia uma família e Christine mentalmente calculou: mãe, o pai, e três filhos jovens, dois rapazes e uma moça, que era pouco mais que uma menina. Ao vê-los, lembrou-se de si própria e dos Kohlmann há mais de dez anos, quando chegaram à colônia assustados como ratos fugindo de uma situação insustentável na Alemanha. Quanto tempo se passara desde então, quanto havia vivido, sofrido e aprendido. De súbito um dos jovens, que dali de onde ela observava parecia belo como uma pintura renascentista, caiu vertiginosamente ao chão e começou a debater-se de forma esquisita, enquanto todos os outros membros da família o cercavam, impedindo a desagradável visão. Christine ficou vivamente impressionada, e aquele quadro custou a lhe sair da mente enquanto ia para casa e dava prosseguimento à rotina diária.

À noite, soube que a família recém-chegada eram os Weck, provenientes de *Amdorf bei Poenig*. Tinham adquirido umas terras que haviam sido dos belgas que tinham tentado colonizar a região e fracassado. As terras foram a leilão, alguém da família Weck as havia adquirido e encarregado Christian Weck, o pai da família, de administrá-las. Eles viriam logo mais para um chá com os Kohlmann, a fim de obter informações e orientação sobre o início do trabalho. Christine sentiu-se presa de estranha agitação, mas não sabia defini-la. Nada comentou sobre a cena a que assistira à tarde, e esperou com certa ansiedade que a família Weck chegasse. Eles eram um tanto circunspectos, e a conversa não fluiu com facilidade, mas os homens acabaram por entender-se e saíram para o pátio, a fim de ver o engenho de cana. Portavam lanternas de óleo de baleia, e saíram deixando um cheiro pesado no ar, provocado pelo odor forte daquela que era uma das únicas fontes de iluminação da colônia. Christine percebeu que, ao sentir o cheiro acre do óleo de baleia queimando, o jovem Julius empalideceu de forma atroz, e teve que encostar-se na parede da casa por alguns momentos, para se recuperar. Aproveitando aquele hiato, Christine aproximou-se dele e disse com suavidade:

- Apoie-se em mim, eu te levo até eles...

Julius olhou-a assustado, depois um pouco encantado com a beleza de seus olhos azuis, e por fim deu um belo sorriso que pareceu iluminar seu rosto um tanto angelical.

- Podes deixar, já estou bem melhor! É que ainda não me adaptei ao clima daqui...

Saiu andando um tanto quanto hesitante, mas olhou algumas vezes para trás, sorrindo com candura para Christine.

Aquele foi o começo de uma amizade muito especial. Christine nunca perguntou a Julius sobre seus problemas de saúde, e ele também nada comentava. Apenas conversavam sobre inúmeros assuntos, e Christine, alguns anos mais velha e muito mais experiente, dava-lhe inúmeras informações importantes sobre um sem-número de coisas. Ensinou-lhe o cultivo da cana que, ao longo dos anos e ouvindo as conversas dos homens, aprendera muito bem. Logo todos já davam como certo o namoro dos dois. Christine jamais comentara com ninguém a inusitada cena que assistira quando da chegada da família, mas temia pelo significado daquilo.

Certa noite, quando estavam sentados sob as estrelas conversando, Christine aproximou-se do rosto de Julius e deu-lhe um beijo suave, um simples roçar de lábios na face do jovem. Viu-o estremecer, olhá-la com ar assombrado, para depois, num ímpeto, tomá-la nos braços um tanto bruscamente e beijá-la com sofreguidão. Um verdadeiro turbilhão de emoções voltou ao coração de Christine, lembrando-lhe o amor de Sebastião naquelas loucas tardes no canavial. Revivia as emoções, mas sabia que agora tinha direito de senti-las, e também vivê-las. Foi tomada de um frenesi de emoções há muito reprimidas e beijou Julius com ímpeto e paixão cada vez maiores, até que assustou um pouco o rapaz. Ele afastou-se dela e Christine percebeu que aquela palidez amarelada e doentia

começava a aparecer em seu rosto novamente. Em volta de seus olhos, auréolas azuladas se formaram, e ela percebeu que de um dos lados de sua boca começava a escorrer um pouco de saliva.

- Julius, o que está acontecendo contigo? Posso te ajudar de...

- Não é nada, Christine. Eu sou muito sensível ao calor, só isso. Tu poderias me deixar um pouco sozinho? Tua atitude me deixou um pouco nervoso...

- Está bem, vou até lá na cozinha pegar um pouco de chá para nós e já volto.

Christine virou-se e saiu caminhando vagarosamente em direção a casa. Envoltos na escuridão, sabia que Julius não poderia vê-la enquanto ela o visualizava graças à luz do candeeiro que ficara ao lado dele. Por isto viu claramente quando ele se jogou ao chão como um saco de batatas, e percebeu que se debatia por alguns momentos na areia do chão, levantando uma pequenina nuvem de poeira. Não sabia dizer o porquê, mas ficou paralisada, sem esboçar nenhuma reação, apenas olhando, entre fascinada e horrorizada, para a cena. Depois disparou em direção à cozinha e ficou lá por um bom tempo. Quando finalmente resolveu voltar, Julius estava novamente sentado sobre um tronco de árvore, pálido, porém completamente controlado. Christine entregou-lhe o copo de chá e, depois de alguns momentos, disse-lhe friamente:

- Já está muito tarde, creio que vou dormir. – Assim dizendo, virou-se para a casa e ia saindo quando Julius segurou-a pela mão e disse com doçura:

- Ficaste magoada comigo? Christine, eu gosto muito de ti e gostaria de fazer-te a corte. É que ainda estou sentindo muito a mudança de clima...

- Está bem, Julius. Mas hoje estou muito cansada, já é tarde... Amanhã conversaremos mais.

Os jovens despediram-se com frieza e Christine foi logo para a cama. Embora cansada, não conseguia conciliar o sono. As cenas que vira, por diversas vezes, levavam a crer que Julius tinha alguma doença. Mas ele nada dizia, e hoje falara em lhe fazer a corte. Christine, por seu turno, ansiava em ter alguém ao seu lado, para compartilhar a vida. Já estava ficando velha, e continuava sozinha. A lembrança daquele filho espúrio que tivera numa madrugada de dor e medo ainda lhe doía fundo na alma, e ansiava por tentar ser mãe de verdade. As dúvidas se avolumavam em seu coração, deixando-o pesado de angústia.

As semanas se passaram e os dois começaram a namorar oficialmente. Christine procurava controlar sua ânsia de amor, reagindo da maneira mais suave aos doces e mornos carinhos de Julius e nada mais de estranho aconteceu.

Sem demora a data do casamento foi marcada, e os preparativos começaram. Ambas as famílias pareciam ansiosas para que o enlace se desse logo, e dentro de alguns meses o casamento ocorreu. Os Kohlmann reuniram uma boa parcela da comunidade para a festa, para a qual foram abatidos um boi, três porcos e umas vinte galinhas, de acordo com a fartura de que a família gozava. Christine foi uma noiva graciosa, e via-se em seu rosto a ansiedade e alegria. Guardara no fundo da alma as preocupações sobre a saúde de Julius, e não comentara absolutamente nada com ninguém. Julius estava garboso e sobremaneira elegante, e o casal foi muito elogiado.

- Que belos filhos vão nascer daí, hein? – diziam em tom jocoso os amigos.

À Christine não passou despercebida a palidez de Julius ao ouvir tal comentário, mas atribuiu à emoção do casamento e não pensou mais no assunto. Só foi entender a reação do noivo quando chegaram à humilde casinha que os pais dela haviam mandado construir para eles. De imediato ele escondeu-se no canto mais escuro da casa, e trocou de roupa e caiu na cama, sem dizer uma palavra para a noiva. Depois de algum tempo, Christine desistiu de esperar e adormeceu com lágrimas rolando silenciosas em sua face. A cena se repetiu nas próximas semanas, e Christine já estava entrando em desespero. Ansiava por sentir os braços do noivo em volta de seu corpo, ser amada por ele, e o mais breve possível conceber um filho. Durante o dia Julius agia da forma mais normal possível, cheio de cuidados e carinhos como um marido apaixonado, mas quando chegava a noite ficava arredio, estranho e distante, e deitava sem lhe dar nem um boa-noite decente. Depois de algumas semanas, Christine desesperou-se e disse-lhe, quando estava indo sorratamente para a cama:

- Julius, eu quero ser tua mulher de verdade. Eu sei o que acontece entre os casais e não tenho medo de nada. O que está acontecendo? Por que não me procuras à noite, para fazermos o que todo casal

faz? Se não me achas digna de ti, por que casaste comigo? Eu quero... – sua voz se quebrou e uma tal tristeza e abandono apareceram em seu rosto que Julius se aproximou dela e, beijando-a de leve na testa, acariciou seu rosto e disse-lhe:

- Não é nada disto, Christine! Não é tua culpa... Eu sou muito sensível ao calor e...

- Chega desta desculpa descabida! – agora Christine estava gritando – Estás sempre dizendo que é o calor, o calor, o calor! Eu sei que tens algum problema, me fala para que eu possa te ajudar, por Deus!

- Eu não tenho problema nenhum, não sei de onde tiraste esta ideia absurda. Que necessidade é esta que tens de estar junto a mim? Isto não é coisa de mulher séria!

- Julius, o que estás me dizendo? Eu sou uma mulher saudável e quero ter filhos, muitos filhos!

As vozes deles haviam se elevado cada vez mais, e agora estavam literalmente berrando. De súbito, Julius ficou totalmente branco, seu corpo endureceu e ele caiu ao chão como uma tábua. Começou a debater-se e os olhos reviraram nas órbitas, deixando à mostra apenas a parte branca, enquanto uma baba viscosa escorria pelo canto da boca que se retorcia num esgar assustador. Christine gritou apavorada, pois nunca vira nada daquilo e não tinha a menor ideia do que fazer. Os espasmos foram diminuindo aos poucos, enquanto ela sacudia o marido, chamava-o, pedia perdão, dizia coisas desconexas que lhe vinham à mente em turbilhão. Dentro de alguns momentos uma cor arroxeada tomou conta de seu rosto e os olhos, fixos e inertes, demonstraram que ele acabara de morrer. Christine entrou em pânico e gritou tão alto que alguns vizinhos ouviram. Em poucos instantes chegaram e socorreram o casal, afastando Christine do cadáver e cobrindo-o com um lençol. A jovem estava em estado de choque, seus olhos parados no horizonte nada expressavam, apenas deixavam escapar sentidas e silenciosas lágrimas que lhe escorriam pela face branca e macilenta. Neste estado passou todo o trâmite do velório e enterro do marido, remoendo-se intimamente de culpa. Tinha certeza de que Deus a castigara por seu pecado com Sebastião, levando a vida de Julius, e não se conformava com a injustiça.

- Por que não eu, que errei sozinha? Ele não teve culpa de nada, nem soube do meu grande pecado, nem chegou a tocar em mim...

E mais uma vez só a falta de coragem que a impediu de dar fim à própria vida. Depois de alguns dias, recebeu a visita de sua sogra. A pobre mulher parecia ter envelhecido uns vinte anos, e seu ar consternado comoveu Christine. Já com as xícaras de chá na mão, elas sentaram-se em bancos, na cozinha, e a boa mulher falou:

- Christine, nós fomos muito injustos contigo! Deveríamos ter te contado a verdade, mas Julius ficou tão feliz com a oportunidade de casar contigo, que todos acreditamos em um milagre e deixamos tudo acontecer! Na verdade, Julius sofre de uma febre dos nervos desde muito pequeno, e nunca pôde viver uma vida normal. Qualquer emoção causava-lhe ataques terríveis, e muitas vezes os médicos na Alemanha nos alertaram de que, mais dia menos dia, ele morreria em um destes ataques. Mas queríamos acreditar em um milagre e acabamos te fazendo sofrer tanto, pobre menina! Lágrimas sentidas escorriam pela face de Christine, mas de sua boca não saiu uma palavra de crítica ou condenação. No fundo, achava que havia merecido o castigo e agora se sentia quite com a justiça. Vagarosamente foi se recuperando da dor e do remorso, e somente um vazio enorme instalou-se em seu coração.

Naquele ano de 1861, Paul Kellner finalmente saiu do mato, passou alguns dias na colônia com os amigos e, depois de comprar algumas roupas e sapatos novos, rumou para Desterro a fim de embarcar para a Alemanha.

- Vou trazer uma esposa para mim – dizia ele – uma boa alemã para cuidar de minha casa e me ajudar a enriquecer ainda mais!

Depois de todos aqueles anos no mato, ficara um tanto esquisito e adquirira alguns hábitos estranhos.

- Duvido que alguma boa jovem vai querer casar com este solteirão esquisito! – diziam alguns.

- Mas não te esqueças de que agora ele tem muito dinheiro, e este argumento é o mais importante! – ponderavam outros.

O fato é que Paul partiu num veleiro rápido e dentro de apenas dois meses voltou casado com a jovem Ottilie Ohlendorff, uma alemã alta e forte, de cabelos escuros e imensos olhos azuis. Ao seu lado, a juventude dela destacava-se ainda mais, pois Paul já andava na casa dos trinta anos há tempo, e Ottilie não devia ter mais de dezoito.

Muitos lamentaram, comentando que seria mais um casamento infeliz, como o do pobre Reinhold Gaertner, que pagava todas as penas do inferno nas garras de sua irascível esposa Sophie, mas havia um tal ar de determinação no rosto de Ottilie, que surpreendeu logo os mais observadores.

Assim que chegaram ao Santíssimo Sacramento, foram convidados a ficar na casa de Franz Sallenthienn, que também se preparava para partir para a Alemanha, a fim de fazer a acalentada visita a sua saudosa e querida irmã Gretchen. Levava consigo os quatro filhos, e a mais velha, chamada Minna, uma homenagem que Johanna quisera fazer à esposa de Friedenreich, ficaria na Alemanha para ser educada pela tia.

Para aquela noite, Johanna preparou uma ceia farta, a fim de comemorarem aquele fortuito reencontro de três velhos amigos. Franz Sallenthienn, Reinhold Gaertner e Paul Kellner estariam juntos novamente e também comemorar, conquistas e vivências acumuladas ao longo de todos aqueles anos, desde a acidentada viagem no brigue Emma & Louise quando, encostados à amurada da embarcação, haviam sonhado com o novo mundo, imaginando como seria aquele paraíso que o tio de Reinhold havia desenhado tão bem na imaginação deles. Paul, então um jovem desiludido com a perda da herança de família, acalentava esperanças de vencer e provar que era capaz, e provar para si, para a sua família e para o mundo, tornando-se próspero e abastado, embora o trabalho pesado tivesse calejado suas mãos, encurvado seus ombros e branqueado seus cabelos e barba. Tinha agora 32 anos, mas aparentava muito mais, devido ao trabalho e sacrifícios enfrentados.

Franz Sallenthienn, embora também tivesse um cotidiano esforçado, mantivera seu ar aristocrático e um pouco leviano, e muitas vezes ainda parecia aquele garoto de ar travesso que viera para o Brasil cheio de sonhos de grandeza. Vestia-se sempre com muita elegância, herança que trouxera da Alemanha e remetia aos mimos com que a querida irmã mais velha o havia criado. Sua expectativa era enorme, pois estava prestes a partir com a família para a Alemanha. Faria a primeira visita à sua família, desde que emigrara para o Brasil em 1850. Embora Johanna estivesse grávida, em estado já adiantado denunciado pelo volume do abdome, a animação e ansiedade da família eram grandes. Com o casal iriam também os quatro filhos, pois Franz ansiava apresentá-los à família e ao seu país de origem. Os negócios ficariam ao encargo de Reinhold, que não viajaria à Alemanha aquele ano. Embora dissesse para todos que seu trabalho estava concluído e não houvesse mais necessidade de aliciar imigrantes, pois eles vinham por vontade própria e pela propaganda positiva que se fazia das colônias sul-brasileiras, no fundo tinha muito medo de que sua esposa Sophie, uma vez que se visse em solo alemão, se recusasse a voltar para o Brasil, que ela demonstrava odiar com todas as suas forças.

Sentados no alpendre da casa, cercados pela perfumada glicínia lilás que crescia com rebeldia e força, envolvendo as madeiras que sustentavam a varanda, os homens conversavam e fumavam cachimbos, enquanto à sua frente se estendia a amena paisagem do canavial dourado pelo pôr do sol.

- Então Kellner, finalmente resolveste “desencalhar” e casar-te! Fizeste bem, homem, fizeste bem! O casamento é a melhor coisa para nós, imigrantes! Vivemos aqui sozinhos, enfrentando toda sorte de agruras, e uma esposa em quem confiar e com a qual se consolar é algo indispensável!- Sallenthienn estava aliviado. Com este casamento, ficava para sempre sepultada a disputa dos dois pelo coração de Johanna, que acontecera há alguns anos e estremeceu aquela sólida amizade.

- Eu sei disso, Sallenthienn, mas só queria trazer uma esposa quando tivesse algo de concreto para oferecer a ela. Não se tira uma boa mulher de um lar alemão sólido para trazer para estes confins de mundo se não tivermos ao menos um teto decente para oferecer! Enfim, agora Ottilie está aqui comigo, e a fase da solidão está ultrapassada...

- E o teu irmão, o Adolph? Não ficou entusiasmado com a tua iniciativa e quis também ele se casar?

- Aquele ali não tem mais jeito. Já disse inúmeras vezes que não quer nem ouvir falar em casamento. Diz ele que a simples ideia de uma mulher azucrinando os seus ouvidos dentro de casa já o apavora. Desde que comecei a fazer meus planos de ir para a Alemanha, ele de imediato construiu uma cabana no mato, longe da nossa casa, e já está morando lá com tudo o que é dele. Acho que pretende evitar a simples proximidade conosco!

- Talvez seja melhor assim, amigo. Dois homens sós, no meio do mato, e uma única mulher, e ainda por cima jovem e bonita como a tua... Talvez seja melhor assim!

Reinhold falava pouco, principalmente agora que o assunto era casamento. Embora a sua infelicidade fosse pública e notória, nunca comentava nada, como se quisesse iludir a si próprio. Os homens continuaram falando dos progressos da colônia do tio de Reinhold, de sua elevação à categoria de município e do quanto isto havia aliviado o Doutor Blumenau. Enquanto isto, na cozinha, a azáfama era grande. Johanna transpirava junto ao enorme fogão de lenha, supervisionando as panelas fumegantes, ajudada por duas empregadas. Além dos dois casais que já estavam lá, ainda viriam mais alguns convidados e ela não queria fazer feio. A comida estava cheirosa e apetitosa, e sobre a enorme mesa de madeira havia vários pratos de saladas verdes, bolos de frutas, um enorme prato com creme branco e fofo, um queijo amarelo e cremoso já cortado em pedaços e uma enorme tábua cheia de fatias douradas e crocantes de pão de milho, que iriam para a mesa com o ensopado de galinha, o aipim cozido fumegante e macio e as batatas amarelinhas, fervidas em água e depois cobertas com manteiga e alho.

Sentadas em cadeiras de espaldar alto, cada qual com um copo de limonada a sua frente, Sophie e Otilie conversavam:

- *Meine liebe Got* (Meu Deus do Céu), não sei como tiveste coragem de vir sozinha para o Brasil com um homem que conheces há menos de um mês... Eu, que conhecia o Reinhold há anos, duvidei muito se devia vir, e já me arrependi tudo o que podia por ter vindo!

- Pois eu acho que dificilmente irei me arrepender! Embora conheça Paul há poucas semanas, já deu para perceber que é um bom homem, honesto e fiel. Estas coisas se vê logo, se vai dar certo ou não, e eu vi logo que o conheci que meu lugar era ao lado dele!

- Nem imaginas para que fim de mundo ele vai te levar... Eu não iria para lá nem amarrada!

- Que bom, então, que o teu marido pode morar aqui, não é mesmo? Senão terias que te sujeitar e serias infeliz... – Dizendo isto, Otilie levantou com um certo ar de impaciência e foi para perto de Johanna, dizendo:

- Gosto tanto de ajudar, a inatividade me irrita. Não queres que eu cuide de alguma tarefa para ti?

As duas olharam-se com algum ar de cumplicidade e, embora nenhuma delas tivesse dito nada, os olhos falaram uma linguagem muda. Sim, Sophie era chata, superficial, mesquinha, e ambas sentiam pena do bom Reinhold, que apesar de tudo parecia tão apaixonado por ela. Ela, porém, parecia não perceber que irritava e incomodava as outras duas com seus comentários jocosos e desagradáveis e, levantando-se também, aproximou-se delas e disse:

- Johanna, estou impressionada com a tua gordura e inchaço! Perdeste completamente as formas nesta gravidez... Que tristeza! Eu já avisei para o Reinhold que, por enquanto, não teremos filhos. Sou ainda muito jovem...

E dizendo isto arrumava, com um gesto brejeiro, os longos e belos cachos castanhos.

- Realmente, Sophie, és muito bonita! Mas não te esqueças de que a verdadeira beleza vem de dentro! E nada mais belo para uma mulher do que a maternidade. Veja a nossa Johanna, por exemplo. Embora inchada, como dizes, tem as faces rosadas, muito diferente de ti, que estás pálida e parecendo um pouco doente!- Otilie disse isto e virou-se, deixando a jovem estupefata e indignada.

Sophie passou o restante da noite alisando e beliscando as próprias faces, enquanto Johanna e Otilie trocavam olhares cúmplices e divertidos.

Depois que as visitas se foram, Johanna comentou com Franz:

- Otilie é uma mulher formidável. Kellner teve sorte em achá-la. Além disso, ela é corajosa. Tinha que ver como enfrentou a chata da Sophie, deixou-a sem fala! – E, rindo, Johanna contou o episódio das faces rosadas para o marido, com o qual ambos se divertiram muito.

Já Sophie voltou para casa irritadíssima e foi o caminho todo falando mal da nova moradora:

- Esta Otilie Kellner é uma mulherzinha isuportável! Vi logo que ficou com inveja da minha beleza, e sem mais nem menos passou a me ofender, dizendo que estou pálida e abatida. Imagina, comparar-me com Johanna, que está mais parecida com a nossa vaca, de tão gorda e desajeitada...

- Sophie, não fale assim da boa Johanna! Tu não precisas te preocupar, és tão bela...

- Não defende aquela horrorosa da Johanna, que vive se fazendo de boazinha para que todos a admirem. Ela está gorda como uma vaca, sim, e da outra, nem conheces ainda o veneno! Podes ficar com pena do teu amigo, pois logo ele vai ficar bem infeliz!

Reinhold abaixou a cabeça e não disse mais nada. Sabia ser inútil discutir com Sophie, pois seu gênio era terrível e não admitia ser contrariada. – No fundo, o único infeliz de verdade sou eu... – Pensou desconsolado enquanto caminhava para casa com os ombros caídos. Já não era mais nem a sombra daquele jovem otimista que um dia encontrara Paul Kellner nos campos de centeio e lhe dissera que eles tinham o mundo todo pela frente. Embora tivesse apenas 34 anos, em alguns momentos parecia mais velho.

No dia seguinte, Paul e Otilie Kellner partiram para Águas Claras, em demanda de sua propriedade. Iam a cavalo, e com eles seguia uma carroça abarrotada de mantimentos, ferramentas, sementes e tecidos. Levariam muitos meses até voltar à civilização, e precisavam estar preparados para todas as necessidades. Paul temera dizer a Otilie que eles ficariam meses sem retornar ali, mas ela encarara a informação com naturalidade e respondera apenas com um sorriso compreensivo. Seus olhos abriam-se desmesuradamente diante das belezas da região, e ela sorria como se estivesse entrando no paraíso. Na hora do almoço, pararam sob as árvores para comer alguma coisa e descansar, enquanto os cavalos pastavam e bebiam água do regato que corria rumoroso próximo deles. A quietude e a paz da floresta os atingiram, e ficaram em silêncio, olhando em sua volta. As árvores gigantescas, que ofereciam uma sombra amiga e acolhedora, era um verdadeiro espetáculo de cores em gradações diversas, e a vida pululava em seus galhos. Eram pássaros, insetos, flores, parasitas... Enfim, a natureza se esmerava em derramar beleza e harmonia à volta deles. Otilie parecia emocionada com tudo o que via e, com naturalidade, abraçou Paul, dizendo-lhe:

- Paul, muito obrigada por me trazer aqui, me dar esta chance de conhecer tanta beleza e harmonia. Acredito que quem toma contato com tudo isto nunca mais é a mesma pessoa, estou certa?

- A imigração é um processo radical no coração de um homem, Otilie. Tem muitos aspectos difíceis e árduos, mas também tem muitas belezas e descobertas. Eu sempre me senti um pouco só, faltava-me alguém para compartilhar deste sentimento. Mas agora eu tenho a ti, e parece que consegues sentir, como eu, a floresta ressoando dentro do coração!

Ambos abraçaram-se e saborearam aquele momento de intensa comunhão com a natureza, percebendo definitivamente que haviam feito a escolha certa. Enquanto Kellner percebia que Otilie tinha a fibra necessária para ser mulher de imigrante, ela sentia-se definitivamente cativada pela beleza do local, e pela intensa experiência de colonizar aquelas novas terras.

Ao chegarem à propriedade de Paul, adaptou-se com rapidez a tudo, agindo com coragem e intrepidez em todas as situações. Certa feita, foram assaltados pelos bugres e ela reagiu a bala, pois aprendera a atirar com a velha garrucha de Paul, impressionando até os próprios selvagens, que estavam acostumados a infundir terror nas mulheres.

Otilie matava cobras, caçava no mato, administrava a casa com a mão de ferro e coração de mãe, e ainda aquecia as noites de Paul com carinho e paixão. Logo estava grávida, esperando o primeiro de uma bela fila de herdeiros que vieram alegrar o coração do pioneiro.

- Sophie, nem imaginas o que aconteceu... Veja, recebi esta carta de Sallentienn e ele conta que a Johanna deu à luz no próprio navio, quando iam para a Alem... – as palavras morreram na garganta de Reinhold, ao entrar no quarto para contar à esposa as últimas novidades contidas na carta do sócio e amigo. Sophie jazia em meio a uma grande confusão de roupas, malas e pacotes, e estava justamente empilhando as caixas dos seus amados chapéus, sem os quais não tirava o nariz de casa.

- Mas o que significa isto, Sophie? Por que estás arrumando as tuas coisas, como se fosse viajar...

- Eu vou viajar Reinhold! Escrevi para minha família e contei o quanto sou infeliz aqui. Há poucos dias recebi uma carta com dinheiro e a autorização para viajar de volta para a Alemanha. Meu pai acertou tudo com a companhia de navegação. Eu só preciso apanhar o navio no Desterro, eles estão me esperando!

- Sophie, não podes fazer isto sem minha permissão, por Cristo! Sou teu marido, tenho meus direitos e...

Suas palavras perderam-se no vazio. Nos olhos dela leu determinação, desamor, raiva e um pouco de pena. Sentiu que nada a demoveria daquela decisão, já que preparara tudo sem sequer consultá-lo. No fundo sabia que nunca a dominara, nunca a conquistara. Ela sempre detestara tudo o que era deles, o local onde moravam, a vida que levavam. Não havia interesse, participação, nada. Agora só lhe restaria o vazio das noites solitárias, a casa quieta e sem vida e a promessa de filhos afastada de forma definitiva de sua vida.

- Está bem, eu vou contigo até o Desterro, para ver se embarcas bem e se não haverá nenhum problema!

- Faz como preferires! Teu sócio não está aqui; se não quiseres te afastar, eu contrato alguns homens do major para me acompanhar e...

- Não, eu faço questão! Ainda és minha esposa e devo zelar pela tua segurança! – Cortou ele em tom azedo e, virando-se ab-ruptamente, saiu do quarto para que ela não visse as lágrimas em seus olhos.

Em poucos dias eles partiram para Desterro e sem demora Sophie embarcou para a Alemanha. Até o último momento Reinhold esperava que ela mudasse de ideia, caísse em si e percebesse que seu lugar era ao lado do marido, mas ela parecia cada vez mais decidida e distante. No convés do navio, antes de desembarcar, Reinhold olhou-a com intensidade, querendo registrar aquela bela imagem na retina e esperando um gesto de amor, mas Sophie apenas dera um sorriso amarelo e estendera-lhe a mão enluvada para um último e frio aperto de mão. Nunca mais viveriam juntos, e Reinhold guardou a grande mágoa e dor no fundo de seu coração.

Colônia Blumenau
Outubro de 1861

Lá pelas quatro horas da tarde, quando o calor já começava a diminuir, os habitantes que circulavam pelo Stadplatz ouviram a chegada das balsas, procedentes do Santíssimo Sacramento. Sabia-se que por aqueles dias deveria chegar uma nova leva de imigrantes, e alguns mais afoitos acorreram ao barranco, para observar as manobras de atracação das balsas e a cara dos novos habitantes. Era um grupo pequeno, e uma certa agitação reinava em cima da primeira balsa. Uma mulher, cujo abdome indicava uma gravidez a termo, estava deitada sobre algumas trouxas e gemia, dando claros sinais de que chegara a hora do parto. A notícia correu como rastilho de pólvora pela colônia, e antes de levarem a mulher para o barracão da recepção, já tinham avisado o Dr. Knoblauch e algumas pessoas se encontravam na porta, olhando curiosamente para dentro, tentando ficar a par dos acontecimentos. Minna, que do seu orquidário observava a movimentação da chegada dos viajantes, saiu correndo, enxugando as mãos no velho avental de trabalho. Percebera e intuía que sua ajuda seria necessária naquele momento. Assim que entrou na casa, percebeu um forte odor de sangue e viu a pobre mulher se retorcendo em cima de alguns trapos, já completamente ensanguentados. Pela experiência de anos auxiliando seu esposo, que tinha fama de bom parteiro, pôde perceber que algo não ia bem naquele parto. A mulher, ainda jovem, parecia estar um pouco assustada pela dor desmedida que sentia, e duas crianças pequenas olhavam tudo com ar de estupefação e dor. Uma delas aparentava uns seis anos e tentava, sem muito sucesso, cuidar da outra que era pouco mais do que um bebê de colo. Minna mandou chamar imediatamente a jovem Frederike, que trabalhava como empregada em sua casa e disse-lhe, abraçando as duas meninas:

- Leve-as daqui já, Frederike. Dê-lhes um bom lanche e distrai-as lá em casa. Não volte para cá sem eu chamar!

Intuitivamente, a boa mulher percebia que as coisas poderiam não acabar bem. Sentado do lado de fora do barracão, estava Christian Gotthelf Grahl, marido da jovem Bertha, que agonizava naquele parto complicado. Eles haviam acabado de chegar da Alemanha e durante toda a viagem a esposa queixara-se de dores e desconforto, mas nada podiam fazer. O melhor era rezar para que a viagem chegasse a termo logo, e ela pudesse melhorar. Mas, já na balsa, quando subiam o rio, ele entrara num trabalho de parto doloroso e complicado, e parecia que a vida se esvaía de seu corpo em ritmo assustador. Sua filhinha mais nova tinha apenas dois anos e estava demasiadamente fraca. O Dr. Knoblauch lutava como podia, mas assim que a criança nasceu, o menino que o casal tanto esperava, o sangramento de Bertha assumiu proporções incontroláveis e logo ela agonizava, nos estertores da morte. Com um fio de voz, pediu que chamassem o marido e lhe fez prometer, com voz quase inaudível, que acharia outra mulher jovem e forte para terminar de criar seus filhos.

- Gotthelf, não adianta ficares chorando sobre a minha sepultura. E nem pensa em voltar agora, que chegamos aqui... Com certeza haverá aqui alguma boa moça que possa casar-se contigo e fazer o papel que eu não vou... – Sua voz se quebrou num soluço fraco, uma golfada de sangue lhe veio pela boca e ela desfaleceu nos braços do marido.

Desesperado, ele gritou pelo médico, mas a jovem já agonizava irreversivelmente, e dentro de mais alguns momentos faleceu, jazendo branca como cera sobre o improvisado enxergão, no chão batido do tosco barracão.

- Que forma triste e pobre de morrer... – diziam todos, condoídos da má sorte do casal recém-chegado.

Um enterro improvisado foi providenciado, e o casal Friendereich abrigou o que restava da família nos próximos dias, enquanto Grahl pensava no que fazer. Como poderia trabalhar, com três crianças pequenas? Bertha, a mais velha e que tinha o nome da mãe, tinha apenas seis anos. Antonie Francisca tinha dois aninhos e agora o bebê, Christian, demandava cuidados especiais. Como fazer? Foi Minna quem, com sua providencial bondade, lembrou-se de Christine Kohlmann, e falou da jovem que enviuvara apenas algumas semanas depois do casamento. Quem sabe ela não cuidaria dessas crianças, ajudando o pobre viúvo?

No fundo, Minna sabia que Christine ainda queria muito casar, e ter filhos, mas isto estava se tornando cada vez mais difícil à medida que os anos passavam. Tantas dores, algumas ocultas bem no fundo da sua alma e desconhecidas de todos, haviam marcado seu rosto e ela aparentava mais do que a idade que tinha, embora não tivesse perdido do todo a graça juvenil.

Gotthelf não podia recusar nenhuma ideia que surgisse, dada a situação em que se encontrava. Simpatizou com Christine à primeira vista, principalmente quando ela tomou o bebê no colo com carinho e cuidado, enquanto conversava meigamente com as duas meninas. Em apenas duas semanas estavam casados, e embora a exiguidade de tempo, pareciam ser velhos amigos. O amor e a paixão foram como uma brasa antiga, aquecendo aos poucos aqueles dois corações marcados pela dor. Assumindo como seus os filhos do marido, em breve Christine se viu cercada da família com a qual sempre sonhara. Assim, feliz, nem sentiu tanto o baque da perda do padrasto, que considerava um verdadeiro pai, e que morreu no início do ano seguinte, 1862.

Colônia Blumenau
Agosto de 1863

- Que pena Reinhold não estar mais entre nós para apreciar esta festa! Ele iria gostar, sempre foi um entusiasta da formação da *Kulturverein* desde que fundamos o nosso primeiro clube de caça e tiro.
- Coitado, desde que a mulher o abandonou, foi apenas uma sombra do rapaz alegre e amigo que tínhamos. Nem mais se interessava pelos nossos negócios e deixou tudo em minhas mãos. Passava horas olhando para o rio, como se um barco fosse aparecer e trazer aquela maldita Sophie de volta.
- dizia Franz Sallenthienn, conversando com os amigos numa roda, um pouco afastados dos festejos que comemoravam simultaneamente a festa anual do Rei do Tiro, a fundação da *Kulturverein* e o aniversário da colônia.

Reinhold Gaertner tinha finalmente partido, no final do ano anterior, para a Alemanha, na esperança de reconquistar a esposa, embora ela não tivesse respondido a nenhuma de suas amorosas cartas.

- Não sei porque o Doutor Blumenau insiste em comemorar o aniversário de nossa colônia no dia 28 de agosto, se nós chegamos aqui no dia 2 de setembro! – indignado, Paul Kellner se desentendia cada vez mais com as ideias do fundador. Ele viera com Ottilie e seus dois filhos maiores para a festa, depois de muita insistência de Sallenthienn, que fora visitá-lo. A esposa, totalmente adaptada à vida no mato, nunca reclamava do isolamento em que viviam, mas daquela vez tinha pedido suavemente ao marido que gostaria de rever os amigos. Estava feliz e de longe se a via com Johanna Sallenthienn, Minna Friendereich, Louise Riemer e Christine Grahl em animada conversa, enquanto uma miríade de crianças corria em volta delas, perseguindo animais e gritando de alegria.

- Ora, Kellner, não polemize! O Doutor já explicou muitas vezes que nesta data expediu as primeiras certidões de posse de terras de nossa colônia; existe um documento oficial com esta data, por isto a escolha. Para nós tanto faz, o importante é aquilo que conquistamos!

- Isto é o que tu pensas, Friendereich! Um dia não estaremos mais aqui, e nossos descendentes precisam se lembrar do que fizemos!

Nesse momento ouviram-se tiros e alguns garotos vieram correndo, avisando em altos brados:

- É para os senhores irem para lá, que a comitiva já vai sair!

O Rei do Tiro do ano anterior, que seria oficialmente escoltado pelo cortejo de atiradores, era Friedrich Riemer, o fabricante de charutos próspero e feliz, mas como eles moravam muito longe, estavam hospedados desde o dia anterior na casa de Friendereich e o cortejo iria buscá-lo naquele ponto, para dar início à comemoração. Os principais atiradores da colônia disputariam naquele dia o tiro ao pássaro em diversas competições, até definir o novo Rei do Tiro. Iniciaram o desfile formando em colunas de dois, enquanto iam passando pelas casas e estradinhas poeirentas do Stadpatz todo enfeitado com folhas de palmito verdes e alegres. Propositadamente deram uma longa volta, a fim de prolongar a alegria da criançada que participava do desfile, e finalmente dirigiram-se para a casa de Friendereich, toda enfeitada com bandeirolas recortadas de folhas de bananeira. Em altos brados invocaram o “rei”, que apareceu sorrindo e distribuindo charutos para todos. Postando-se à frente da imponente comitiva, Riemer marchou com garbo para a sede da *Kulturverein*, onde aconteceriam os demais festejos do dia.

Barracas armadas à sombra das árvores ofereciam diversas atrações aos presentes, principalmente às crianças, brindadas com exposições de objetos estranhos e diferentes, pescaria de pequenas prendas enterradas em montes de cepilho, e a mais frequentada de todas, a barraca das rifas do *Schirmonkel*, figura esdrúxula e única que aportara por aquelas terras tempos atrás e por lá fora ficando, sem dar muita explicação para ninguém. Do *Schirmonkel* (tio do guarda-chuva), como era por todos conhecido, ninguém sabia o verdadeiro nome e nada de sua história, pois morava só numa casinha de madeira lá para as bandas da propriedade dos Hering. Consertava tudo o que lhe traziam, desde as máquinas de costura indispensáveis às donas de casa alemãs até as bonecas das desconsoladas meninas que as quebravam, embora sua principal ocupação fosse o conserto de guarda-chuvas, daí o apelido que ganhara. Na festa do Rei do Tiro, montava a sua barraquinha de rifas onde, por cinco vinténs, as crianças ganhavam prendas que adoravam, inutilidades como

latinhas de pomada para cabelo, sabonetes coloridos, brincos de pedras de brilhantes, bolas, figurinhas, decalques e outras prendas, bastando para isto que não tirasse um bilhete em branco. Quando a desgraça acontecia, a criança invariavelmente saía chorando e voltava dali a pouco com o pai pela mão, disposto a comprar mais um bilhete que apaziguasse a desalentada sem sorte.

Depois das competições encerradas e dos campeões proclamados, começou a reunião de formação da *Kulturverein*. Discursou Friendereich, seu idealizador, explicando que os objetivos daquela sociedade eram o desenvolvimento da lavoura e pecuária colonial pelo intercâmbio de conhecimentos e experiências adquiridas pelos colonos. O Doutor Blumenau também discursou, elogiando a iniciativa, e muitos outros homens presentes se manifestaram, dando opiniões diversas. É claro que logo surgiram divergências, uma vez que os ânimos estavam acirrados pela cerveja e pela euforia da festa, mas embora Joseph Weise tivesse desejado trocar alguns sapatos com seu vizinho e inimigo Jacobsen, nenhum incidente de monta aconteceu. No final da tarde, iniciou o baile. Num instante estavam todos voltejando entre as árvores, na área preparada e reservada para isto, como se fosse um grande salão ao ar livre, iluminado pelos candeeiros que foram pendurados em galhos das árvores mais próximas e emprestaram ao local um clima mágico.

- Um baile no meio da selva, vejam só! – dizia alegre Riemer enquanto voltejava animadamente com sua Louise, balançando alegremente a avantajada barriga.

Christine e Gotthelf Grahl também dançavam, embora ela já ostentasse uma bela barriga de gravidez, e no rosto uma expressão de paz como há muito não se via.

Outro casal animado eram Wilhelm e Minna Friendereich, felizes com a presença de suas filhas naquela festa. Alma já estava casada, e o casal já tinha até um pequeno filho que fora batizado de Carl Wilhelm em homenagem ao avô. Já Clara, embora fosse a mais velha, ainda estava solteira e guardava uma certa melancolia dentro de si. Ida, a mais nova era uma jovem circunspecta, alta e magra, que lembrava muito o pai. Era professora no Desterro, e morava com uma boa família alemã conhecida dos Friendereich.

Paul Kellner recusou-se a dançar e conversava animadamente com o Doutor Blumenau, discordando dele em uma série de coisas, deixando-o irritado.

- As dificuldades da colônia são devidas ao tempo, Kellner! Temos tido os piores invernos que já vivi aqui, desde que cheguei, em 1848. Estas geadas fortes dizimaram a maior parte das plantações de cana e o café, então, nem se fala, os colonos estão todos desistindo!

- Ah, doutor, eu sei que o tempo atrapalha. Também eu tive problemas por conta das geadas, mas consegui me safar porque tenho uma área maior de terras. Digo e repito que o sistema praticado aqui na sua colônia inviabiliza a sobrevivência de qualquer colono, por mais que ele se esforce!

- Mas vocês já estão de novo nessa discussão? Hoje é dia de festa, vamos aproveitar e relaxar um pouco! – disse ofegante Franz Sallenthien, enquanto descansava de uma animada polca que acabara de dançar com Johanna.

Lá estavam todos os cidadãos eméritos da colônia em animadas conversas, tomando cerveja e trocando ideias com entusiasmo por vezes demasiado. As crianças dormiam em enxergas improvisadas, aos olhos de suas zelosas mães. A festa foi um momento de muita alegria e recordações, e marcou época na vida da colônia, sinalizando seu progresso e crescimento.

Colônia Blumenau
Fevereiro de 1865

- Problemas, problemas... Não aguento mais resolver os problemas dos outros, mas ninguém resolve os meus! – desabafava Blumenau na sua tímida salinha, abanando-se para defender-se ao mesmo tempo do calor e dos insetos que abundavam naquela época do ano.

Indignado, esticava uma carta, um grosso calhamaço escrito em letras miúdas, que acabara de receber do Padre Gattone, vigário católico que morava na colônia. As polêmicas e discussões entre o Vigário e o Pastor aumentavam cada vez mais, e o motivo da querela atual era um casamento misto que fora realizado na colônia entre um noivo protestante e uma noiva católica.

- Imagine o absurdo da reivindicação deste padre! Ele escreveu para o Presidente da Província, reclamando porque o Pastor Hesse realizou o casamento que ele se recusou a fazer. Ele só faz casamentos entre católicos e protestantes se os nossos fizerem votos de mudança de religião. Tem cabimento um absurdo destes?

- Calma Bruno, não adianta ficares tão indignado, vai te fazer mal! – quem assim ponderava era Hermann Wendeburg, homem de toda a confiança e amigo do diretor da colônia, que dividia com ele as responsabilidades maiores da gestão do empreendimento.

- Sabes Hermann, estou totalmente saturado! De nada adiantou a colônia passar para o Governo Imperial, se ele não envia as verbas necessárias, não tomam as providências que solicito, não fazem absolutamente nada! Já estou cansado de dizer que preciso de uma sede para a administração da colônia. Não tem cabimento o Friendereich continuar cedendo espaço aqui na casa dele para isto... Já falei que preciso de mais escolas, estradas, igrejas! Eles não atendem nada, não tomam nenhuma providência...

- Meu amigo, tu levas as coisas muito a sério. Para administrar algo como este empreendimento e manter a saúde, é necessário calma. É claro que o governo imperial não vai dar a menor importância às nossas reivindicações, agora que está em plena campanha da guerra com o Paraguai...

- Isto é outra imbecilidade do governo brasileiro! Não sei como o imperador foi dar ouvidos aos conselheiros e entrar nessa guerra absurda com um país vizinho...

- Mas esta história é velha como o mundo! Sempre houve e sempre haverá disputa por expansão territorial enquanto o homem for ambicioso. E na corte brasileira, como, aliás, em todas as outras do mundo, há muitos homens ambiciosos e interesses escusos em jogo! Para ser bem franco, Blumenau, acho que estás precisando mesmo é de umas férias, quem sabe voltar a nossa *Heimland* (pátria), rever os familiares... Sinto que a cada dia estás mais angustiado.

Friendereich, que vinha chegando neste momento, já foi logo emendando a conversa:

- Claro Doutor! Lembra da nossa conversa de outro dia, quando verificamos que o número de imigrantes vem decrescendo sistematicamente nos últimos tempos por conta deste tempo miserável que tem nos assolado, estas geadas inesperadas e a destruição de sucessivas safras? Sabem bem que os nossos imigrantes narram estes fatos em cartas para a família e amigos na Alemanha, e isto acaba repercutindo negativamente. Faz tempo que não acirramos a campanha de arregimentação de novos postulantes à imigração. Por que o senhor não vai para a Alemanha, dar algumas palestras, publicar seus artigos em alguns jornais idôneos para ver o que acontece? Assim, quem sabe, volta mais descansado, meu bom amigo! – E assim falando, bateu amistosamente nas costas alquebradas do administrador da colônia.

Todos sentiam que ele estava cansado e esgotado, pois o convívio com ele vinha se tornando cada vez mais difícil. Estava irascível e quase intratável, reagia com violência e indignação a qualquer fato que alterasse a sua rotina e a sua maneira inflexível de pensar. Muitos comentavam que faltava para o Doutor uma esposa. Afinal, já estava com 46 anos e continuava solteiro!

- Mas como vou deixar minhas responsabilidades aqui na colônia e partir, ainda mais com este clima de guerra por todos os lados?

- *Herr* Wendeburg pode muito bem assumir em seu lugar, Doutor... – Quem assim falava era o tímido Theodor Kleine, que acompanhara toda a discussão mergulhado em seus papéis, ele que

trazia toda a documentação da colônia em absoluta ordem, com um trabalho impecável e metódico. Conquistara completamente a confiança do Doutor Blumenau com seu jeito calmo e compenetrado e dificilmente opinava sobre as questões da colônia. Quando falava, no entanto, todos ouviam, pois sabiam que suas ponderações eram sempre sábias e prudentes. Ele continuou:

- *Herr* Wendeburg tem acompanhado o seu trabalho de perto como seu assessor mais direto e conhece tão bem quanto o senhor os problemas de nossa colônia; ele pode dar conta de tudo muito bem enquanto o senhor viaja.

- É claro que tenho absoluta confiança em ti, Wendeburg... Mas viajar, partir numa hora tão tumultuada, não sei não...

No entanto, a ideia já germinava e botava raízes firmes no coração do colonizador. E no mês seguinte, muito embora tivesse recebido uma surpreendente remessa de verbas do Governo Imperial e mandado iniciar, finalmente, a construção da casa de administração da colônia, organizou seus papéis e, depois de incontáveis recomendações, deixou a colônia nas mãos de Hermann Wendeburg, assessorado por Wilhelm Friendereich, Theodor Kleine e Emil Odebrecht. Ninguém pode negar que foi um período de relativa paz, embora os rumores da Guerra do Paraguai estivessem cada vez mais acirrados.

Naquele mesmo ano, alguns meses depois da partida do Doutor Blumenau para a Alemanha, a Guerra do Paraguai deixou de ser uma distante futrica do Império e se tornou uma crua realidade. Uma comissão de arregimentação apareceu em Blumenau, procurando voluntários para lutar na guerra contra o ambicioso país vizinho que, diziam em tom de voz indignado, queria tomar conta do sul do país.

Alarmados e sentindo-se ameaçados no que tinham de mais sagrado – a sua terra – os alemães começaram a pensar seriamente em participar de uma guerra que não era deles. Um sentimento de patriotismo cultivado desde priscas eras na pátria e fermentado no amor pela nova terra, que já sentiam como sua, brotava forte no coração daqueles alemães. Hermann Wendeburg chefiou os trabalhos e andava para cima e para baixo com os homens da comissão, conversando com seus patrícios e explicando a importância da participação dos alemães.

- Temos que mostrar para o Imperador que somos parte desse país, de verdade e de coração! – argumentava ele, febril e empenhado em convencer cidadãos de Blumenau a participarem do batalhão que procuravam formar. Emil Odebrecht, Von Gilsa, Sametsky, Von Seckendorf e até Wilhelm Friendereich, apesar dos protestos e do choro de Minna, apresentaram-se como oficiais para liderar os blumenauenses. Em breve, sessenta e sete cidadãos se apresentaram e formaram o batalhão blumenauense de voluntários da pátria, que seguiram em setembro para Desterro.

A guerra com o Paraguai, no entanto, foi fonte de grande decepção para muitos bravos voluntários, não só para os blumenauenses. Doenças, morte, tristeza, decepção e mágoas foram a grande recompensa dos soldados que lutaram nesta que foi a mais inglória das guerras. Com o tempo, doentes e desmotivados, começaram a retornar às suas terras, não só os legítimos cidadãos blumenauenses, mas também muitos outros tipos estranhos. Como eram tidos na conta de desertores pelo governo brasileiro, embrenhavam-se mato adentro e passavam a viver de pequenos furtos, ou quase como animais, no interior da selva. Tipos estranhíssimos apareceram em Blumenau e por aqui ficaram um bom tempo, acirrando os preconceitos da fechada sociedade blumenauense.

Cidade de Blumenau
Setembro de 1900

Uma alvorada dourada despejou-se sobre a cidade. O sol nascente derramou um ouro líquido sobre a superfície plácida do rio Itajaí-Açu, repetindo um ritual de beleza que vinha acontecendo desde tempos imemoriais. As reverberações da floresta ainda próxima, mas a cada dia mais afastada da cidade, desdobravam-se naquele amanhecer cuja energia trazia algo de especial. A natureza parecia perceber e festejar a importância da data que seria comemorada.

Bonifácio Cunha, um baiano que viera dar os costados na terra blumenauense e era agora Superintendente do Município, transferira a comemoração oficial da cidade para a data de 2 de setembro, em alusão à chegada dos primeiros pioneiros, há cinquenta anos.

Cinquenta anos! Parecia inacreditável que tantos anos haviam passado e tanta coisa havia acontecido desde aquele domingo de imemorial recordação, quando as balsas trouxeram os primeiros dezessete pioneiros, com uma bagagem prenhe de sonhos e ilusões.

A população de Blumenau, contando à época com quase vinte mil almas, foi acordada com o alegre repicar de sinos e o troar de morteiros disparados na praça central, a fim de marcar o início das comemorações. Sem demora e expressando ansiedade, os cidadãos começaram a fluir de suas casas para a praça onde, reunidas as principais autoridades, foram hasteadas as bandeiras. Nomes ilustres de outrora olhavam com aturdimento para a nova Blumenau, na qual as casas despontavam a cada esquina e a mata ia sendo gradativamente expulsa do seu coração. Ao redor das poeirentas vielas e ruas iam surgindo a cada dia novas construções e a linha do telégrafo – suprema modernidade – atravessava Blumenau, desafiando os descrentes daquela rápida e incompreensível forma de comunicação que acabava de surgir. Obras no centro da cidade, postes empilhados ao longo da rua principal também demonstravam que em breve a luz elétrica, uma invenção que para muitos ainda parecia coisa do demônio, passaria por aquelas ruas, sepultando para sempre a acolhedora escuridão da noite, banhada até então apenas pela luz das estrelas.

Desde a emancipação definitiva da Colônia Blumenau, em 1882, e a partir da eleição e instalação da Primeira Câmara de Vereadores, o progresso parecia estar invadindo a cidade a passos cada vez mais largos e assustadores. Já não era o idioma alemão que imperava em todos os locais, e viam-se muitos brasileiros, morenos, caboclos e italianos misturados aos alemães originais. A miscigenação racial era uma realidade, e nada mais significativo para representá-la do que o casamento da própria Clara Friendereich, filha do mais emérito pioneiro da cidade, Carl Wilhelm, com Antunes, o detestável homenzinho que viera chefiando uma comissão enviada pelo governo para providenciar reparos após a grande cheia de 1881 e acabara ficando na cidade e se casando com a jovem. Ele fora muito rejeitado e criticado pelas gentes blumenauenses, e os ânimos só haviam arrefecido por conta deste casamento, que obrigara Friendereich a tomar partido do genro e, assim, fazer com que muita gente se calasse e engolissem o moço.

Agora, anos já passados, os ânimos haviam serenado, e todos sorriam e se cumprimentavam amavelmente.

Blumenau estava longe de ser a ilha de paz e sossego que já fora em idos tempos. Com a Proclamação da República, há onze anos, um clima de guerra e revolta varrera todo o país e não deixara incólume aquela pacata cidadezinha, acirrando ânimos e dividindo os cidadãos em partidos opostos. Ferrenhas disputas verbais, que não raro descaíam em lutas corporais, guerrilhas, prisões, revoltas, de um tudo já havia acontecido em Blumenau, deixando a marca da nova civilização e do novo século que se avizinhava.

Desde aquela época o Brasil inteiro fervia com rixas e disputas políticas e o governo estivera durante muito tempo assoberbado, procurando assegurar a vacilante cadeira presidencial para poder socorrer estados e municípios. Havia sido um período de “*salve-se quem puder*” e nem mesmo a pacata Blumenau escapara deste clima que contagiara todo o país. Surgira então uma nova ordem

popular: reclamar de tudo, fazer acirrada oposição e achar-se no direito de dar opiniões e intrometer-se na vida administrativa do país.

Até Maçonaria já havia em Blumenau! Desde 1894 fora fundada oficialmente a primeira Loja Maçônica da cidade, denominada de “*Zur Friedenspalme*” (Palmeira da Liberdade), tendo como um dos seus principais fundadores o próprio Dr. Blumenau. Os comentários a favor e contra haviam sido muitos, e vários cidadãos blumenauenses haviam considerado uma heresia inominável a instalação de tal abominação em Blumenau, enquanto outros comemoravam o fato como relevante e propício à elevação da cultura local.

Perfilado diante das bandeiras e cercado do carinho e admiração de todos os presentes, Carl Wilhelm Friendereich olhava de olhos marejados para o meridiano céu blumenauense. Jamais voltara à pátria que o vira nascer. Adotara o Brasil, e mais especialmente a cidade de Blumenau, como seu torrão amado, por isto aqueles momentos tinham um inusitado gosto de saudade antecipada. Partiria assim que terminassem os festejos e a homenagem que a ele seria prestada na Câmara Municipal. Depois de diversos anos como colaborador do Museu Paulista, atividade que iniciara sob os auspícios de seu saudoso amigo Fritz Müller, acabava de ser convocado para um compensador emprego naquela prestigiosa instituição. O peso de seus 78 anos fizera com que aceitasse o cargo, quase honorífico, a fim de oferecer tranquilidade à sua velhice e de sua amada Minna. Para ela, a dor da separação era maior, e por diversas vezes fora, nos últimos dias, sentar-se ao seu orquidário, quedando-se quieta e pensativa, enquanto mirava com desmedido amor as suas adoradas plantas. Passara anos cultivando-as, caçando-as no mato como relíquias preciosas, aprendendo a duras penas os mistérios do seu cultivo, enquanto continuava a ser uma das mais operosas e respeitadas cidadãs blumenauenses. Viera moça, quase menina, para aquele fim de mundo, e lá construíra as bases de sua existência. Agora, entrada nos setenta, sentia balançar todos os alicerces da sua estrutura. Mas, ainda uma vez, cabia-lhe seguir o marido e enfrentar novos rumos e diferentes voos. Mal sabia ela que Wilhelm ficaria apenas alguns meses no cargo, partindo ainda naquele ano de 1900 para a vida eterna.

Perfilado ao lado de Friendereich, ostentando uma barriga rotunda e pronunciada, Friedrich Riemer trazia um enorme e lustroso charuto na boca, embora estivesse apagado. Tinha desenvolvido este costume, e havia anos que ninguém o via sem um charuto na boca, embora poucas vezes estivesse aceso. Estava velho e um pouco alquebrado, mas seus olhos denotavam toda a felicidade de uma vida fértil e progressista, feliz ao lado de sua amada esposa Louise, que lhe dera onze saudáveis filhos, a maior parte dos quais trabalhavam com ele, fazendo prosperar, cada vez mais, a Fábrica de Charutos Riemer.

Após a homenagem na praça, aconteceram simultaneamente missas e cultos em todas as capelas e igrejas do município, tanto as católicas quanto as luteranas. O povo dividiu-se entre as diversas igrejas, rendendo graças por todas as conquistas que havia a comemorar.

Logo após o almoço, aconteceu uma Sessão Magna na Câmara Municipal de Vereadores. Oscilante e apoiado numa bengala, a entrada de Paul Kellner no recinto causou grande comoção. Embora estivesse com 73 anos, portanto mais novo que Friendereich, a dura vida no mato havia cobrado seu tributo e o corpo do rijo pioneiro estava alquebrado pelos anos de árduo trabalho. Sua esposa Ottilie vinha amparando-o e, à sua entrada, murmúrios de admiração se fizeram ouvir:

- Que brava mulher Kellner teve a felicidade de encontrar!

Sempre ao seu lado, morara durante mais de vinte anos no mato e lá criara seus nove filhos, cuidara da imensa propriedade, sempre mantendo boas roças, horta e pomar fartos, um jardim de mil cores e perfumes, uma criação exemplar e um sem-número de outras tarefas. Somente em 1877, há treze anos, Kellner havia finalmente cansado da vida isolada que levavam e adquirira um hotel em Itajaí, então já uma próspera cidade portuária. O Blumenauer Zeitung, jornal genuinamente blumenauense, fundado por Hermann Baumgarten e que vinha circulando na cidade regularmente desde 1881, havia noticiado que o velho pioneiro fizera negócio com o Sr. Gabriel Heil, adquirindo o renomado “Hotel do Comércio”. Não duraria muito, porém, a aventura comercial de Kellner. Alquebrado pelo trabalho duro e com a saúde já abalada, depois de alguns anos passou adiante o estabelecimento e foi morar em São Paulo, de onde viera para a festa em comemoração aos 50 anos de Blumenau. É

que ficara sabendo das intenções de se comemorar o cinquentenário da cidade, mas havia algumas dúvidas sobre a data, uma vez que sempre havia sido comemorada a data instituída pelo Doutor Blumenau, de 28 de agosto. Escrevera então ao seu compadre Guilherme Asseburg, de Itajaí, esclarecendo todas as dúvidas, pois desconhecera o fato de que Friendereich estava ainda na cidade, uma vez que há anos não se falavam. Daí o convite fora apenas um passo, e agora estava ele ali, com os olhos toldados pela imensa emoção de rever aquele torrão amigo e saudoso da terra que o acolhera tantos anos atrás.

A figura mais lembrada durante a homenagem, no entanto, foi a do Doutor Blumenau. Em seu emocionado discurso, Bonifácio Cunha exaltou suas qualidades incomparáveis de um caráter ilibado e os esforços incontidos para fazer de Blumenau um verdadeiro sonho tornado realidade. Infelizmente o velho pioneiro falecera no ano anterior, na Alemanha, sem realizar seu grande sonho: voltar a Blumenau! Desde que retornara casado para o Brasil em 1869, depois de passar sete longos anos na Alemanha, nada mais havia sido como antes. Sua esposa Bertha não gostava do Brasil, reclamava constantemente do calor e dos insetos, e sentia muita falta da Alemanha e da família. Com a total emancipação do município e a dissolução do corpo administrativo da colônia, Blumenau já não tinha mais função na cidade, e sentia-se velho e cansado. Por fim, cedendo às pressões familiares e às necessidades financeiras, acabara voltando à Alemanha em 1884, lá ficando até morrer, embora tivesse continuado a militar arduamente em prol da causa da emigração. Naqueles solenes momentos, no entanto, todos lembravam sua figura firme na condução da incipiente colônia que agora vicejava como a bela e progressiva cidade encravada feito joia no próspero Vale do Itajaí. Tanto que, no término da solenidade, todas as autoridades e convidados presentes dirigiram-se para o Jardim Público a fim de assistir à cerimônia de lançamento da pedra fundamental do monumento ao Doutor Blumenau. Era mais uma iniciativa de Bonifácio Cunha, a fim de resgatar e prestar merecidas homenagens ao abnegado fundador. Depois de todos aqueles anos, o lado humano do doutor, seus humores alterados e a conhecida mania de reclamar de tudo e de todos, apagava-se para refletir a grande obra que enfim realizara: a fundação daquela bela e importante cidade, que hoje estava definitivamente fincada no chão catarinense como se fosse uma árvore da mais nobre madeira que, embora vergando-se aos ventos de tempestades diversas que a haviam açoitado, continuava altaneira e firme a sinalizar sucesso do ideário daquele grande homem! Tantas calamidades, principalmente as malfadadas enchentes, haviam desafiado a fibra daqueles homens... A selva inclemente, a belicosidade dos bugres que se sentiam eternamente invadidos e lesados pelo homem branco, a agressividade dos animais selvagens, o clima e os insetos que infernizavam os colonos durante os longos verões! Foram tantos desafios a fazer reverberar e ressaltar a fibra do blumenauense, fruto da inusitada mistura do sentimento alemão sazornado ao sol do novo mundo... Era uma herança e tanto que ficava para as gerações vindouras! Havia que lembrar, festejar e homenagear sempre aqueles pioneiros destemidos e tudo o que haviam realizado. Ao anoitecer, foram acesas grandes fogueiras nos morros, emprestando à cidade um ar mágico e causando grande encantamento nos cidadãos.

Nas águas do rio Itajaí-Açu, o grande palco onde se haviam desenrolado as maiores tragédias daquela colonização, três vapores estavam postados a fim de disparar fogos de artifício, numa verdadeira batalha de luzes e cores, que causou espanto, admiração e alegria aos moradores e visitantes ali presentes. A última parte da comemoração foi um baile, realizado na *Blumenauer Schutzengesellschafts-Verein* (Sociedade de Atiradores de Blumenau) onde a sociedade em peso se reuniu para, enfim, gozar a felicidade das conquistas dos últimos cinquenta anos.

A cerveja gelada rolava solta e os copos encontravam-se no ar, em múltiplos “*prosit*” trocados entre os presentes.

Sentados à mais importante mesa da festa estavam Paul e Otilie Kellner, Carl Wilhelm Friendereich e Minna Friendereich acompanhados do casal Antunes, cuja esposa era sua filha Clara, além de Friedrich e Louise Riemer, junto aos quais estavam os filhos maiores. Também lá estavam sentadas Marie Tereich e Christine Grahl, com seus respectivos maridos e filhos, representando a família Kohlmann. Ambas tinham, depois de algum tempo, encontrado a felicidade ao lado de suas

respectivas famílias, e embora tivessem perdido a mãe há muitos anos, estavam realizadas. Andréas, seu irmão, também se casara e tivera muitos filhos, mas não pudera estar presente à grande festa, pois viajara a negócios. No entanto, dos seus seis filhos, os dois mais velhos estavam presentes com as tias, representando o pai.

Kellner, Friendereich e Riemer levantaram um brinde especial em homenagem aos amigos ausentes, destacando Franz Sallenthien e Reinhold Gaertner, que tão companheiros haviam sido durante aqueles árduos primeiros anos. Gaertner havia morrido na Alemanha, depois de sua desesperada ida para lá em busca da esposa ingrata, e nunca mais retornara à terra que adotara com tanto entusiasmo. Era triste para seus amigos saber que morrera tão jovem, com apenas 39 anos, amargurado e infeliz devido ao fracasso de seu casamento. Já Sallenthien havia retornado para a Alemanha definitivamente em 1869 e, de quando em vez, enviava longas cartas falando de sua felicidade em morar novamente na amada terra natal. Fez-se um silêncio no recinto e o mestre de cerimônias anunciou com voz tonitruante:

- Agora, ouviremos uma homenagem aos pioneiros que colonizaram nossa terra com tanta dedicação e sacrifício, convidando o jovem Ernst Riemer, filho primogênito de Friedrich e Louise Riemer, para recitar a poesia “Mein Vaterhaus”, de autoria do jovem poeta alemão Rudolf Damm, que está vivendo entre nós há alguns anos.

Ernst levantou-se sob uma imensa e entusiasmada salva de palmas e, vermelho como um camarão encaminhou-se para o palco sem titubear. Era alto e muito magro nos seus 18 anos, tinha cabelos avermelhados e um rosto salpicado de infinitas sardas. Mas trazia no ar uma graça herdada da mãe e tinha os mesmos olhos de um luminoso azul. Sua voz espalhou-se, sonora e firme, pelo salão iluminado, recitando:

Mein Vaterhaus

*Aus blauen Wogen steigt ein Land,
Na Schönheit, Glanz und Ammut reich;
Der Urwald ist sein Prachtgewand;
Auf Erden ist kein Land ihm gleich.
Aus dem Orangenhain heraus
Schaut hier mein liebes Vaterhaus.*

*Hier fand der Nordens blonder Sohn
Ein neues Heim auf gruner Flur.
Hier spendet ihm verdienten Lohn
Die ewig in einem BlütenstrauS
Versteckt liegt hier mein Vaterhaus*

*Fruh bei der Sonne erstem Strahl
GruSt Vogelsang den jungen Tag.
Weithin schon durch das stille Tal
Erklingt von Wald der Axte Schlag.
Und in die Morgenpracht hinaus
Tret'ich aus meinen Vaterhaus.*

*Flink regt Hande jung und alt
Und schafft mit nimmermudem FleiS
In Flur und Feld, in Wie's und Wald
Und wohlgemut, trotz saurem SchweiS,
Bis abends suSer Ruhe Gluck
Sie winkt ins Vaterhaus zuruck!*

*Klar weht der Bach, lind weht die Luft
Und Fruchte reifen ohne Zah!
Rings Sonnenschein, rings Blumenduft –
Hier kennt das Herz nicht Sorg'und Qual!
Wo ist ein Heim, landein, landaus,
So schon wie hier mein Vaterhaus?*

Minha Casa Paterna

De azuis vagas uma terra emerge,
Rica em beleza, brilho, encantos;
A mata virgem é seu luxuoso manto;
No mundo terra sem par.
Do laranjal me acena
Minha casa paterna querida.

Aqui o loiro filho do norte
Novo lar em verde campina encontrou
Aqui recebe seu pagamento
Da eterna e produtiva natureza.
E como num ramo de flores
Minha casa paterna aqui se esconde.

Cedo, ao primeiro raio de sol
Saúda das aves o gorjeio, o novo dia.
Mas já perpretando o silente vale
Ressoa na mata o golpear dos machados.
E no esplendor da manhã
Deixo minha casa paterna.

Hábeis se movimentam jovens e velhas mãos
E trabalham com incansável dedicação
Na roça e lavoura, em pastos e matas
E bem-humorados, mesmo sob acre suor,
Até que feliz e doce descanso
De volta os chama à paterna casa!

Em claras águas flui o córrego, amena sopra a brisa
E frutos sem conta maturam!
Tudo é luz do sol, tudo é perfume de flores –
Não se preocupa nem se aflige o coração!
Onde existe um lar, terra adentro, terra afora,
Tão belo como a minha casa paterna?

Olhos marejados de lágrimas, os presentes aplaudiram com entusiasmo Ernst Riemer, que corou como um garotinho e, com um gesto gracioso de agradecimento, voltou à mesa onde estava sentado. Sua mãe recebeu-o num abraço envolvente, deixando a emoção fluir aos borbotões através das lágrimas que rolavam livres nas faces emurchecidas pela força do trabalho de tantos anos. Eles eram o símbolo daquela comunidade, o verdadeiro espírito de Blumenau, que sabia vencer tantas dificuldades e encontrar alegria nas pequenas conquistas do dia a dia! Eles eram a verdadeira semente, transplantada de terras germânicas, que brotara e frutificara, com força e graça ímpares, naquele amado solo brasileiro!